

Victor Mota

Ratio Satis II

Flores de Mar: desracionalizando, pistas e hipóteses

Ensaio de Filosofia da Antropologia

Victor Mota

Instinto, Paixão e Competição

De como o homem torna a ser o que é

Argumento

A competição sempre fez parte da história do homem, nos mais diversos contextos da sua aplicação. Devemos tentar saber como o homem era violento em tempos primitivos e o torna a ser nos tempos modernos, ora por estar desfasado de uma domesticação do lugar que lhe traz conforto mental, ora por lutar por recursos e prestígio social. É isso que tentaremos abordar neste ensaio. No fundo, resta saber e equacionar quem e como exerce o poder, se as instituições, se este ainda pertence ao cidadão nos termos de um regime democrático, seja socialista, seja liberal.

Exploração

1.

O que faz um cientista social numa escola primária? Para ser antropólogo, proseguiu e cumpri diversos ritos de passagem, quer académicos que para entrar na vida adulta em sociedade, aquela em que vive, aquela que analisa. Em Portugal, em 2022 há apenas duas escolas em que se ensina antropologia no ensino secundário, isto quer dizer que há apenas duas quatro dezenas de alunos que estão suficientemente maduros para compreenderem o funcionamento da sociedade, do cosmos. Em todo o lado, a diferença está presente, a competição, é rara a fraternidade e mesmo esta tem um preço. Porque os meninos da cidade, pretos ou brancos, são uns tristes, diz o povo, porque não conhecem a simplicidade do contato com a natureza. Ação-reação. Ou revolução? Porque a competição enerva, causa nervos, stress, mas também a fraternidade, que dá mais trabalho construir. E tem o antropólogo de compreender o

todo, dando até oportunidade a outros para serem felizes. Por isso ele é uma aproximação de/a Deus, ao Deus, todo ciente e zeloso da sua tarefa magnânima.

2.

Dizemos tudo isto sem grande pressão, sem grande stress, espontaneamente. Por isso é brilhante o que escrevemos nestes tempos, ainda confiando no efeito regenerador da literatura na sociedade actual. Sim, porque os mais novos são arrivistas, têm a pretensão de compreender alguma coisa, quando há outro que pacientemente vão aprendendo, porque sabem que as coisas sociais estão ligadas e que o tempo trará o reconhecimento. São aqueles que, discretamente, cumprem e realizam o seu papel na sociedade.

3.

Então, porquê a competição? Eticamente, filosoficamente, teremos de pisar o Outro para o poder ultrapassar, para poder ir adiante no nosso ansioso caminho? A competição existe nos animais, e sempre existirá entre os homens, quanto mais não seja pelo jogo da sedução, o mito do herói civilizador, a conquista das mulheres. Imaginamos Nova Iorque. É bom viver lá, mas as patologias abundam, digamos que é uma sociedade de luta, competição, seleção, sob a lei de Darwin. Há povos a nações apolíneas, outras dionisíacas, não temos de estar sempre bem dispostos, há pessoas boas no campo e na cidade, afinal de contas o que é a normalidade? Essa é a luta de todo o homem, converter a sua loucura interior numa “apresentável” normalidade. O actor faz isso, mas nem todo o actor. O actor social também o faz...

4.

Na verdade, o que há entre o Eu e o Mundo? Uma verdade, uma justiça, um esquecimento. A sociedade, por vezes, exige demais de ti, mais do que podes dar, em nome dos outros, do Outro? Mas, o que é a sociedade? Não somos todos nós em nossa humana desumanidade? Então, onde está a ordem, a justiça, a lei? Qual o critério, único, para tudo correr bem? Cada pessoa tem o seu critério num regime de livre-arbítrio? E o crime, a violação, o abuso? Como, de resto, ser-se criativo e manter, ao mesmo tempo, a saúde e a integridade, a física e a psíquica? Alguns dão respostas, no âmbito de um regime científico, para produzir homens-máquina, outros preferem

olhar para o lado, outros para baixo, outros para cima e outro ainda se metem enroscados consigo mesmo no âmbito das suas coisas.

5.

Sim, não é somente na cidade, no campo também há competição, seleção natural, ou *seleção cultural*. E a relação entre normal e patológico? Não pode haver outra saída, outra saúde, ou seja, ser um louco normal, um louco feliz? E se o homem da cidade entende um gesto de bondade como uma doença, uma provocação, uma ofensa? É porque qualquer coisa há de anormal, muito para além da moral e dos bons costumes. Eu diria que tudo tem que ver com a relação entre profano e sagrado, sendo que este vai estando arredado das sociedades actuais e do seu núcleo de vontades...O sagrado pode ser sinal de loucura e vice-versa, enquanto o profano é sinal de imanência e fecundidade...

6.

É possível, é bom que aconteça o sonho, mas muitas vezes ele é uma desilusão vinda das nuvens. E o homem fecha-se, administrando uma réstia de felicidade que lhe resta. Muitos de nós sonhamos bastante, acho que todo o homem e mulher tem esse íntimo bom de que a coisa corra melhor para o Outro, porque quanto mais não seja porque todos já fomos crianças.

7.

De resto, onde radica o egoísmo senão no darwinismo social? Todos querem ser heróis, alguns pelo desporto, outros pela ciência, outros ainda pela disseminação do sagrado.

8.

A verdade sobre os homens e as coisa nunca é cómoda, a verdade é, na maior parte das vezes, bastante cruel, horrífica, desagradável. Terá o homem ainda ânimo para fazer e pensar o mesmo que o herói de Rousseau?

9. Por vezes andamos para trás e a carroça pára, o jumento ou cavalo já não pode mais, de outra maneira é o dono que está com dores ou, pior ainda, as rodas estão demasiado gastas ou a carga é demasiada para a mesma carroça...

Para quem sofre de OCD, o sofrimento é grande, mas se é e desenvolve o seu lado criativo, pode ser reconhecido pela sua arte, pela sua literatura, escultura, filosofia, arquitectura, olaria, decoração, moda, surf, etc. Mas, enfim, todo o criador sofre, e são dores de parto, o filósofo também sofre, quer a todo o momento amar e por vezes só consegue adiar porque algures, na sua vida, foi uma criança assustada, com medo dos outros, cheia de pudor e manias e sempre quis ser reconhecido. No fundo, o *bullying* é isso mesmo.

10.

Por outro lado, as leis da imitação sempre funcionaram e sempre, creio, funcionarão, porque nem todo o sujeito, actor, actor social, é integralmente original (deixemos isso à criação de Deus), o seja, os bons e maus exemplos propagam-se igualmente por forças incríveis que atravessam a menta das pessoas segundo os mais diversos contextos culturais. Por isso falei em *seleção cultural*, ou seja, é a cultura que comanda tudo, a biologia, a antropologia das coisas. Por isso é tão pobre, porque é universal, como a mensagem de Assis... O que mais acho estranho são os resquícios de mitologia nos países subdesenvolvido, sendo tão ricos, relativamente a grande parte deles. A fome e a subnutrição continuam a fazer mortes, entre crianças e mulheres. A violência doméstica continua a matar, bem como os acidentes rodoviários. Uma explicação? A desrazão, o abuso da normalidade, quando não se consegue encontrar um refúgio de calma, serenidade, paz, tranquilidade...

11.

A vida, pessoal e coletiva, é feita disso mesmo, tentativa, erro, erro mais erro, mais tentativa, é assim que o mundo “pula e avança”, como diz a canção. Pouco nos é garantido e a aprendizagem está sempre ao dispor, umas vezes temos isenção de propinas, outras vezes temos de sustentar os padres, mas são eles os que nos dão maior conforto, são especialistas nisso, em ajudar as pessoas a sentirem-se bem consigo mesmas, sem grandes alaridos ou pruridos.

12.

Quando fiz a minha tese de doutoramento, percebi isso mesmo e não muito tarde, espero. O homem (como a mulher), pensa com o corpo, porque é a imanência que está mais próxima, impregnada no seu espírito. Mas o espírito não se vê, mas precisa de um corpo para falar, logo a transcendência tem uma imanência a ela adstrita, uma raiz de pensamento, por isso dizer, como dizia um jovem historiador conterrâneo. A mulher, quando está grávida, também pensa com o corpo e, digamos, pensa duplamente, em função de si e do ser que tem dentro de si (da sua alma? Do seu corpo?). Por isso mesmo, vejo mais vantagem em pensar no Outro e ser feliz por ele, do que egoisticamente lutar apenas por nós mesmos, porque o Bem tem retorno e o Mal seca mais adiante depois de se fazer (sentir).

13.

Digamos que estamos numa era de *estilhaçamento dos critérios*, ou seja, hoje em dia todos são profissionais a agarram-se a essa certeza como se fossem desesperadamente morrer, a doutrina da Igreja continua retrógrada porque a Igreja, digamos assim, não é deste mundo, puxa tanto para cima que estica as barbas do homem até doer bastante, sem sentido, com mais ou menos fanatismo e sem colher grande coisa do pensamento intelectual de esquerda. É a (continuação da) globalização, o que podemos fazer? Travá-la? Não! A vida não se pode travar, porque jorra sempre, mais tarde ou mais cedo, até nos terrenos mais inóspitos.

14.

Há muito tempo que o Ocidente vive sob o signo do que poderia designar de *pulsão pragmática da prova*, ou seja, ter de demonstrar cientificamente e até filosoficamente, tudo e mais alguma coisa. O Ocidente é uma fábrica de heróis, para além do Sandokan. Isso gera stress, o poder e o dinheiro geram stress, ora porque nos preocupamos logo em gastá-lo, ora porque temos dificuldade em gerir. A questão judaica poder-se-á resumir a isto, ao dinheiro. Mas não é tudo, o corpo é o transmissor de uma alma doente, as escolas de todo o mundo estão doentes, dizia um filósofo do jornal Público de há dias. Como provei anteriormente, em Portugal não há “medo de existir”, como sugeriu José Gil há anos, talvez influenciado pelas altas esferas de filósofos altamente abstractos de Paris. E as escolas não estão doentes, tende-se, tende o homem ocidental, em ver tudo como doença, o desvio, etc, quando

a doença é apenas a consequência de um actor de coragem e de heroicidade mal gerido socialmente por parte do sujeito e até da sociedade, do grupo, digamos assim. E, afinal, o que é ter sucesso? É ser uma estrela, ir atrás dos outros, ser mais rico, chegar primeiro? Os primeiros serão os últimos, diz a Igreja.

15.

Quando fazemos as coisas sob pressão, estamos a ir contra a nossa vontade e natureza. Mas, na verdade, para vivermos em sociedade estamos num regime de compromisso, de entendimento das coisas sociais e, logo, não podemos ser totalmente livres. Mas, lá está, isso é também uma forma de liberdade, ou seja, cumprir as regras. Uma forma de realização do Ser. Por vezes, o Ter atropela o Ser e este vai-se esquecendo do Pertencer, do Viver e da poesia que há olhar pela janela de casa para a rua onde passa gente e carros...

16.

Há depois outra ideia que eu denomino de *pruridos da situação mental*, representações amontoadas no nosso cérebro ou que ele vai produzindo, tal qual *tweets* sucessivos que se desdobram e replicam antes e depois de um certo estado de pensamento, como se o cérebro se extiasse com a falta de movimento, interior e exterior, da realidade. Depois, o problema duro da realidade... Porque a realidade mental, por mais perfeita que seja, não iguala a realidade além do olhar, dos sentidos, quando a nossa civilização está influenciada pelo olhar desde cedo. Sim, somos uma *civilização do olhar*.

17.

A grande inovação da minha tese foi dar à filosofia o que era da antropologia social, ou seja, o método, a metodologia. Mas também enriquecer a própria antropologia, no âmbito de uma filosofia das relações sociais e humanas. Mas há mais pontos, que irei desenvolver um pouco um destes dias quando se aprouver a ocasião.

18.

Terá, então, a competição, que ver com os ambientes urbanos? Hollywood demonstra isso à sociedade, é na competição que o homem se realiza, antes de mais porque ela é relação, relatividade, seja na conquista das mulheres seja dos bens, status, prestígio. A etologia ensina-nos como isso também se aplica ao contexto humano-social, ou seja, aos animais apenas lhes falta a linguagem, mas, como nós, em agem com o corpo, diria mais, pensam com o corpo. Por isso se diz que a pornografia é animal (e não vegetal), é profana, obscena, porque a seguir à libertação que ela provoca, instala-se um grande vazio. Mas...as relação, no aspecto não-romântico não são, elas, também isso mesmo? O que é romântico é, digamos, o projecto de vida, de uma vida a dois, em que o sexo deixa de ser o foco da atenção, mais ou menos neurótica ou obsessiva, para ser compromisso, dependência no bom sentido da palavra.

19.

A pornografia pode formar, informar, mas alguns insistem que é apenas um pretexto para abusar de mulheres e homens, para entrar num papel de predador, sob a justificação de que ela é arte. A meu ver, não é, é apenas técnica, técnica que muitos dispensam porque preferem a metafísica e ocupar o tempo com muito mais coisa úteis, agradáveis, ante a espera, refrear o desejo para ele ser, digamos, mais potente adiante, de certo modo para aplicar no cenário da vida social.

20.

Assim, a solidariedade na cidade, tem que ver com papéis, num regime de *roleplay*, de fenomenologia e evento, ou seja, o acontecimento e a antropologia da crença é aí mais rápido e imediato, onde os valores têm o mesmo valor do que, digamos no campo, mas se aplicam física e fiscalmente de modo diverso, planteando um cenário de permissividade e de cumprimento da lei sobreposto a uma certa ilegalidade dos sentimentos. Mesmo assim, a desonestidade morre na esquina, não é tão descarada, porque há câmaras e polícia...política!

21.

A evidência é perigosa tanto para o actor artístico quanto para o actor social, se tiver pressa do intercurso ou desconhecer as regras do contexto sócio-cultural onde a sua ação se desempenha, se desenrola. Porque, ante a necessidade, certo indivíduo não está apto para o cálculo, ou seja, usa mais o coração do que o cérebro, não sabendo que eles os dois estão ligados um ao outro, concorrendo para uma ação social satisfatória, não ofensiva (a ética do cuidado de que fala Hans Jonas) e prefigurando-se como um trapalhão nas relações, ou seja, daria perfeitamente para uma comédia teatral, como aliás, de resto, é toda a vida humana, tem os mais diversos condimentos para ser apreciada, depressão, excitação, euforia e depois descanso, tal como num jogo de futebol entre duas grandes equipas e não precisam de ser profissionais.

22.

Por isso, talvez o verdadeiro filósofo seja o herói do *Cândido* de Voltaire, tal como no filme *Mustang*, do cavalo cruzado que vence todos os outros depois de apanhar pancada de um lado e do outro. É, de resto, essa a ideia do luso-tripocalismo e de Gilberto Freire ou Guimarães Rosa...

23.

E, perguntamo-nos, estará a antropologia na marginalidade? Ou será ela o cerne de tudo isto, ao lado da lei (o direito) e a teologia? Um pouco de tudo, cada macaco no seu galho, eu não posso, não devo, chatear o meu vizinho, mas posso emprestar-lhe coisas, oferecer-lhe um bolo pelo seu aniversário, étecétera, coisa e tal. Na vida, uma das questões centrais é a aprendizagem e mesmo no mundo da rua, essa aprendizagem é mais rápida e mais rapidamente transmitida, ao teu grupo, à tua família. Goody e Iturra falam disto. Ricardo Vieira, entre outros, apenas continuo esse pensamento. Eu sinto orgulho por ter sido seu aluno e muito do meu pensamento antropológico tem de ver com isso, com a troca, o símbolo, a metodologia certa para chegar a rebater hipóteses mais ou menos desafiantes.

24.

Ressentimento, ofensa, indiferença. O atento esquecimento da cidade, nomeadamente no metro, é quase criminoso, não há empatia, apenas fantoches que desenrolam seus papéis sociais ou individuais num determinado cenário de céu aberto, pensando que podem fazer o que querem só porque estão na cidade, o mesmo serve para o campo e para os terrenos mistos. Portugal está a perder a espontaneidade das relações e está a enlouquecer lentamente, tal como já está louca a França e a Espanha, pode comprovar em algumas viagens etnográficas recentes.

25.

Loucura coletiva, loucura individual, qual a relação, é preciso ir à raiz dos problemas, as pessoas descartaram a antropologia porque preferem o cinema, um mundo de ilusão e crime, porque já não estão satisfeitas com elas próprias por mais que tenha, êxito, prestígio, mulheres e homens, status, imagem, media.

26.

O corpo saudável, o corpo viciado, a mente saudável e a mente viciada, saciada, numa projecção da morte que há-de acontecer antes das mortes pequenas e num régimen de gestão da energia, vá-se lá saber porquê, apenas para viver e gozar a vida, o tempo, a margem, a passagem...

27.

Mesmo em termos políticos, o país encaminha-se para mais uma crise, virá fome, muita fome e miséria, porque a direita terá o poder de dispor-se a fazer o que a esquerda, moderada ou não, não ousou fazer. Depois, há o fenómeno do Chega e o risco dos extremismos, num país dependente dos outros em vários sectores económicos e essencialmente dependente do turismo, o que aumenta a sua visibilidade ante aqueles que o podem manipular, que podem querer manter os preços baixos da restauração, do lazer e das dormidas, para não falar de outras coisas menos aconselháveis: os turistas, precisamente.

28.

Sim, Portugal é um país emocional-dependente, aceita tudo o que vem de fora e quando se lembra que está mal, torna-se xenófobo, eis o perfil económico do Chega. Uma higienização da porcária e dos cães de rua, quando quem paga é o homem do lixo, que se calhar conhece melhor a vida dos nacionais (pelo lixo) do que muitos académicos que se sentam em cátedras de ciências exatas ou mesmo das humanidades e afins. E ainda se discute o classismo, enquanto a maioria da população não lê porque tem de trabalhar para pagar os medicamentos ou a escola, muitos panoveiam-se infinitamente nas universidades e os alunos sorvem alarvamente esses tiques, esses costumes mais ou menos brandos, brancos. Sim, porque tudo anda aos magotes e ninguém quer, desde já, morrer socialmente, perder o seu grupo, os seus amigos e nunca, são mais piegas, ou beatos, como dizia alguém, do que aqueles que estiveram no convento.

29.

Um país lascivo, liberal em algumas coisas, extremamente conservador em outras, aberto para umas coisas, extremamente fechado para outras, porque não são os homens os maiores culpados da violência doméstica e afins, mas as mulheres, que se enredam em romantismos provincianos, em cosmopolitismos bacocos e, no fundo, sem estudarem os costumes dos povos, ou seja, é a lei do desenrasque, interessa-me ser amigo de todos mas só quando eu estou bem, porque quando estou mal quero que me ajudem e sejam meus amigos. Hum?!

30.

Ou seja, eu não chateio ninguém, faço a minha filosofia e ainda que só e carente, porque é esse o preço de toda a literatura, tenho ainda por cima de agradecer e se for preciso tenho de baixar as calças ao serviço dos outros. O sistema de ensino, desde as praxes às avaliações, está marcado por isto, esta pobreza de espírito que permeia alunos oportunistas porque já os seus pais o eram, a lei tudo explica, tudo condiciona e os jornalistas apenas têm de informar, de escarificar o momento da ferida da opinião pública face àquele que trinca uma pêra Rocha na rua mais acima...

31.

Sim, há uma luta entre o parisiense e o lisboeta, ou alfacinha, talvez sejam ambos racistas, talvez não, mas entre um e outro são-no de certeza. Enquanto um é direto e frontal, o outro anda na reviença todo o tempo, inventa, dá voltas e mais voltas e é psique, ou seja, leva tudo a peito. Daí a competição (de galos). Mas, de resto, entre o norte e o sul, a contenda é também a mesma, ou seja, no futebol pode ver-se esta luta e se um homem como Pinto da Costa tem tocado nesse ponto sensível através dos anos, pela afirmação do seu clube, é porque o lisboeta sente isso, esta diferença entre norte e sul, que também se desenha e articula de modo particularmente acintoso na política, onde a maioria dos eleitores do PSD são do centro e norte do país, os do PS do centro e sul...

Remissão à Existência:

De Como o Homem acaba por se Salvar

Hipótese/Argumento

Quando ficas sozinho na teia e selva do social, acabas por fazer uma remissão à existência, ou seja, não apenas em termos psicológicos, mas antropológicos, referenciar a tua acção a um registo biográfico que confere alguma ética e coerência aos teus dias e alguma paz de espírito, fazendo da tua vida uma obra de arte. Assim o homem se salva, todos os dias

Desenvolvimento

1.

Tudo começa com uma pulsão para ser escravo de uma ideia inata, primeira, primária, porque a ânsia territorial e felina do homem o leva a ser agressivo para com o outro, fisicamente, sexualmente, porque não há uma boa gestão de emoções, dependendo esta obviamente do contexto cultural, nacional, existencial. Não é problema nem pecado sentir essa pulsão, ela leva-te para a frente, aprender, apreender, tal como um conquistador de outras terras. A etologia ensina-nos que os animais é que a levam à certa: só lhes falta falar, sentem o mesmo que nós e em resposta a qualquer agressão à sua integridade, reagem quase automaticamente, até são brincalhões.

2.

Deixei de me concentrar, de me focar, no sentido da visão. Ainda via, mas era como se tivesse cego e mesmo sem ver, via mais do que todos os outros. Por isso fui, pelas mãos, apreciando o sentido do tacto e no banho deixei de lavar os fundilhos. Podia ser uma pestilência, mas eu sabia que, enquanto antropólogo, isso iria ter um certo efeito nas pessoas que me rodeavam e sabia que esse efeito seria bastante positivo.

3.

Depois, no meu trabalho de terreno, percebi como é que o gestor do supermercado ganhava dinheiro, com a margem entre o preço na prateleira e o da caixa. Muitos supermercados faziam isso, outros não. Entretanto, a loja dos chineses estavam em obras, um velho chamava-me de amaricado enquanto um local do bairro, um tipo acintoso de cabelo mal amanhã, levantava a crista para mim enquanto coçava a garganta. Eis alguns dos episódios do meu dia a dia naquele bairro, já lá vai cinco anos. Estava bem e estava mal, as pessoas eram quezilentas e estranhavam um forasteiro como eu, que vinha da aldeia de Paris, para um bairro lisboeta cosmopolita, cheio de ucranianos, nepaleses e chineses. O que se estranha entranha-se e eu não contava sair dali tão cedo. Conseguia agora em Lisboa uma certa paz que me permitia ler, investigar, produzir textos, mesmo não dando tantas voltas, como antes, no Alto de São João e no Parque das Nações...

4.

Sim, sugeri o trabalho de campo etnográfico como a “melhor” metodologia para fazer filosofia, pelo menos para mim, para melhor poder compreender o homem. Mas também me ocupava de outros itens da filosofia. Quase que havia conseguido um lugar de professor numa escola. Os meus inimigos não me podiam fazer mais mal do que haviam feito e eu continuava, lembrava-me do Professor Vale de Almeida e do trabalho que havia tido para fazer reconhecer o casamento LGBT em Portugal, as ofensas que pendiam sobre as suas costas (“vai levar no cú”) pendiam também agora, um pouco, sobre mim. Tinha imensa consciência de que era, ainda, hetero, mas podia bem ser que a minha imagem sexual social fosse mais da ordem do gay do que do bi... O meu pai? Os amigos gozavam-no por causa disso, mas eu sei que ele me amava e que me compreendia e eu não forçava, ligava para casa, pois a minha mãe ainda me compreendia...

5.

Mais uma vez, eu tinha de me haver com os *galos* do bairro e até de outros bairros, quando nem sequer havia estado com mulher local alguma... Sabia que eram eles que controlavam a rua e eu optei por uma nova estratégia para evitar o confronto: desviar-

me das suas atenções, passar discretamente por eles sem me submeter a coisa alguma, sem entrar em confronto por razão alguma. Nesses dias, lembrava-me de Pina-Cabral e do Paulo Valverde, que não era minimamente agressivo com ninguém...

6.

No supermercado, pagava exageradamente, embora as coisas fossem baratas, mas sabia que tinha crédito, por cinco cêntimos em falta podia levar um produto ou outro e pagar o restante no dia seguinte. A população era diversa e multifacetada e até havia pessoas de bem, como se diz por aqui, pessoas com uma certa nobreza e estatuto. Estava a construir-se um Continente, um hipermercado de grandes dimensões, mesmo à porta de minha casa e vários outros prédios surgiam, a pouco e pouco. A prostituição era rara, que eu sabia, por outros tempos, apenas havia duas casas, que se mantinham e que eu nunca mais visitara, pois deixara de frequentar prostitutas, de todo...

7.

Eu sabia que estava a enveredar por um caminho diferente, novo, original, que se podia chamar de pós-metafísica. Não sabia se o termo já existia, mas fui pesquisar...Eles observaram o meu comportamento, sabiam do que eu estava a passar, não por mim, mas pela minha família, pela minha mãe e nada faziam, os de Moscat e os de Lisboa, inclusive gente da rádio e da televisão. Se não soubesse manobrar as coisas, já me teria queixado às autoridades, mas não, eu não tinha segurança, polícia como confidente, advogado e até para arranjar médico de família me via grego.

8.

Sim, talvez estivesse a tocar no nervo ótico de certas pessoas, nos seus interesses, a descobrir certas coisas, por isso, até sem ganhar monetariamente nada com a coisa, era tanto amado como odiado, passava o meu humor do oito para o oitenta de um dia para o outro.

9.

Corria o risco de ser como que um “objecto-sujeito estranho” no bairro, um apêndice de quem ninguém quer saber, mas que está lá e sem ele as coisas não podem funcionar devidamente. Eu tinha consciência disso, da antipatia das pessoas e sabia

que não era o único, havia pessoas e pessoas, mas a minha paciência estava chegando ao fim. E eu ia aguentando, ao mesmo tempo que deva força à minha mãe, que era para ter vindo nesse fim de semana e que, por motivos de saúde, não o fez.

10.

A normalidade tem que ver com uma coisa simples: fazer parte do rebanho, pois quando és a ovelha negra e contrarias o pensamento e comportamento da população, do rebanho, és ostracizado, posto de lado. Aí, só te resta fundar um clube de ostracizados. As regras da convivência humana resumem-se a isso, na caça às bruxas, na declaração de maluquice que se faz ao outro, no fundo, singrar apoiando-me no Outro. Este é um problema que vem do fundo dos tempos, dos primórdios da humanidade e só recentemente se contrariou, se identificou, a fim de fazer nascer a fraternidade, a solidariedade.

11.

Aí estava eu, no meu apartamento e sentia-me na pele daquele negro que haviam morto a tiro duas ruas abaixo da minha casa. Sim, sentia-me discriminado e muitas vezes tinha medo de sair de casa, que me dessem uma tarefa, que me aviassem numa esquina, que me despachassem o coiro. Podia pensar de outra maneira, mas o facto de estar em solidão levava-me a ser pessimista. Eu era antropólogo mas evitava de o ser porque isso traz muitos problemas. Traz muitas coisas boas, mas problemas também. Bem como a filosofia, admiram-te mas não te cumprimentam nem perguntam como estás. Estava, enfim, refém do meu pensamento e da opinião dos outros, era discriminado à toa, por este a aquele que opinava negativamente sobre mim, mesmo debaixo das minhas barbas, desde garotos de rua a senhores doutores.

12.

A crueldade e indiferença grassavam. Sob o rótulo da liberdade, da democracia e do 25 de Abril, batia-se nas mulheres, e matava-se por um mero fósforo de cigarro. Mas a situação não se restringia a Portugal, ia desde aqui até à Ucrânia, apanhando norte e sul da Europa. Teria sido a globalização? Estava definhando o espírito humano?,

deslizando da civilização para a barbárie?, e se é de pensar que o homem evolui para melhor, estaria desinvoluindo? Enquanto isso, alguns refugiavam-se na religião e o papa chamava a atenção para o que chamava de “cientistas do apostolado” ...

13.

Sim, talvez fosse todo este atraso, retrocesso, uma consequência do multimédia, da tecnologia, da ideia de que o homem podia interferir na natureza, controlar tudo, até o seu próprio destino, não estando dependente de nenhum Deus. Consequência da ideia de que, seguindo Nietzsche, o Homem se matou a ele próprio depois de se tornar Deus, depois de ter morto Deus...

14.

O Homem, fica, então sozinho, depois da sesta, depois da festa, na ressaca de qualquer coisa que bateu num muro ou contra um pinheiro, foi o seu carro, ele serve-se da categoria pensar para voltar atrás e pensar, digamos, no seu passado, nos dias que antecederam um momento presente, um dado estado de coisas. Dessa solidão, terá de se salvar. Não é forçoso que aconteça, nem é preciso forçar para se salvar, apenas se deixa ir no barco, sentindo a sua pulsação, a sua respiração...

15.

Foi passando mal, aqui e ali, mas tirou sempre algum registo de tudo isso, quanto mais não fosse para memória futura, para ilustração dos outros. Até a sua doença era útil aos outros...

16.

Assim, o sujeito continua sozinho, mas já no âmbito de uma pós-metafísica, ou seja, entregue a ele próprio, onde deverá acontecer o encontro com o Outro, pois é sempre isso que acontece, tal como Ronaldo marca mais um golo ou assina mais um contrato com um novo clube, mesmo aos 37 anos. No dia anterior a certos acontecimentos, à

sua disposição e suposição, à indisposição do sujeito, as coisas estavam bem, gostavas da casa, entendias-te com o teu animal doméstico. Depois, não conseguias dormir, não querias entrar nesse domínio, para fizeste-o, por tua própria mão, numa outra dimensão, desta vez eflúvia, atarantadora do teu corpo e ameaçadora do teu espírito, que nem sempre está forte. Por isso, entraste nesse domínio por uns minutos, breves minutos, em transe e procuras voltar a um estado inicial (de pureza), é como Adão, que depois do pecado gera a culpa que corrói o seu ser e procura sempre voltar a um estado anterior, não conseguindo, porém, fazê-lo. Assim é a remissão à existência, perguntas-te se valeu a pena, olhas para um ponto ou outro e procuras apoio para o teu estado actual, porque queres que a tua existência seja única, uma estrela única brilhando no firmamento...

17.

Sim, a vida é uma luta e talvez os mais agressivos sejam mais humanos, porque, afinal, apenas querem defender o seu território. Eis o condicionamento da violência, nos termos de uma ciência social e psicológica. Todos procuram a certeza, enquanto o filósofo vai, de dúvida em dúvida, de interrogação em interrogação, procurando chegar à verdade. Que pode não ser uma certeza, mas algo mais surpreendente, revelador...

18.

Mas, como pode o homem avançar olhando para trás? Corre o risco de tropeçar e cair no precipício. Dá a sensação que caminha para diante com a cabeça virada para trás...

19.

Mas o filósofo também procura certezas, como que procura validar o seu passado, legitimá-lo socialmente, nos termos de um reconhecimento face à comunidade a que pertence. Eis o ponto morto, é preciso continuar, engatar uma nova mudança ou apenas, só apenas, reparar a corrente ou um pneu ou dar mais combustível ao motor ...

20.

Assim, o homem está preso, é preso do seu passado, dos passados que deu e não deu, das hipóteses, goradas ou conseguidas e, para salvar a pele, para sobreviver (e esperar uma nova saída para a mente e o corpo), deixa-se estar no seu compartimento, na sua cela, como o monge, aliado à sua comunidade. Não avança, deixa-se estar, permanece, o seu espírito está longe, mas ele está ali, preso, enlouquecendo, preso ao seu passado que o atormenta, porque no final de contas todos procuramos ser normais, nós mesmos, e acabamos por não o fazer, não se sabe bem porquê, acabamos por fugir de nós mesmos e andarmos fugidos, refugiados de nós e dos Outros, das nossas raízes, ainda que confinados, não se sabe bem porquê e como. E acabamos assim, sendo mentes circunstanciais e da loucura e desrazão fazemos felicidade e bem-estar, pela enghosidade do homem, pelo sentido de desprendimento e surpresa, pela vontade criativa e pela solidariedade que encontramos numa rua esquinada desesperadamente no dia seguinte com alguém...

21.

O corpo vai, através do tempo, fazendo sobreviver o espírito. Ou será o contrário? Não é o espírito que comanda o corpo, o espírito de mim e de ti, de nós, desde o zen ao tã, desde Cristo a Krishna? O homem, é assim, um conjunto, um *ensemble*, se assim não fosse seria um bicho, viveria atormentado e tolhido pelos seus medos, por isso a filosofia é tão necessária à existência humana, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, não me canso de bater nesta tecla, mesmo que não seja académico nem seja, de todo, um homem do senso-comum... Se o homem perde esse sentido de equilíbrio, essa compensação, acaba por fazer, como se diz antes dos espetáculos de teatro, merda e merda da grossa... Mas também o excreta faz parte desta condição do humano viver, se assim não fosse, viveríamos a pilhas e faríamos sexo por dispositivos mais ou menos metálicos, mais ou menos aritméticos, além da arte, aquém e além da natureza humana.

22.

Portanto, será o eugenismo liberal da moral apenas uma das mais diversas formas de o homem se superar, persistir, ir adiante em termos de raça humana? E passará isso pela robotização do pensamento, onde poderia estar incluída a anulação do sofrimento? Talvez isso implicasse a anulação da frustração e, logo, do riso, da alegria,

da euforia, a anulação das emoções. Por isso, acredito que o homem é essencialmente um Ser emotivo, são as emoções, ritmadas ou não, como diria Vale de Almeida, que ditam o avanço, o não olhar para trás, para as experiências que foram negativas e não perder de referência o outro, pelo que ele vale de positivo porque é, afinal, espelho de nós mesmos num regime de partilhada humanidade, humildade.

23.

Há, então, uma cedência da mente face à realidade, porque a realidade está na mente e essa inversão da vontade face ao passado, não é somente auto referenciação, mas lócus de compreensão de uma experiência pela qual se aprende a ser perfeito. Ser perfeito! Eis o destino de todo o homem, porque ser humano é ser perfeito, mas também, em termos mais ou menos fenomenológicos, ser imperfeitos, ou seja, ver perfeição no inacabamento, num registo inacabado, na imperfeição e ver imperfeição no que é perfeito porque é inacabado. Por isso, o Homem dispensa Deus, porque faz o Seu papel, cria, desenvolve, arquitecta, porque se assim não fosse, não passaria de um verme (imundo, irascível, odiento) e, afinal, a perfeição está na obra feita ao canto sujo que ninguém dá importância, não tanto nas cadeiras azuis e higiénicas do Parlamento Europeu.

24.

Porque, neste sentido, a vida passada, experienciada, é *ritornelo*, repetição, segundo Deleuze e outros, é norma e desvio, é ânsia da alma que se vai encontrando consigo mesma no desespero e se elevando a si mesma na soberba e no orgulho, no tédio e fastio de um Strogonoff de Frango. Mas também é o decapante que costumávamos aplicar para limpar as grades e aplicar, primeiro, o zarcão, depois, a verdadeira tinta, preta ou cinzenta, sendo que o zarcão era por norma cor de laranja.

25.

Então, uma remissão à existência, uma missão de compreender o tempo que já percorreu e nele a experiência que tivemos desse tempo, é uma das formas de o homem se salvar, ou seja, não apenas no sentido cristão, salvar a sua alma, mas perceber porque é que deseja tanto e tão profanamente, porque um e outro registo estão compreendidos numa forma e relação binária com a realidade, mas a realidade

nem sequer existe, é a mente e a mente nem sequer existe, portanto, todo o existencialismo, ou seja, reconhecimento do real, é ilusório, in-verdadeiro, porque a nossa marca no tempo apaga por se apagar, como uma pegada na beira do mar de areia que as ondas vêm a visitar.

26.

Portanto, a cópula é simulacro de poder, de posse, de apropriação do corpo do outro, enquanto a masturbação, na sociedade industrial, industrializada, é vista como desnecessária, porém, acessória, porque ninguém se pode realmente divertir, entrar no jogo simbólico do desejo, porque tem de se produzir, investir, destruir o planeta. Porque, além do mais, a sociedade ocidental é ostentatória, de uma forma diferente das primitivas, das tradicionais, mas uma coisa leva a outra e, em certo sentido, há uma espécie de unanimidade de sentido na compreensão do humano em termos antropológicos e de sistema de valores.

27.

Porque, aliás, o matrimónio é coisa bruta, de concreção, política, porque é compromisso com o todo da sociedade, podendo por isso, seguindo Marcel Mauss, ser considerado, hoje em dia, um fenómeno social total, de tão difícil é de manter, de fazer persistir através dos dias e anos de outras interpelações face aos sentidos e vontade volitiva, tanto em termos de compromisso quanto de coisas fáceis...

28.

Porque, além do mais, essa re-missão à existência é um desafio e desafio que está e se plantea ao Ser e ao Mundo como acontecimento inaugurador de outras coisas, de outros tempos, de outros momentos, ordinários ou extraordinários. Portanto, o que se passa com o capitalismo ocidental e, de resto, como todo o ocidente, é que o pormenor passa a ser pormenor, ou seja, todos procuram a reiteração do real, num regime mais ou menos imaginários, mais ou menos praxístico, concrecional, mas nem todos lá chegam e aqueles que chegam, ou usam uma arma, acabam por se deter num pormenor determinado nos termos das pequenas percepções de que falava José Gil, ou

seja, vale mais Estar e Pertencer do que ganhar e perder. Porque o perder é relativo, o ganhar também o é, todos procuram ganhar, ninguém se quer dar por fraco, em nenhuma condição ou estado, por isso procura, não apenas para agradar às mulheres (mas a toda a sociedade), ser o melhor, o mais rápido, o mais inteligente, o mais insistente, quando temos, ao lado disso, o lado contemplativo da existência, face ao passado e ao que vai acontecendo, numa tela ou num texto dactilografado de Paulo Valverde sobre os missionários em África...

29.

Portanto, registo passado nunca está colado da mente, temos de resto uma herança genética que vai, no desenho do quotidiano, condicionando a nossa acção, o nosso discurso, o nosso pensamento mais ou menos tático. Portanto, a experiência tanto pode ser o passado quanto o que dele aprendemos em termos de inteligência do social para chegar a atingir os nossos objetivos de vida, os nossos propósitos, digamos, de existência, seja ela banal seja ela extraordinária, seja ela quotidiana ou celebrativa. Sim, a experiência de vida tem que ver com um registo laboral, com uma escola profissional, com um saber que se transmite geracionalmente, mas também com uma certa metafísica do sujeito em empreendimento objetual, ou seja, em entendimento e “estendimento” da realidade ante de si e antes de si, ou seja, usando a visão, no plano do que é visível e do que é (ou deixa de ser) invisível (Merleau-Ponty).

30.

Então, temos, uma meia rota, colada, descolada, o sujeito deslocado de si mesmo e de sua consciência, alienado por razões que têm que ver com a exogamia, ou seja, ser um herói civilizador, numa aldeia vizinha, num contexto mediterrânico, ou num outro país, numa Polónia, numa América, porque a remissão à existência tem que ver com a segurança e a honestidade com que amamos o mundo e a nós mesmos enquanto membros dele, pois, psicanaliticamente, o homem e a mulher reprodutivos, pós-capitalistas, estão habituados a vencer. Não tenhamos, pois, medo de vencer, pois já estudámos as táticas durante tempo bastante para arregimentar a a força e a técnica necessárias para conseguirmos chegar à final, ao final de qualquer coisa e depois, além disso, no estendimento da razão prática, tática, pragmática, tirar conclusões e servirmos o prato principal àqueles que vêm depois de nós em termos de tempo, de momento, de sentimento e força de vencer...

31.

Depois, percamos o medo, sim, o medo de existir, se é que alguma vez o houve fazendo parte dos nossos planos. Porque além fronteiras, há sempre alguém que gosta de nós, todos temos dois braços e duas pernas, uma cabeça (bem, nem todos, mas a intenção está lá, está cá).

32.

Portanto, o homem contemporâneo está iludido com as vistas, demasiado ocupado com o sentido da visão, talvez porque não compreenda os animais e aqui faz sentido uma certa não só ontologia mas etologia da razão, ou seja, fechar os olhos e ouvirmo-nos a nós mesmos e à voz da nossa consciência. A pulsão de mostrar, demonstrar, andar para afrente, é grande e de certa maneira conforme à unidade e projecção dos povos, poderia dizer Rousseau ou Montesquieu, uns mostram em certo tempo, outros em outro, sendo que o sujeito se aliena por vezes para se vir a identificar com o Outro enquanto si mesmo, mas também enquanto Outro relativo à ponderação de si mesmo, o que não quer dizer que esteja alienado. Mas sim, o homem de hoje vai-se alienando, tanto pela tecnologia quanto por uma mau entendimento da afectividade, o que gera violência e desrazão, perda de sentido que a Igreja não sabe preencher porque lhe falta um certo cientismo de apostolado...

O Sexo dos Anjos: o dilema carne-espírito revisitado

Argumento

Podemos interrogar-nos, porque é que o problema carne-espírito ou corpo-mente tem de ser um dilema? Não o podemos ver como uma unidade? Pretendemos abordar a questão no concurso da racionalidade ocidental e socorrendo-nos de registos antropológicos, para aferir como as mais diversas culturas que não a nossa relacionam corpo e mente, entre si e com o mundo, o social, o natural, o cultural, onde se inclui a religião, naturalmente.

Desenvolvimento

1.

Portanto, uma metodologia a usar na abordagem do dilema ou problema corpo-mente seria antes de mais ver e conferir como as mais diversas culturas mundiais jogam com essa relação, se há um unidade entre elas, se estão separadas e porquê, ao mesmo tempo que a banda sonora deste filme é um jogo de futebol onde intervém a equipa que recentemente goleou o campeão português. Antes de mais, não sexualizemos a questão, porque nem tudo o que carne, corpo, é sexo ou sexualidade. Mas há um mito, um mitema, de que o corpo deve ser sexualizado, instaurado na sociedade ocidental de forma profunda e por vezes até, em certos registos, bastante acintosa. O Ocidente é uma cultura do exagero, do apuramento (da verdade?), a vários títulos, sob as mais diversas formas de expressão. Uma cultura da explicação em devaneio até ao enjoo, pois tudo tem de ser explicado, analisado, apurado e muitas vezes não em nome da verdade, mas de simples hormonas.

O povo português habituou-se a esperar, à espera do acontecer, mas agora, que o mundo mudou, não quer perder o andamento da carruagem, nem tão pouco pode ou deve ou é possível saltar de um comboio já em andamento. Não é tempo de mudar, a mudança já começou, é tempo de se sentar confortavelmente no comboio que o levará ao futuro. Devem perguntar-se onde quero chegar. Pois, à conclusão de que a raiz do dilema carne-espírito está assente na moralidade (Frankl) e que radica essencialmente por uma razão que tem que ver com a religião, mas que também é operativamente antropológica, ou seja, tem a ver com o tempo e o costume e do uso ou abuso que o homem deles faz ou fez.

2.

Antes de mais, atentemos nos vários temas, desde já, para a “parte superior” da questão, ou seja, aquilo que consideramos, de uma forma ou de outra, mais elevado. Chamamos mente a uma entidade (em termos heideggerianos) que pensa, que se conhece, que, de certa maneira, exerce controlo sobre o corpo. Chamamos, depois, espírito, a qualquer coisa que é do âmbito do filosófico (do indagar, advindo das Luzes e da civilização grega) e chamamos alma a qualquer coisa de religioso. Depois, chamamos carne a qualquer coisa, uma substância ou conjunto de músculos, vasos sanguíneos e ossos, que é do âmbito do imanente, do funcional, do reprodutivo. Mas a mente também reproduzir, digamos assim. Diz o povo, “quem escreve um livro, faz um filho”...

3.

Eu, por exemplo, escrevo estas coisas que penso porque me dá prazer e absolutamente com um sentido altruísta de partilhar um certo conhecimento do mundo e da minha mente, poderíamos dizer em termos cartesianos. Portanto, continuemos a nossa abordagem exploratória, a ver se chegamos a válidas conclusões. Se a carne é uma coisa, o que dizer do corpo? Também é uma coisa, obviamente, um organismo, algo que mexe. Por isso, todos os animais têm corpo e também se fala em corpúsculos no âmbito da biologia. Desde já, podemos observar que, na civilização indiana, o espírito não está desligado do corpo, estamos perante uma divisão de certo modo apenas externa, enquanto no ocidente, essa divisão é interna, ou seja, o que o ocidente fez foi mandar o corpo mandar na mente (“age com o corpo”, diz a citação de um recente livro de uma autora americana que folhee numa biblioteca da cidade de

Lisboa...), isto essencialmente tem que ver com o mito do herói civilizador, que os americanos, seja do norte seja do sul, adoptaram, sendo que no norte este mitema está mais activo e planteia-se, espraia-se bastante notoriamente na arte, literatura e cinema, seja de Hollywood, seja independente.

4.

Ora vejamos. Enquanto na Índia, só para dar um exemplo etnográfico, o sexo é sagrado, tal como as vacas, no ocidente ele é qualquer coisa de pecaminoso e a sexualidade é encarada como ou transgressão ou reprodução, sendo por essa via trazida ao convívio da sociedade “central”, normal. Ora, terá sido a religião, ou o poder que a cultura lhe foi dando, a operar essa separação, que funciona como um boneco articulado, cheio de fios que ligam as várias partes do corpo do boneco. A Mente mandou ao corpo que dela se separasse por razões obviamente evolucionistas, que têm de resto a ver com um certo eugenismo moral e até liberal.

5.

Além do mais, a questão do corpo tem que ver com a relação entre sagrado e profano, entre secular e religioso, entre análise e prova (numa referência à tradição empírica inglesa) e tem que ver, por último e essencialmente, com a relação (ou ausência de relação) entre secular e religioso), ou seja, com o funcionamento da sociedade como um Todo, como sistema, polvilhada de fenómenos sociais totais, como identificou Marcel Mauss. E tem, obviamente, que ver com a divisão do trabalho social identificada por Émile Durkheim, onde seria interessante observar e acompanhar o papel da mulher nos mais diversos contextos etnográficos, culturais, culturais...

6.

O homem, portanto, é uma “coisa que pensa” recheada, arregimentada de carne, de músculo e só recentemente descobrimos isso, pois o desenvolvimento da tecnologia e da economia isso mesmo permitiu, ou seja, o homem foi procurando recurso e foi-se habituando à ideia de que podia viver melhor, rentabilizar melhor a sua vida, ter qualidade de vida e que isso podia dar melhor imagem e segurança de futuro às

gerações futuras. Pensam alguns, ainda, em termos de reprodução, enquanto outros pensam em termos de *jouissance*, enquanto o restante pensa nas duas coisas. Portanto, eu tenho um corpo (que é meu, se não acredito no que a Igreja diz) e faço uso dele, vendendo a alma ao Diabo. Ou sou (se for mulher) um Ser emancipado e faço de mim mesmo uma mercadoria, um produto cultural... Mas, digamos, o ideal seria unir uma coisa à outra, mas a mente ocidental não admite o conjunto (que lhe traria felicidade), porque teria de se alienar noutra cultura e, de certo modo, fazer desse *ensemble* (*set*, no sentido de “disposição”) o que o corpo é, um produto, uma mercadoria (Bataille, Baudrillard).

Portanto, manter a tristeza das pessoas, dá lucro e a economia comanda tudo, desde o gás da Ucrânia ao petróleo do Médio oriente, portanto, pensemos em termos geográficos, geológicos, se ainda não se tratou fazer da África um continente próspero é porque os ricos tiram apenas aos pobres e distribuem entre si a riqueza que lhes pertence...

7.

O arrebatamento de Santa Teresa de Ávila e de alguma arte sacra indicia, por exemplo, entre outras coisas, o corpo que se quer elevar aos céus, o corpo do Cristo que ressuscitou do mundo dos mortos, se levantou, numa palavra, venceu a morte, veio do outro lado para este mundo, novamente, provando que a imortalidade pejada nos deuses gregos existe. Nisto acredita a religião, que investe mais na outra vida, nessa possibilidade para uns e certeza para outros, enquanto outros não acreditam numa vida no além (ou nem sequer na reencarnação, como os hindus, o nosso exemplo etnográfico) e acabam por refinar a sua existência enquanto é tempo...Na verdade, a Igreja não entende o corpo, melhor, não entende o desejo, mas de certo modo, não é essa a sua função social, digamos assim, a arte também arrebatada e nem tudo o que é arte é arte, ou seja, o corpo sacralizado é o que se chama em antropologia, um fenómeno das culturas primitivas, ou seja, dominante ainda em termos globais. Depois, há outro fenómeno no ocidente, o da mente sacralizada, ou seja, pela religião (o desejo que se aperta) ou pela psicanálise, psicologia, psiquiatria, embora a segunda exerça, dado o seu teor e função intermédia, uma certa forma de ligação entre os dois âmbitos em nome de uma pretensa perfectibilidade da vida social e individual, do mito também do homem perfeito.

8.

Como tive oportunidade de mostrar na minha tese de doutoramento, o sentimento do bom selvagem da beira sabe lidar com a sexualidade sob uma forma bem mais educativa e doce do que em contextos urbanos, onde impera a estratégia e o jogo simbólico do caçador e da presa. O rapaz da aldeia é bastante mais romântico e percebe que o sal da vida é o sexo, por isso, investe desde cedo na possibilidade de ter uma mulher “só para si”, quando for adulto, por meio do casamento, por isso trabalha a terra para ver o que ela lhe dá, trabalha nas obras para um dia construir a sua própria casa (“Quem casa quer casa”). Isto é antropologia, mas também filosofia, ou seja, eu penso e o corpo obedece, mas também em certo sentido manda ele porque ele me dá prazer e me “faz pensar” (Lévi-Strauss).

9.

Portanto, a alma é aquilo que é romântico e me faz sonhar e ser feliz ao pé de alguém ou comigo mesmo, pela fantasia e sexualização da existência, pois a sexualidade é, creio na minha vida individual e social, a maior força do universo. Mas o amor também é força maior e o porno é oco, funcional, chato, repetitivo e é sob essa repetição que se alicerça a mente do ocidental, com algumas exceções dependendo dos contextos e dos sujeitos-actores sociais em causa. O porno educa, na aldeia, mas também me pode dar um AVC ou ataque cardíaco se exagero, ou seja, “coisas que se devem ver ao longe”, como diz a canção dos Heróis do Mar ou “coisas do mundo”, demasiado obscenas, porque essa é a verdadeira antropocena, ver humanos copulado nas mais diversas formas, repetitivamente, em termos exaustivos, saturantes. Por isso certa televisão, como a nossa CMTV, é obscena, pornográfica, porque mostra as coisas demasiado perto, em termos visuais e morais, pois a moral ensina-me a ter uma só mulher e até lhe vou bater um dia destes porque tenho ciúmes ou me anda a trair, quando eu tenho uma ou duas amantes, se for preciso. Seria preciso, para continuar este estudo (que nunca se completa), ir mais além em termos etnográficos (de exemplos de várias partes do globo), mas também em termos filosóficos, aprofundar esta prene relação entre antropologia e filosofia. Portanto, a sexualidade e o sexo estão lá, estão aí, patentes, disponíveis, quando o verdadeiro homem e a verdadeira mulher, por medo da morte, procura o parceiro perfeito, o amplexo que o irá satisfazer e repete uma e mais vezes, ora com a mesma, ora com outros. Na verdade, como pensam alguns, o verdadeiro sexo e divina sexualidade estão no cérebro, que entende o corpo que tem e ora lhe faz a vontade ora nele manda...

10.

Na verdade, podemos dizer, o que há para além do binómio reprodução-*jouissance*? A produção? Ela torna o homem num objecto, pior, a mulher num objecto. Mas... não é que o homem gosta? De usar e ser usado, profanar e ser profanado, tocar essa música a duas vozes que lhe fazem sentir-se vivo. É a experiência do mundo, o milagre dos sentidos, o melhor de dois mundos, o sagrado e o profano. Portanto, o corpo pode ser um produto, cheio de tripas e secreções internas, um corpo que se quer atrativo (a moda), funcional (o trabalho) e saudável. Na verdade, se não o for, não vale a pena preocupar-se com sexo, pois ele já há muito deixou o corpo, como se fosse uma luz que o iluminava face ao Outro e o abandonou. Portanto, o sexo profano é animal, o sexo cristão é razão de sentido. E a razão, de que ainda não falámos, não será ela a comandar tudo, o corpo, a mente, o espírito, a carne, a alma? Que razão ocidental ou industrial é essa que foram e patenteia as mais diversas formas de amor, de mecânica dos sentido, de estética?

11.

O dinheiro pode comprar o sexo, o corpo do Outro, mas...o que é o amor? Porque permanecemos teimosamente românticos (o papel do inconsciente coletivo, analisa por Jung), por mais tragédias que tenhamos de enfrentar em termos sociais, ou seja, porque ainda investimos em educação quando, na maior parte dos casos é deseducação, ou seja, forma os sujeitos-alunos para lhes dar a ideia de que têm de trabalhar estudando, serem jovens aptos, logo, o papel do herói civilizador, mesmo na sociedade moderna...

12.

Depois, o papel do dinheiro, embrulhado nos papéis sociais e artísticos mais diversos, como em *As Três Irmãs*, de Tchekov. Sim, eu posso comprar um corpo por alguns momentos, minutos, mas fico desejando logo após um tempo, à mesmas e nunca estou satisfeito, portanto mais vale “servir-me” do Contrato Social e ter um corpo (social, de delito) só para mim, aproveitando para ter algum prestígio social se cunhar esse sexo através da Igreja... Mas, hoje em dia, quem se preocupa com o prestígio ou honra social, com imagem? Toda a gente, todos estão preocupados com aquilo que os outros vão pensar (se fizer isto ou aquilo), ou seja, é esse o motor de dupla hélice do funcionamento da sociedade.

13.

Assim, tu vêes a sociedade de uma certa maneira, segundo uma determinada cosmovisão que pode ser, apenas e tão somente, o teu bairro, a tua cidade e vai moldando essa visão à medida que progrides geograficamente, e aprendes que a vida adulta não é assim tão divertida, pode ser até bastante chata, aborrecida, ou até trágica e horrenda, mas continuas, acreditando em ti e na sociedade, que é, para ti, o teu grupo de amigos e chagas lá, não pensando muito no fim, mas sim na finalidade. De outro modo (moto), o dinheiro é o combustível da sociedade, o verdadeiro combustível social, que faz girar e desenvolver as economias, mas há quem acredite que é a agricultura ou a ecologia, por isso muitos reflectem a partir dela, da sua prática e teórica. Se formos a ver, há sociedades onde o dinheiro não existe, tudo é muito mais direto, do âmbito da troca e, como diria Filipe Verde, “o homem selvagem é o homem feliz”, ao perceber na Amazónia que em certas tribos há (ainda) um saber não somente social mas também médico, de como viver e sobreviver, de como sonhar a liberdade em liberdade, a liberdade livre, como também adiantou Carlos Castañeda a propósito do uso das drogas para vários fins, entre os quais o terapêutico, não apenas para a *jouissance* da “coisa”, do Ser eivado de potência para estar em paz consigo mesmo, com os outros e com o Mundo, sorvendo, absorvendo e dando informação semiótica a todo o momento. É o momento da comunicação global e o sexo é isso mesmo, comunicação total, entendimento com o cosmo através do corpo e nunca como no intercurso a razão se aplica tanto, desde o desinteresse à obsessão...

14.

Não queremos esgotar, nem seria de todo possível, esta questão neste ensaio, mas tão somente entrever o que se passa com tantos ocidentais infelizes, irados, mesmo que ricos e bem sucedidos e porque é que o homem primitivo, mesmo sendo feliz não sabendo, anseia por ser ocidental. O que haverá de tão atrativo nessa atitude, nesse desiderato? Porque, na realidade, a macieira do meu vizinho é sempre melhor do que a minha, ou seja, como mostrou a antropologia social por meio, por exemplo, de David Pocok, a vida social gere-se e gera-se (a si mesma na sua dimensão mais estrambólica) por referência ao outros umas vezes, por deferência ao Outro, outras vezes, ou seja, por referenciação, tentativa de ligação, comunicação, imitação (De Tarde)... É vendo o outro, a outra mónada, que eu me construo a mim mesmo na esfera tanto do social, da

vida pública, do espaço público, mas também na reflexão ou, ainda, por choque, se pensarmos no exemplo das mónadas de Leibniz.

15.

Depois, vendo a coisa por outro lado, eu aprendo a fazer sexo com outra pessoa, mas também há quem o faça em grupo e isso será, para mim uma forma de comunicação desvairada, excessiva, doentia, o que não me permite nem de perto nem de longe, pensar em termos religioso, porque a religião foi ensinando o homem a condicionar o seu desejo, a sua libido, usá-la para um determinado fim (que não é a dado à partida), para bem da sociedade (Foucault), da minha sanidade e da de todo o corpo social. Mas, na verdade, se a internet, através das suas redes sociais, é uma réplica da sociedade, esta parece não existir na realidade jamais, é mera ficção conservadora e romântica, pois o pensamento do adolescente projecta-se mais para o fim do que para o processo, mais para a síntese (a conclusão), do que para a análise. Eis-nos, portanto, no reino da comunicação global, da aldeia global que McLuhan propôs no século passado e Orwell revisitou, entre outros registos, filmicos ou literários.

16.

Portanto, podemos pôr a seguinte hipótese: a dualidade deve manter-se? Devemos manter a mente “fora” das coisas do corpo? Não é a mente “quem” deseja, mas o corpo, o homem, desde cedo, numa perspectiva marxista, evolucionista, pensa com o corpo. Então porquê a psiquiatria e porquê esse espírito muito americano, diria até, muito inglês, de que o sexo, o amor, são terapêuticos? Porque, antes de mais, nenhuma mónada é feliz sozinha (a não ser que seja eremita, mas mesmos e assim fosse teria as plantas e os bicharocos da natureza), o homem tende para o Outro (dá a legitimidade de toda e qualquer antropologia, seja ela filosófica, cultural, social). Podemos dizer que, assim como a cabeça está unida ao corpo por meio do pescoço, também o homem é uno, é um todo, é uma analogia, uma representação do corpo social, daí que individual e social estão ligados desde cedo, desde sempre. Mas...a mente está na cabeça? No interior do crânio ou na ponta dos cabelos? E os pés? Não pensam também? Das duas cabeças, qual pensa melhor? Na verdade, a questão é de ambiente, relativa ao ambiente, ou seja, o homem não está separado do ambiente, o meio ambiente e foi Kant que desenhou, desde cedo, essa separação, identificando-a obviamente na sua “Antropologia Social”, mas estava errado, a razão funciona em

relação, não pode ser separada do corpo, porque é o corpo que pensa e não o cérebro, este apenas representa e apresenta estímulos nervosos ao resto do edifício, do organismo, para ele não colapsar, para se adaptar (a esse ambiente)...

17.

Na verdade, adiantando a nossa análise, tanto a psiquiatria quanto as medicinais tradicionais têm a solução, elas são o todo que o homem precisa para se regenerar, para tornar a ser o que é, ou seja, para descansar quando “deve” descansar, para trabalhar quando o deve fazer, sendo que o trabalho poderá, um dia ser abolido ou terá outra forma, outra representação, sob as mais diversas funções e ocupações, misturando-se com a ideia do lazer. E o que dizer da prostituição, deve ser legalizada (falo do contexto português) ou se deve manter como está? Vejamos o exemplo americano, que varia segundo os estados e vejamos os mais variados exemplos europeus... o problema, na verdade, é quase na sua integralidade, ocidental, na ideia que o homem faz do corpo enquanto “território” a conquistar e, daí em diante, a gerir, a manter...mas a mulher vai dizendo ser dona do seu corpo e o machismo agrava-se em certos sectores da sociedade, e sociedades perfeitas não existem, existem momentos, alguns dias, em que se sonha com essa ideia, esse complexo de relações sociais, porque, afinal, quando desejamos a felicidade dos outros em termos teóricos, podemos ser retribuídos em termos teóricos e, até em termos práticos, se eu não achar que a Igreja distribui mal os bens espirituais. Mas, por exemplo, a espiritualidade tem que ver com a ideia de espírito: há bons espíritos e espíritos errantes, há religião e há bruxaria e feitiçaria (entre os Azande, por exemplo), tudo se entrecruza (e *intercruza*) nesse corpo que é o homem, tudo se relaciona, umas vezes de modo nocivo, outras de modo salutarmente absoluto, porque tanto é prenhe a matéria quanto o espírito e quando as duas dimensões da expressão do real se combinam perfeitamente, o mundo pode finalmente mudar.

18.

A estratégia do sexo (bem feito) reside em ser egoísta, mas também em ser altruísta. E no amor é assim também, não posso dar a todo o momento, tenho também de receber, portanto, o que está desligado pode ligar-se e voltar-se a desligar, pois nem tudo é volátil, aéreo, desproporcionado e desapropriado, o tempo cinge esse cinto de castidade mas também liberta o desejo segundo as temperaturas e as estações, como falava Michel Serres na sua *Filosofia dos Corpos Misturados*.

Se o sonho de todo o homem é casar, ou pelo menos, ter uma relação estável durante longo tempo, isso exige tempo, dedicação e religião...Exige confiar no corpo do outro enquanto representação, obviamente, do corpo social. È a sociedade que me entrega aquele corpo para dele cuidar e o seu espírito, a sua alma, a sua mente, para a acarinhar e levar à felicidade através de um certo grau de felicidade, coletiva e individual, porque as ideias, tanto quanto as substâncias, propagam-se, reproduzem-se e por vezes faz faísca, mas é daí que nasce a Luz, logo, a Vida...

Depois, o sexo não é uma falta que se preenche, não há uma lacuna, nem tão pouco um complemento, creio que nem sequer é a cereja no topo do bolo, ele é, quando combinado com o amor, a verdadeira forma de resolver conflitos, entre os quais está, por outro lado, a violência, que deve ser condicionada (domesticada, diria), para se circunscrever e dominar...O sexo, como o amor, é comunicação e nesta aldeia global, entre realidade (a social e a outra, a cruel e violenta realidade) e virtual, há que, por vezes, decidir optar pela negação, pelo silêncio, pelo não envolvimento, quanto mais não seja porque fomos depressa demais, entusiasmámo-nos, foi a emoção de comunicar que tornou o mundo num local perigoso para se viver, tomou o amor de assalto e libertou o coração, por isso o homem está projectando a sua vontade e devir para outros planetas (ou apenas “no ar”) e ele procura desesperadamente o equilíbrio perdido, entre guerra e crime ecológicos, entre farsa e verdades quase verdadeiras, entre moral e condicionamento dos corpos, entre Deus e o Diabo, entre preto e branco e, dali a pouco, todas as outras cores...

Portanto, por outro lado, seguindo a sugestão de um filósofo francês, pode haver uma sexualidade sem penetração? Ou seja, a penetração é *apenas* reprodução? Não é gozo também? Não simula esta o momento original da cópula mítica, diria até, mística, ou seja, a união do céu e da terra, dos contrários, do Yin e do Yang? Por isso, será o sexo apenas *jouissance*, não é ele ânsia e vontade de romper o mundo e ver além dele uma possibilidade de vida, de existência, para fora dele, de mim mesmo, ou seja, ser eu mesmo o Outro, outra pessoa? Não é, por outro lado, o corpo uma súmula da própria natureza, não é o corpo a própria natureza que embrulha a alma que levanta as mãos a Deus quando nada mais é possível pensar, existir, além da ciência positivista, não será, em termos de uma antropologia da crença, a fé em deus, no Bem que custa tanto a praticar, a única forma de salvar o mundo da sua doença (que também, quando é útil, não mata, pois “o que não nos mata torna-nos mais fortes”, diz a canção...). Não será, por outro lado, o desejo, uma combinação entre esforço e dom, dávida, oferta de sentido e pura generosidade? Não será tudo uma e a mesma coisa, num mundo múltiplo e uno ao mesmo tempo, repleto de desdobramentos e dobradiças, de fugas e tubos, de escapes e concatenações, de Luz e Sombra, sendo que uma pode queimar e a outra fazer-nos tremer de frio...

Diz-me com quem andas: o idioma da inveja que se faz mentira social

Argumento

Grandes diatribes fiz com o meu irmão, que considero tanto filósofo quanto eu, embora não tenha frequentado a academia. Ele concluiu que eu tenho dupla personalidade, ou seja, tanto estou bem quanto estou mal. Por isso, analiso a dimensão ética do sujeito no palco societal, suas interligações, cisões, polémicas e aplicabilidades, defendendo a ideia, não nova, de que é o meio social que molda a personalidade, a identidade do sujeito.

Desenvolvimento

(Exploração)

1.

Porquê e como o sujeito vai ficando só, apesar da globalização e democratização dos meios de convívio e reunião, proporcionados pela tecnologia? Porque é que mais a e mais pessoas se suicidam, pelo motivos vários, quando têm tudo? Será porque não estão habituadas a viver com pouco? Porque será? Assim como falámos anteriormente no dilema carne-espírito, falamos agora do boato e da inveja como motores da das novas sociabilidades, sem fazer grande alarido nem juízo de valor, nem tão pouco considerarmos a nossa personalidade enquanto analista, e comentador e investigador.

Na sociedade, em sociedade, enquanto uns perdem tempo com o boato e a conspiração, há quem procure o Bem e tente planear a sua acção com o mínimo de interferência, porque isso lhe dá gozo e competência, satisfação e até merecimento, sentido e realização. Chega a ser absurda a elaboração e efabulação que por vezes tanto a sociedade quanto o grupo faz acerca do sentido da sua acção, das palavras que diz. Só que pouco se entregam à reflexão porque têm medo da solidão, de se perder

em si-mesmo, quando, na verdade, não há melhor coisa no mundo do que isso mesmo, perder-se em si, na imensa imensidão da reiteração de verdades sobre o Ego e as mais variegadas facetas que planteia, ante o crisol de opiniões mais ou menos reflexas e amorais que a sociedade proporciona. Portanto, o que é verdade sobre o sujeito pode não ser a sua verdade, ou imagem, em termos sociais, mas hoje em dia, até ao sujeito é complicado preservar a sua intimidade, não apenas em termos morais ou comportamentais, porque se sabe de tudo e vai-se a ver a nossa imagem social tanto pode ser negativa quanto positiva, mas, enfim, é a luta pela verdade sobre si mesmo e sobre o grupo, que forja mecanismos ora de aceitação ora de rejeição face àquilo que o sujeito dele reflecte no seu íntimo.

2.

Seguimos, neste ensaio, de perto algumas ideias de Simmel e Goffman, bem como de outros autores que vamos enumerando, para pôr a cabeça a trabalhar e perceber como se forma o boato e como a inveja, no âmbito da bruxaria, pode funcionar como destruidora de sujeitos, de Ego, tanto num contexto de dupla personalidade por parte do sujeito, quanto acerca das dimensões mais ou menos éticas da propagação do que poderemos chamar de *Mal Social*.

Portanto, como se gera o boato, essa mentira social? O conceito de mentira social é retirado de Iturra e pretende equacionar o desfasamento entre a identidade singular do sujeito e a sua imagem social, pública. Assim sendo, a inveja, conceito antropológico desenvolvido entre nós por Oneto, impregna-se na vida social, faz dela uma teia de ligações e interligações e cumpre a ideia muito aristotélica de que o sujeito é um ser social, ou seja, a sua identidade social é a sua identidade individual e vice-versa. Assim, vamos equacionar e relacionar inveja, boato, verdade, imagem e mentira social, pública, ou seja, desdobramento de reflexos e anti-reflexos (opacidades) sob a maior consideração de estar diante de um palco mais ou menos frágil ou de umas determinadas areias movediças que acabam por fazer mexer esse grande Adamastor que é a sociedade. Noutro ponto, diríamos que ela, em verdade e conclusivamente, não existe, existe sim o grupo, ligando indivíduos, actores sociais, por afinidades mais ou menos electivas e desenvolvendo na tela do social os matizes e odores de personalidades mora mais ocas ora mais repletas moralmente. Mas, afinal, a moralidade advém de onde? Da religião? Não somente, advém essencialmente do costume. Assim, temos, no plano moral, a influência da religião, da Igreja, para o Bem, entre opacidade e plenitude do Ser e temos o plano do costume, daquilo que vai sendo no tempo, itens culturais, símbolos, que vão sendo domesticados pelo homem e

articulados com ideias mais ou menos prósperas sobre o como se deve fazer em sociedade, o que se pode e não pode dizer e fazer...

3.

O que é, então o boato? O sujeito analise, fica ferido ante as mais diversas críticas, seja observador ou mero actor social sem formação em ciências sociais. Há sujeitos que vivem do boato e, enfim, o jornalismo hoje em dia faz-se apesar de tudo através do boato, que se desenvolve, de uma meia verdade a partir da qual se especula, criando um facto social, mais ou menos verdadeiro. O boato, pois, é como uma beata que se atira para o chão e acaba por não ser nada, apesar do efeito devastador que tem sobre a vida e integridade do sujeito. Ele fere muitas vezes muito mais do que um murro no estômago.

4.

Assim, o sujeito encontra-se, dá-se, agrilhado por normas sociais e anseia por libertação e por vezes essa ânsia de libertação gera a mentira social e a injustiça, ou seja, a imagem do que o sujeito é, na verdade, em termos metafísicos, não corresponde à sua imagem pública, que pode ter duas facetas, uma boa e uma má, tal como o dinheiro metálico.

Mas, vamos a ver, poderá, num plano social, o sujeito ser moralmente neutro? Por outro lado, a metodologia de alguns dos nossos escritos seria aplicar porno sobre um plano de fundo moral, ou seja, gerar um choque de certo modo eléctrico, sistémico, na mente do analista, impedindo-o de ver a sua própria imagem, a sua verdade social, não enquanto mentira, mas enquanto verdade social, pois se todos convivemos nos emaranhados da nossa teia de sentimentos e pensamentos, também gostamos de ir um pouco à beira-mar respirar mais alto, gorgulhar a água salgada e ficar, ocupando espaço na praia, porque é isso que o homem, no sentido territorial, animal territorial, gosta de fazer, ocupar espaço, preencher o ar que o rodeia...

5.

Quando ligo à minha mãe, logo pergunto: “Marcha ou quê?”, para a animar, ou seja, marcha a carroça neste mundo de jumentos e falsos sábios ou até no sentido militar, estamos todos em marcha para algum lugar que não sabemos onde fica, eis planteado o apotegma da salvação eterna.

De modo que, por estratégia, para não aceitar a verdade nem ter que conviver com ela, o sujeito entra em negação e armadilha o coração de preceitos e trejeitos mais ou menos profanos, sendo que mais tarde se dá conta de que mais vale viver na verdade e o efeito que o virtual trouxe ao mundo de hoje (entre outras coisas muito boas que se podem aproveitar) foi a valorização do real, social, anatómico.

6.

Porém, a soberba não tem limites e muitos gostam de se pavonear, do seu status, representações, emoções sociais do sentir, experiências, mulher e daí em diante. É isso que o antropólogo estuda, a ostentação, enquanto a teologia estuda a pobreza e simplicidade feliz do Ser... Então, podemos perguntar-nos este contexto, o que ser? Sim, e para que efeito? Para ser feliz? Como havemos então de viver, diria Marc Augé e Peter Singer? Seria uma *vita nuova* ou apenas um eterno *ritornello*, paradigma repetitivo, escansão dos goles de vinho uns atrás dos outros, uns antes e depois dos outros, ou seja, o sujeito, no jogo do social, fala do que conhece, do que ouviu falar, e isso é boato, quer seja sobre a tendência sexual de um e de outro, de uma e de outra, quer seja pelas falcatruas económicas que vai fazendo ao Estado das coisas...

7.

Devemos também perguntar-nos: pode o homem criar sob condições adversas, ou seja, com o coração apertado, em plena necessidade de mostrar a alguém alguma coisa como “estou Vivo!”, “Existo!”? O que é então a verdade para o sujeito? Será certamente a verdade social, porque ele vive em função do Outro, mas também pode viver em função de si mesmo e nem sequer ter imagem, essa imagem é um simulacro, não existe, por isso o sujeito vai gozando de uma certa liberdade para criticar, dizer mal ou bem, dizer, fazer, questionar... Na verdade, todo o artista gosta de miminhos e, por vezes, demais é de menos...

8.

Assim, entre verdade e mentira social, lá vamos andando no cenário mecanográfico das reproduções do comportamento, de que as telenovelas mostram o novelo, ou seja, o emaranhado da teia de relativas ligações face ao desejo do sujeito se libertar das amarras da sociedade, porque ele não se sente livre e quando se liberta de tudo, sente-se imediatamente prisioneiro. Não há conselhos nem fórmulas, a vida não tem critério, não tem a união que a antropologia lhe quer fazer crer, mesmo academicamente, teoreticamente, pois o homem contemporâneo está saturado e vive sem medo da morte, pretensioso, orgulhoso do que conseguir ou apenas quezilento e provocador, como “Eu sou o maior” ou “Eu sou maior, melhor, do que tu”. É a luta dos galos revisitada e muitas falam de garganta e nem sequer se esforçam porque não perderam tempo a estudar e vivem da experiência e do que ela lhes dá, confiança e repetição, exaustividade que bem descreveu Deleuze.

9. Mesmo assim, entre concreção do acessório jocoso e do reprodutivo que dá responsabilidade e prestígio, o homem vive numa mentira, talvez porque se entregou à vida religiosa e dela não sai porque é seu sustento simbólico, seja porque entrou na luta e vê o mundo social como uma luta e o seu nome enquanto consequência dos seus actos. Mas há mais, muito mais...

10.

Mas, na verdade, o boato não se gera porque o sujeito tem um in-devido comportamento? Não é ele gerado por um outro sujeito que pretende os eu mal? Pode haver, por outro lado, boatos positivos, como alguma mulher que está grávida ou alguém que arranhou um emprego importante ou concluiu os seus estudos, não importa qual a área de estudo. É do âmbito da sociologia perceber, portanto, todos os mecanismos do boato. Nós, ficamos pela relação entre imagem de si do sujeito e imagem pública, que ele demonstra e aplica, que ele cultiva ou vai gerindo. Na realidade, o sujeito evolve no tecido social não somente por *alter-referenciação*, a remissão ao Outro, à imagem do Outro, mas também por *auto-referenciação*, ou seja, a remissão aos seus próprios princípios morais e de existência, circunstanciais ou especiais, em termos de festividade, trabalho, comemoração e prémio do que tem conseguido.

11.

Mas, por outro lado, se formos bem a ver, o boato não terá, digamos, uma origem verídica? E o que é, na realidade, a verdade social, a verdade do social? Porque distinguirmos entre Bem e Mal, fazer juízos acerca de tudo e todos, seguindo uma tradição judaico-cristã? Não é ela um certo princípio ordenador do real, um demiurgo sob a figura do padre que diz a Missa ao Domingo? Sim, precisamos da religião para nos sentirmos felizes, mais, integrados, mesmo que ela não nos mande usar o corpo senão para reprodução, pois o amor, cem como a totalidade, tem várias formas e princípios e não percamos de vista a ideia de fenomenologia de Espinosa...

12.

Então, como poderemos combater a corrupção (não somente moral) da sociedade humana atual e, em termos etnográficos, de Lisboa, sociedade onde nós mesmos, enquanto observadores participantes, vivemos, lugar onde fazemos alguma tese, síntese e poesia, alguma problemática, alguma telemática...

13.

Assim, enquanto a mulher religiosa está em transe do que é a sociedade (perfeita, feliz, magnânima) na sua mente, o ladrão sente o profano e a corrupção que lhe entra nas veias e droga-se para ir mais além, para atingir determinada meta, tal como Armstrong na Volta à França. Sim, a vida é uma maratona, somos emotivos porque também somos fátuos, fatídicos, melancolicamente saudosistas de um estado de perfeição e resolução social que em certo sentido dava alegria e sentido à nossa existência...

14.

O síndrome do sucesso costuma ser a celebração, não tanto a tristeza, porque estás só, ou seja, nenhuma vitória faz sentido quando estamos sós. Mas...e os alpinistas, os homens que andam sozinho em pequenos barcos em alto-mar? Na verdade, há uma *gap* entre o individual e o social, o sujeito não pode ser a sociedade, tem de haver esse hiato, essa solidão momentânea, esse perder para ganhar...

15.

O homem neutral moral é o analista, o cientista social, porque o sujeito actor social esvaziado de sentido acaba, por inveja, por se referenciar ao Outro, necessariamente, porque só o analista consegue ser imparcial, porque observa e daí tira conclusões, enquanto o sujeito social vive e desenvolve a sua acção por meio de instinto e pulsões as mais diversas de vida e de morte. Chegamos, assim, a algumas conclusões: o homem é eminente mente egoísta, quanto mais não seja porque sente que tem algo a provar para, de certo modo se sentir integrado, fazer parte ou para aceder ao prestígio ou às mulheres, como diria Lévi-Strauss e tal como se verifica nos Big-Men da Melanésia documentados por Bronislaw Malinowski.

16.

Boato, inveja, mentira social, eis os nossos principais itens neste ensaio, enquanto uns se preocupam com grandes coisas, outros vão ao pormenor, porque ora porque já têm a totalidade devidamente fixada ou porque são artistas, desenham o mundo num cisco insignificante, numa réstia de cinza do cigarro que vai ardendo e que é, ao mesmo tempo, a representação social da temporalidade na contingência do arfar quotidiano antes do descanso nocturno...

17.

No teatro do mundo há de tudo, por isso não percamos o ânimo de viver, mesmo que nos critiquem, por vezes até faz bem, acerta-nos os acintoso passo e leva-nos a outras dimensões na realização completa do Ser. Se não fosse assim, positivo, estaríamos todos na Cartuxa de Évora, entre as freirinhas de Cister que lá se instalaram há pouco tempo. O homem não pode ser a mesma coisa toda a vida, ele vai-se adaptando, como um camaleão mutante, andando de um lado para o outro, procurando dosear e gerir a sua agressividade animalesca e, na maior parte das vezes, está ressentido para com muita gente, mas continua porque sente e luta por ganhar e, de alguma maneira, é vitorioso não antes, mas depois, sendo que a sua experiência traz, antes de mais, consequência e ensino para os mais novos. Daqui se prevê que a vida não é assim tão complicada quanto alguns (até filósofos) querem fazer crer, ela é bastante simples, resume-se a três, quatro itens, ideias, conceitos ou princípios, e a coisa segue no seu espírito, na sua vontade (e **motu proprio**) de evolução, de envolvimento no tecido por vezes sedoso do corpo social.

18.

Portanto, o objectivo e intenção do homem, do que é feito e da sua mente, tem que ver, mesmo a felicidade o tem, com o cumprimento de uma ideia inata, de um desejo inicial, que, se tivermos paciência e tento, se soubermos gerir as expectativas, pode fazer-nos (ainda e sobretudo) bastante felizes. Muitos vivem felizes com a infelicidade dos outros. Há alguma coisa de amoral nisso? Eu não posso sentir-me feliz coma felicidade dos outros? Porque tenho de ser feliz todo o tempo? Só sou feliz quando verdadeiramente deixo de ser infeliz e isso não é todos o tempo, tem tento, as pulsações, batimentos cardíacos, também andam de alto a baixo aos saltos, tal como a geometria das emoções desejanter. Não somos máquinas, ainda, mas não tarda iremos ser, andróides, cyborgues, robôs e oxalá possamos perceber então, num âmbito futuro, o quão éramos felizes, ou seja, éramos felizes e não sabíamos...

19.

O sucesso, o dinheiro e a fama, sempre vêm e ilustram isso e muito mais, que a vida, a biografia, a remissão ao existente, não é plana nem achatada, nem tão pouco é uma nuvem lá no alto do céu, tem altos e baixos; embora muitos dediquem a vida inteira a construir fortuna para ter uma velhice descansada, realizada, outros querem ter tudo isso de um momento para o outro, por isso vão em descaminhos de antanho, em razões e reverberações de si mesmos e animosidade para com os outros. Quando a inteira felicidade é do âmbito do pensar, eles não compreendem, eis a culpa da América, levar tudo a fundo, provocar, procurar, pesquisar, em vez de Estar (deitando ou sentado no sofá), sendo apenas testemunha, comungando do corpo do mundo, como do corpo do deus que se manifesta em qualquer lugar, inauditamente, quando menos se espera, de um momento para o outro ou no final de uma vida de sofrimento e necessidade...

Do Sublime:

Experiências liminais e post-mortem

Objecto do Texto

O que é, então, o sublime? O que é sublime, ele pode habitar este mundo? E se habita outro, poderá ser apenas uma plena replicação no terreno *terreno*. A arte contemporânea, por outro lado, reflecte o quê? Como interpretá-la se na relação com o mundo ela se defende que representa, ou seja, é espelho, desse mesmo mundo? Por outro lado, a arte surge neste universo social globalizado, como uma panaceia, com o instinto de curar os males do mundo que, a meu ver, são essencialmente males do coração, como dizem muitos filósofos, ou seja, da relação das pessoas entre si e do universo amplo de realização do Homem enquanto ser (individual, em certo sentido) que pensa.

Desenvolvimento

A ciência social (dos humanos) parece fraquejar, por um lado, por outro abundam os técnicos da sociedade, sejam, antropólogos sociais, sociólogos, psicólogos sociais, assistentes sociais. Lewis Mumford analisou a relação entre arte e técnica e nesse sentido, a arte tem uma técnica e refiro-me em particular à pintura. Sem técnica, porém, um quadro pode ser sublime. *A Origem do Mundo* pode ser sublime enquanto é projecção à experiência do outro e enquanto, como aconteceu com Nietzsche, o filósofo não agrada de todo aos seus contemporâneos, aqueles que virão depois de si o considerarão como um génio que se projecta na infinidade dos tempos de gerações vindas e vindouras. Na antiguidade, o sublime era associado à arte e vice-versa, mas com a morte de Deus acabou-se por perder essa ligação. Hoje em dia, no universo da

arte importa a performance, o desempenho e a própria arte se tornou sublime. Podemos pensar que, essencialmente, o sublime clássico se encontrava patenteado na arte e a reflexão filosófica está, de uma certa maneira, pela tradição que vem de longe, associada à escultura, pintura, e a reflexão filosófica produzida nesses tempos reflecte isso mesmo. Ora, neste sentido, podemos inferir que a reflexão filosófica esteja apta a partir de um determinado contexto histórico, cultural, contextual, digamos. É o espelho da história, em certo sentido, e sua “vítima” intelectual, como diria Ortega y Gasset. Hoje em dia, na contemporaneidade, a ideia de sublime está deveras presente na reflexão filosófica, porque, antes de mais, o mundo e o sujeito são sublimes a toda a hora, pelo menos em termos de busca, no sentido em que o homem procura a vida enquanto pescadinha de rabo na boca, digamos, o sublime da arte contemporânea e, digamos, da reflexão filosófica, é uma busca do sentido da vida na própria vida, ou seja, na caixa, fora da caixa mas sendo portador ou apóstolo da caixa em Si ou, o que mais fascina a reflexão filosófica contemporânea será a questão do devir e da finitude, a meu ver, porque o mundo e seus componentes está cada vez mais ligado, ou apenas ligado de outra forma, com menos ecos, com mais ou menos violência não sabemos, de todo. Podíamos dizer, como os jornalistas, que se transmite, que a arte e logo a reflexão filosófica apenas reflete a realidade (social, mental). Ora, a realidade é construída de raiz pelo homem, a realidade É o Homem. O filósofo prepara a sua actividade reflexiva porque se prepara para a morte, na verdade, nada de mais misterioso e pleno de segredos que a finitude, que é simples medicinal falência dos sistemas vitais. Neste sentido, foi sendo dito na sociedade e nos media que este é o último dos tabus, por isso todo o homem é, pouco, mais ou menos, filósofo, mas ele mesmo explica, no fim das suas dissertações, que a morte física é apenas o princípio, hoje em dia quase toda a medicina (da parapsicologia à medicina forense, desde já com as ciências sociais, que sempre afirmar que não existe morte individual, ou seja, as sociedades têm memória) tende a afirmar que a alma individual não perece, apenas se transforma, se transmuta, como a crisálida. Será isto um truísmo ou sou eu mesmo, enquanto cientista social, que estou precisamente arranjando explicações para tudo?

O filósofo também o faz, prescindindo de um tempo e de um espaço de habitação, de habitação. No fundo, ambos estão mais próximos do que se julga e desde já diferem, a meu ver, apenas nesse aspecto, se exceptuarmos o relativo divórcio entre teorias interpretativas e representações colectivas por parte do antropólogo...mas a morte projecta de certa maneira o sujeito para outra condição, a de ente, pleno o transitório, sendo que o senso-comum não joga deveras com a possibilidade de Ser, que antes de mais o poderia tornar armadura caritativa e bem-fazeja, mas o que é na verdade o Bem, o que é, no fundo o Mal?, senão formas diferentes de agir e pensar e diversos momentos e oportunidades? O senso-comum preocupa-se mais com a economia, antes mais do seu núcleo doméstico e de amigos, do que propriamente do final de uma existência mais ou menos realidade, um final que na verdade não existe. A meu ver, a morte não existe, por isso é sublime, nem sequer a Vida existe, o que nos percorre as veias é de outra ordem, coisa que vou explicar mais adiante. A morte, colectiva (Auschwitz, Darfur) é o pleno terror desordenado, a ausência de valores, o obsceno do ato racista, a experiência dos lugares onde pode chegar a alma humana (Jung), a morte é sublime, é por excelência e definição o Sublime, por isso ela interessa tanto à reflexão filosófica contemporânea, dado que o seu discurso é, em meu sentido, não feminino nem masculino, não positivo nem negativo (em termos de um certo maniqueísmo intelectual bem pensante ou apenas agregado ao discurso do senso-comum), mas neutro, ou seja, plenamente objectivo, preciso conceptualmente, ao mesmo tempo que outras disciplinas se arrogam dos instrumentos conceptuais mais diversos para analisar a realidade. Portanto, a melhor maneira que o homem encontrou para lidar com a morte foi, diz-nos a antropologia, melhor, as sociedades primitivas, foi dissimulá-la, ou seja, aplicar-lhe uma máscara para lhe retirar-lhe o peso existencial, metafísico, moral, física, químico, sobrenatural até...ou seja, por último, aplicar-lhe uma máscara (Lévi-Strauss et al), dar à sociedade a vida que parte, num duplo sentido de retorno, talvez devolvendo a vida que (se) deixa de existir, à geração mais nova, que observa o velho moribundo e ouve os seus últimos conselhos, admoestações, confissão de técnicas de sobrevivência, exalações do seu espírito

experiente e sabedor. Talvez seja essa a única coisa que resta como consolo enquanto parte: ver os outros sem máscara a partir do detrás da sua máscara, entre biombos ou numa casa antiga, frente a uma tv que nunca deixou de ter emissão. A morte é, assim, o grande enigma, o desafio, como a vida, recreativa ou reprodutiva que corre no corpo do homem e se colhe no da mulher, a última fronteira, ou seja, o princípio da partida para descobrir o que haverá, para o sujeito e depois, em termos de aprendizagem e memória, para o grupo, que ele seja um Mozart sepultado apenas com a presença do seu cão, quer seja o político eminente como Churchill, ou então um mero camponês que, em favor da questão da verdade, apenas fez parte, parte da realidade, da paisagem e, parafraseando Drummond de Andrade, talvez seja essa a via mais correcta, mesmo no sentido ético, o homem faz parte de um cenário, é acto e reprodutor de um guião muitas vezes repetitivo, encontrando nessa reiteração a felicidade, como um verídico *ritornello* de Orff¹. Como a morte não existe, ela é símbolo, ficção, tal como o racismo, para o homem se aventurar na vida social, ou seja, o que é a verdade? O que é verdade para mim pode não o ser para outra pessoa...O que é Bem e Mal? Teríamos, sempre, de ver o Todo, como Marcel Mauss e os seus fenómenos sociais totais. Na verdade, na sociedade, o Bem e o Mal andam constantemente ligado, quase se colam por vezes, toda a pessoa tem o seu sentido de Bem e Mal, sim, na verdade o que é a paternidade senão um encargo? Porque têm os filósofo, normalmente, menos filhos do que outros homens ou mulheres de outras profissões? Talvez, simplesmente, porque são pensadores, *pensarinhos*, sábios, porque pensam como profissão, porque queiram conhecer ou conheçam de antemão, a realidade, a social e da natureza humana. Neste sentido, justifica-se uma antropologia filosófica, ou seja, um estudo da natureza humana relativa ao seu pensar e princípios no curso e contexto do viver em sociedade, não só nos termos da reflexão, mas também da acção na esfera do espaço doméstico e do espaço público. Eu defendo

¹ Na verdade, também penso no meu pai, na minha mãe também, evidentemente, e no acto, social e individual, de lhe suceder, talvez por ausência de filhos, mas penso também noutros espaços para além dos que habito que me possam projectar a mim e aos meus para um lugar que seja parecido com a casa da família, onde não há, à partida, máscaras nenhumas...

esta conjunção de ideias, de saberes e disciplinas, quer sejam elas sociológicas, antropológicas (sociais e culturais), quer seja filosóficas e teológicas, por fim. Por isso defendo uma filosofia positiva, construtiva, que possa fazer digladiar entre si os mais diversos sistemas de pensamento e, dizendo isto, sei dizer que a filosofia é, por definição e tradição, uma actividade que visa “construir” qualquer coisa, seja um edifício seja uma habitação qualquer numa falésia de mármore, uma habitação do ronronar do pensar, da casa da zona de conforto, pois dela nasceu a vida de que somos portadores e a ela há-de regressar...E digo casa porque é esse o fito da economia, ou seja, a ideia de que ninguém gosta de estar fora da zona de conforto, mesmo sabendo que o conforto a mais pode gerar significativa discórdia. Enquanto a antropologia se ocupa da tradição e da reprodução, a psicologia ocupa-se da sexualidade, enquanto os outros psis dos mecanismos, traumas e danos do abuso nas relações, que se tornam *ralações*, que em pouco tempo se tornam “ralações”, veja-se o fenómeno da violência doméstica e a proliferação explosiva das representatividades mediática e funcionais do corpo, da relação entre os corpos, enquanto, lateralmente, mais se estuda sobre o intrincado e intermanifestamente interpenetrante mundo da vida erótica das plantas, o que podia deitar por ter qualquer argumento moral e ético face à prática desordenada e disseminada do sexo animal...

Em nossa opinião, o sublime não está relacionado com a experiência do transcendente, com a biografia ancorada num contexto social e cultural restrito onde se filosofa, a verdadeira experiência do sublime é redundante e redondamente humana, ou seja, maneja a antropologia e a filosofia, tendo de permeio a sociólogo, melhor, é uma experiência de viagem, talvez literária, de descoberta do Outro, da Índia e sua espiritualidade, por exemplo, do Tai Chi, que nos permite encaixar a dualidade relacional corpo-espírito nessa outra incompreensível espaço-mundo, a espiritualidade tanto do Tao como do índio da amazónia, melhor ainda, a descoberta da humanidade fora de nós e que sempre esteve em nós e se preenche pela descoberta dos costumes, do sentires e das creditações as mais diversas do planeta, isso faz filosofar sobremaneira não só sobre o Homem para do seu sentido (de essência e

existência), ou seja, há um dado comum de que se parte para reflectir abundantemente a propósito dos mais variados tópicos filosóficos. Mas entendo e consumo temporalmente o sublime de um concerto de Brandeburgo, sob a mais variadas formas e intérpretes, de uma variação de Bach por Glen Gould...sempre quis, mas sempre tive de premir no autómato que sou o botão da praxis, da efectividade, do valor. Enquanto o sublime chegou, depois de ardorosa procura, pela via do franciscanismo, a pulsão para viver em sociedade levou à ciência social e à obsessão de que a experiência biográfica vital pode ser não somente tematizada como matematizada...erro meu, procuro então o sublime num cãozinho que se chega a mim, numa criança nórdica que se ri para mim no metro de Lisboa...

Noutro sentido, podemos articular diametralmente uma antropologia radical da filosofia, no sentido de que a especulação filosófica, a reflexão filosófica terá, para alguns seus praticantes, a ver essencialmente pelo que chamei noutro lugar de “pensamento dos fundilhos”, relacionado com o que se chama de patologia em psiquiatria e em antropologia da raiz cultural disso mesmo nos termos de uma oposição sujo/limpo quanto aos usos e apresentações sociais (ou íntimas) do corpo. Para a maior parte daqueles que acreditam no desejo e na sua realização (“sublimemente”) através do corpo, o sublime tem a ver com a prática sexual, pelo que ela poderá representar de entrega ao Outro, em certos termos ou, no limiar, de autêntica sujeição da corporalidade no universo do social e seus compósitos individuais ou grupais. Nesse aspeto, o êxtase do ato sexual pode ser considerado, em sim, enquanto unidade de comunicação, como uma certa experiência do sublime. Digamos de outro modo que a ideia de sublime sofreu interferências, o conceito sofreu invasões irreversíveis que têm essencialmente a ver com um trabalho ao nível do inconsciente colectivo. O sublime de hoje e que o império americano contaminou pelo mundo é o do caos, ainda que muitos procurem não só sentido no seu mundo e neste

mundo, alheados do Outro, do Outro mundo, do Mundo do Outro. O sublime está em Platoon, *Os Bravos do Pelotão*, que aplicou a cena de Kypling, o sublime é a filosofia cinematográfica por exemplo de um Henry-Lévi, sobre a guerra da antiga Jugoslávia, o sublime está no intento da mente do Homem que procura sentido sempre (chamam-no constantemente na rua de logo, logo todo o filósofo será logo? Não é sua tarefa, como a do antropólogo, criar sentido ligando as coisas, o caos, as coisas do caos? Não estará o sublime, a sublimidade do Mundo essencialmente no “facto”, na ideia de ser caótico, ou seja, de ser “deslargoado” até ao momento, ou espaço, ou ideia, em que se vonta a ligar, a fazer sentido? Não estará mais do que certa a filosofia eliadiana, que refere as coisas do mundo em termos de uma eternidade que se prescreve, repete, eterniza, tal como A Eternidade do Mundo, de Boécio? Não estamos no meio de uma Idade-Média ao contrário, poderiam dizer Zizek ou Sloterdijk, ou mesmo Bauman, que ao voz e os diálogos se cruzam, entrecortam, interpenetram, tal como os corpos videográficos, as searas onde cultiva produtos ecológicos quem quis abandonar o *citylight* que oprimia as suas consciências como um martelo nietzscheano aturdido e estridente? O que mais sublime do que a angústia das mentes circunstancialmente angustiadas no Metro? Quando se sonha com uma metrópole que nos diga como é “viver” ou o que fazer nas mais diversas situações, habituamo-nos a ver qualquer coisa de maravilhoso, religioso, sublime diria até, na circularidade de um pensamento pós-moderno onde se perpetua uma rotina como um *saltarello*, uma *pasachailla*, onde até a depressão tem sempre um grão (de areia, de piri-piri) de esperança e chispe de novo para a hiper-realidade para onde o nosso espírito é enviado. Assim, os corpos (e os copos, por vezes) do Metro, são corpos translúcidos, na verdade não se enxerga nem o corpo nem a mente, enxerga-se um feixe de sentido do caótico que esconde a agressividade do Eros, e seu trabalho num contexto espacial determinado, que ora se limpa ora se mantém sujo ao sabor das mais variadas disposições do espírito dos espíritos. Veja-se a este propósito um Marcuse ou mesmo um ensaio de Freud “Mal-Estar na Civilização”.

CONCLUSÃO

Podemos propor como teoria a ideia de que, desde que nasce, o homem tende a morrer, ou seja, há toda uma reflexão sobre a morte que a filosofia e a antropologia têm feito, com dados ou especulações, mas que convém fazer de modo mais premente e acintoso, pois parece-me que muitos sujeitos não se dão conta que, efectivamente, mais tarde ou mais cedo, vão “morrer”, ou seja, esse corpo físico que habitamos, de que são donos, ou não, vai cessar de existir, pelo menos sob aquela forma que é conhecida no presente. Ou seja, o homem sábio é aquele que reflecte sobre a morte, sobre o fim, e assim desenha a finalidade da sua praxis e do seu pensamento.

In Vino Veritas: uma nova forma de entender a embriaguês do saber

Argumento

Por vezes, quanto mais se faz, pior é. Há aqueles que não bebem e são pretensiosos, aqueles que bebem e o são e aqueles que bebem e não o são. Então, qual a verdadeira virtude da embriaguês do saber? Diz-se que na embriagues chegam as maiores verdade e elas não são nem pragmáticas nem ostentatórias, mas modestamente incisivas.

Desenvolvimento

1.

Diz-se da maçã podre que tem de ir embora, ser tirada do conjunto em que apodreceu, ser comida lá fora, fora do âmbito de um determinado grupo de mónadas ou rebanho onde, de resto, também se comem todos uns aos outros. Daí a embriagues, lida à natureza e a natureza das coisas, deste mundo e do outro.

2. Queremos, então, obter a vitória para tornar nos tornarmos dignos de admiração e honrar os nossos, mas não só, pelo gosto da vitória em si, pois nunca como hoje, nesta sociedade pós-metafísica, se teve tanta oportunidade de ganhar, em várias áreas, sendo que também, aumentaram as probabilidades de o sujeito claudicar, tal como uma medicação com efeitos secundários. Aliás, a própria bebedeira do mundo, leva o sujeito a fazer certas coisas, a pensar certas coisa que nunca pensaria se estivesse sóbrio, num registo de toca-e-foge ou de fuga para a frente...

3.

A embriagues de saber é, portanto gémea da fertilidade que gera um outro ser e envolve mais do que um sujeito, vai além da mera contemplação do mundo, pois só se

pode contemplar só. Portanto, não estamos somente diante de uma luta de galos, uma luta de status, mas diante relações que na maior parte das vezes são o que se costuma chamar recentemente de “tóxicas”. Mas, será a culpa, toda a culpa, da internet, do objecto virtual, das redes sociais? Não estará o próprio homem modificando a sua inteligência emocional?

4.

Temos, portanto, também, uma *cultura da elisão do facto*, social ou essencial, existencial, ou seja, se aconteceu, podia estar bem ou estar mal, se não tivesse acontecido, podia estar bem ou estar mal, portanto, uma tentativa de reescrever o passado através do futuro, de uma nova forma de entender o Tempo, a mudança, o sentido da vida, desconjuntando o Ser das suas mais influenciáveis variantes e dotando-o de uma nova potenciação face ao Devir.

5.

Portanto, a saúde de uns é extremamente boa e a de outros extremamente má, talvez devido à ausência de uma cabeça política forte, o poder está distribuído, mal ou bem, está disseminado, é partilhado e não há uma só voz social, portanto, a saúde pública não é homogénea e o conceito de estado-nação é meramente indicativo na economia simbólica do Ser.

6.

Portanto, o homem percebe que pode andar como nunca em busca dos seus objectivos, a salvação é individual, fora os estádios de futebol, em que é conjunta, a proliferação do coletivo, da ideia de grupo ajuda como nunca o sujeito a sentir-se realizado. Mas nunca como agora se sentiu tanta angústia existencial, talvez ainda pela existência de muitos que não estão verdadeiramente alegres, verdadeiramente felizes e enquanto uns têm uma felicidade real, assente na qualidade de vida e exploração desse conceito, outros têm de inventar a alegria...Ou não será apenas uma ficção, a ficção da felicidade, criada pelos noticiários e telenovelas, onde abunda a ideia muito americana de intriga policial, só para tornar a vida interessante porque excitante?

7.

Por outro lado, a ideia de domesti-cidade aumenta, procura-se estar confortável em termos de equilíbrio pessoa e coletivo, estar em casa e, por outro lado, estar além do Ser, num outro nível, noutros termos, "fora da caixa". Disso é indício o florescimento do universo da criminologia, do policial, da intriga de espionagem (aumentada pela difusão das redes sociais e virtuais) e a implantação da psicologia, generalizada até pela TV clássica, estatal, como ponta de panaceia para os males do homem moderno, onde se procura estar sempre bem e, por outro lado, onde a psicose tem a sua explicação e legitimidade societal, porque tudo se explica, tudo se compreende e, em última instância, a pena de morte não faz sentido...

8.

Por outro lado, a apropriação de sentido torna-se, mais do que presente na nossa sociedade, *legal*, como se o magma do vulcão coletivo se expandisse pela terra, por cima de casas, em direção ao mar...

9.

A consciência coletiva torna-se circular, vítrea, científica e tudo é apreciado como se fosse uma iguaria, qualquer um pode ser rei, desde já porque tem um acesso ao mundo virtual, face ao empobrecimento do real, da existência, da contingência de estar alojado num compartimento de cimento, como vários filmes americanos demonstram...

10.

Face a uma certa distribuição anódina do amor, o homem experimenta um sentimento de liberdade como nunca antes sentido, pois tudo se proporciona e tudo se pode sentir, até ir contra o muro da morte e voltar. Portanto, há uma certa interdisciplinariedade do mal, do desejo, da morte e se ela deixa de existir momentaneamente é porque não existe nunca, sendo que paira, pela guerra, o pior dos medos da humanidade, a elisão global, o desaparecimento do grupo a que o sujeito pertence, coisa pior não pode haver nem se sentir... Por isso o homem se torna violento, abusa da sorte, tenta tudo e mais alguma coisa para se mostrar, demonstra, um cidadão válido, popular, famoso.

11.

Tudo se analisa, o homem é que se analisa a si próprio e aumentam as especialidades médicas, muitas assentes no segundo cérebro, que se soma à dupla personalidade do sujeito...

12.

Por isso aumentam as extremas-direitas na Europa, antes de mais pela noção de que o branco precisa de se defender mediante a ameaça de uma globalização desenfreada e até uma política da tolerância é eminentemente política...

13.

Além do mais, mesmo em termos académicos, não há novas teorias, há teorias dentro de teorias, como as Matrioskas, ou seja, o mundo está parado, pior, em desinvolução e qualquer desenvolvimento até da qualidade de vida, é puramente ficcional, não existe, embora seja registado, documentado. O próprio cinema reflete esse tema mais do que clássico do *self-made man* que luta sozinho contra a injustiça perpetrada por um grupo, o seu grupo de pertença ou aquele que lhe infligiu mal de alguma forma.

14.

A realidade é ora dócil ora violenta, mas seguros os passos do sujeito no campo do desejo, mas pode ter muitos alçapões, ou seja, quando estamos demasiado em casa, podemos cair no alçapão, ou seja, enterrarmo-nos muito mais, enquanto o espaço público nada traz de novo e mais vale estarmos em casa desejando não estar, do que não estar e desejando estar...

15.

Há, portanto, uma nova procura da felicidade, uma redefinição do que é ser feliz, ser bem sucedido, sem sem-abrigo, ser humano...além de Nietzsche e dos fascismos...

16.

A filosofia vulgarizou-se, esvaziou-se e teme-se falar de qualquer antropologia devido ao receio face ao placebo da antropocena, ou seja, a filosofia encerrou-se numa dança dentro de casa, num ritornello infinito e repetitivo, numa oscilação entre *fade-in* e *fade-out*...

17.

A realidade tem agora uma cópia, o mundo virtual, uma cópia a cores a partir da qual várias outras cópias podem ser tiradas, ante o prestígio do cidadão que se especializou num determinado do saber e do fazer, como na época medieval os monges e frades nos conventos...

18.

Sim, há a concorrência do lógico face ao onírico e filosófico, a ideia de que eu tenho de provar até o bem pelo mal para não me sentir marginalizado, para não entre no poço da solidão que me faria desaparecer, nem eu desejando a morte, porque, afinal, prefiro surfar na vida enquanto ela dura e **extrair** dela o máximo possível, prazer, realização, comunhão... Sendo que extrair significa tanto “tirar para fora” quanto “trair o ex”, a ex...

19.

Ou seja, como já falei algures, o sujeito reproduz a corrida em direcção ao útero da mãe enquanto era espermatozóide, ouve vozes, críticas, aplausos e até os papéis sexuais se redefinem porque a realidade biológica se pode redefinir, ou seja, o homem analisa-se a si mesmo e aos outros animais, que come, de uma foirma, com a significativa influência da tecnologia e dos computadores, que são a mera replicação da sua forma de pensamento, que não é fixa, mas conjuntoral, quando as estruturas começam a cair, ela é antes de mais, evolutiva, adaptativa...

20.

Não queres saber a verdade, porque a verdade mata e tu não queres morrer, mesmo que tenhas morrido já para alguns. Por isso, vives na ilusão do saber qualquer coisa que é quase verdadeiro, por um lado, e que vai além da verdade por outro lado, sem lhe tocar, sem libertar o que está nessa Caixa de Pandora, quando isso já aconteceu em alguém lugar e de certa maneira a tua praxis teve a ver com isso, mesmo tu aqui e ao mesmo tempo estando ali, além...

21.

Mas...será que todo o sujeito é cientista social, como pode parecer virtualmente? Na verdade, todos o podem ser, mas não são, efetivamente, tal como todos pode ser psicólogos, mas não o são, ainda que o possam ser, em regime autodidata, quanto mais não seja pelos conselhos que prestam em determinadas circunstâncias. E, se o conhecimento é perigoso, quando vai para às mãos de outros que não o seu autor, quando pouco tem, também a metafísica é perigosa, no bom sentido, para o sujeito e para o mundo que o rodeia, porque inunda de verdade o ecossistema, é localizável, traçável, detetável como uma rede pública virtual...

22.

Portanto, a noção de vão volta à baila, quanto mais não seja pelo vazio de existência que assiste ao quotidiano de um sujeito à deriva, que toca em pontos de apoio aqui e ali, como na escalada, mas cujo sentimento de grupo é puramente funcional, abstrato.

23.

Sim, a realidade é perigosa e quanto mais sabemos mais perigo corremos, ou menos, por outro lado, porque o Outro vai fugindo de nós e nós mesmos damos lugar a um Outro Outro, ao Outro que há em nós, ante o deslocamento de sentido para um lugar além, alguém, num canto de esquina, nem beco de uma cidade do leste da Europa, que ninguém olha nem contempla como arte, ficando nós, apenas com uma reprodução dela mesmo ou de coisa parecida e com a possibilidade de ser a nossa arte, a pictória, a multimédia, a cinéfila, quando todos podem ser artistas, nem que seja da sua própria biografia e existência...

24.

Dáí o desejo mórbido de pensar o perigo, o abuso, o porno, a morte, o excreta, ou seja, preciso de alguma coisa que me faz sentir vivo e a realidade legal, legalizável, não me proporciona essa excitação, essa transgressão primordial que é ser o Outro permanecendo, em termos sobrepostos, Eu-Mesmo...

25.

Eis, então o patente, o batente, da noção do mundo às avessas, ou seja, o sujeito tem o seu mundo às avessas, enquanto o domínio público permanece na ordem, pacífico, quase dormente e é este desfasamento que explica a violência doméstica, por exemplo, há um desfasamento entre domínio público e domínio privado, ou seja, a busca da excitação deslocou-se do mundo íntimo para o mundo social e é neste entretém, neste entretenimento, que todos, mais uns que outros, mas todos, vivemos...

26.

O espírito português, portanto, está se apropriando de outras características e qualidades de outros povos, de outras nações, enquanto outros também se apropriam de nossos itens culturais, quanto mais não seja a melancolia, a paixão, o deixar-andar. Na verdade, é isso o que todo o turista procura entre nós, para além da boa comida. E se o ser português é o nosso pano de fundo teórico, estamos no domínio não só de uma antropologia social, mas de uma etiologia praxística do povo que somos. A este propósito, cito um dos primeiros livros de Quintais "Melancolia Imprecisa" e o nosso "Curvas Apertadas", que descrevem esta oscilação do ser coletivo ante o tempo (que) passa, o sentido de rodoviária, ou seja o caótico do espírito errante de vendedores como o meu tio Mar, por este país, de alto a baixo, do interior para o litoral, que é nuclear não tendo nenhuma central, ou seja, é e desenvolve-se "em movênciã" (Prista), em alteração, "modificação" (Simmons).

27.

Eis, então, a vida como "bordel", como diz a minha tia-avó Florinda, como "negócio", como dizem os brasileiros, ou seja, qualquer coisa que é conceptualmente arrancada da mente humana coletiva, extraído, subsumido, para que se possa

desenvolver autonomamente enquanto produção do espírito, logo replicação da existência e sua complexificação para que estrategicamente quer ela quer o sujeito possa sobreviver, sobreviver, amassar e replicar o tempo.

28.

Sim, a existência é qualquer coisa de movente e o homem precisa de se embriagar da felicidade, da realidade, porque perdeu a noção rousseauiana do bom selvagem, que por ora adota outras roupagens, como o camaleão, não é só um, mas muitos, entre Mal e Bem, quando é fácil ser-se mau, basta Ser, enquanto para se Ser Bom é mais complicado, tens de sofrer, sendo que no final, o Bom é redimido e o Mau condenado ao sofrimento eterno das brasas de Santelmo...

29.

Portanto, ainda sobre a Função Social do Filósofo, este, pelo brilhantismo da sua teoria, quer-se sentir superior, quer inclusive ser rei, governar, nem que seja de uma cidade apenas, como na Itália do renascimento, mas as tarefas são repartidas e, para poder, como o antropólogo, continuar a sua teoria, opta por uma conduta modesta para, aliás, não condicionar nem “destruir” o seu objeto de estudo, ou seja, o *bicho* humano...

30.

O filósofo adopta, então, uma postura anímica, animal, ou seja, como na antropologia biológica e na etologia, se dizia de certos animais, protegendo quer as suas crias quer o seu território, seja, para anuência da elisão da sua doença mental, da sua neurose e psicose, o regresso a uma vida natural, uma nova forma de ser selvagem e ao mesmo tempo real e bom (selvagem), adaptando-se, confundindo-se com os outros animais, explorando as características e talento que o real lhe proporciona para que a cosia ande para a frente.

31.

Para ilustração da via académica, podemos dizer que o segredo do filósofo é rebater as críticas de que é alvo (ou que inventa), pela moral cristão, ou seja, “tu me ofendes,

sob vários pontos de vista, e eu te perdoo", porque (vou) em direcção a um Bem Maior, ou seja, a i-mortalidade, o prazer de estar vivo, a relação e ralação com os meus, o retorno ao sangue (Real), ouvindo a voz do sangue e descartando-me das ofensas no caminho como de escamas ou pústulas, no caminho, portanto, deixando de ser peixe para ser carne, deixando de estar dentro de água, onde sou frequentemente pescado, para reaparecer o meu Eu mais adiante, assumindo como Sou no âmbito da selva urbana de cimento... Portanto, opto por ser simpático, político, diplomático, porque quero que (o meu objecto de estudo) não desapareça...mesmo através da metafísica que se (me) desenha no horizonte...

Do Ut Des: Da Gratuitidade da Bem-Aventura na sociedade liberal do capital

Argumento

A Igreja defende a bem-aventurança da gratuidade, enquanto a economia se desenrola, entre penúria e abundância, sob a mão-invisível de Deus.

Desenvolvimento

1.

Portanto, temos desde já dois registos diferentes no âmbito da nossa argumentação: a Igreja, que defende a gratuidade, a falta de atenção aos dinheiros, à economia, em termos gerais (porque tudo se há-de compor) e a teoria marxista antropológica, que defende uma intervenção, mais, uma compreensão da realidade do homem (porque Deus não existe, mas o Homem).

A mão invisível Deus: bela expressão para começar este ensaio de antropologia mais do que económica, metafísica. Na verdade, vou andando neste ensaio, sob a tentação de ver televisão no quarto e de desliga o jogo da Bulgária na TV da sala, ante a verborreia dos filósofos, tentando “dar um tempo” que o antropólogo social usa para se expressar.

2.

Precisa, então, o sujeito, da parcimónia, virtude mais ou menos teologal, para se sentir feliz, porque existe e se desenrola no quotidiano como homem moderna, enquanto outros vão fazendo suas falcatruas no âmbito de uma luta de galos do status ou qualquer outro motivo menos perceptível, idiossincrático.

3.

O mérito, então, do sujeito empreendedor, e de resto de qualquer autor, é sobreviver às críticas e aos azares do quotidiano, ou seja, ele pode apagar-se ao longo do caminho, mas a consciência de si reaparece mais adiante e ele almeja que ela seja forte e clara ao cortar a meta do conhecimento. Então, ele doseia, faz medições,

faz até um cálculo da sua substância moral e de como a pode ir dispensando no caminho.

4.

Para os católicos, tudo é gratuito sob a égide de Deus, mas o padre precisa do seu salário, assim o decreta o Estado, laico, republicano, gerido sob as instâncias da economia de mercado, onde se dá para receber, em termos fiscais, em termos da economia doméstica. Mas, no caso português, parecem funcionar os dois sistemas, pois a Igreja está integrada tanto na vida social como na imagem que se dá ao exterior.

5.

Assim é o caso dos vírus, o Covid-19 e os vírus informáticos. Alguns organismos e dispositivos sabem conviver com ele, outro não. E qual o vírus do mundo actual? Não é decerto o vírus da filosofia, no entanto todos a admiram, mas ela é pobre, por isso alguns a odeiam e foge a qualquer voz para a reflexão que, sempre, a vida precisa.

6.

Assim, temos, de um lado, o homem social, do outro o homem existencial. Enquanto um procura o lucro a todo o custo, satisfazendo-se pelo bem-estar económico e normalmente seja iletrado (ou quase) em todos casos, havendo excepções, do outro temos aquele que se procura inserir no meio ambiente não pela via económica mas pela da idiossincrasia e integridade do espírito, o que não quer dizer que não possam conviver os dois registos e, enfim, esse será o homem digno, formador, prestigiante para a sociedade, pois enquanto a Igreja prega a parcimónia, muitas bocas há para alimentar e aquele que sabe lidar com o dinheiro, ou seja, não o desbaratando totalmente em termos egoístas, está mais próximo de ser santo. Mas...pode um rico ser santo? E um sem-abrigo ser, santo ou outra coisa com utilidade social para a comunidade? Ambos se perderam, o rico e o sem-abrigo, porque, de certo modo, ficou sua mente emaranhada no tecido do social, um só sabe fazer dinheiro, o outro não o pode ver...

7.

O sujeito, bloqueado que está, procura continuar no trilho, uma transvia, ou seja, uma forma de prosseguir a sua existência mais ou menos atribulada, sem recorrer demasiado aos outros, sem grande alarido, mantendo o génio da escrita escondido numa pequena caixa com notas e moedas, para dar sorte, para que a sua escrita possa um dia ser reconhecida, aquém e além fronteiras, sendo que “santos da casa não fazem milagres”. Na verdade, segundo o pensamento tradicional português, “santos da casa não fazem milagres”, portanto há uma exogamia de grupo mesmo ao nível do saber técnico, social e sexual...

8.

Então, porque é que o grande autor é normalmente pobre e tem uma vida quase miserável, não vivendo da sua escrita, não dando aulas numa grande universidade, não tendo grande vida familiar? Os exemplos são mais do que muitos, mas muitos têm uma vida boémia, até, e não se importam de gastar suas fortunas em pouco tempo em mulheres, vinho, drogas. O mistério permanece e não somos nós que vamos dar respostas, entre um monte da Oliveiras e o Rimbaud ou Rilke, há de tudo neste cardápio onde se consomem as mais variadas iguarias. E, porquê, mesmo no hagiológico, poucos santos são-no durante uma vida longa e a maior parte ou faleceu em criança ou jovem ou passou de um lado para o outro da barricada em metade da sua vida, como Santo Agostinho?

9.

A vida é, então, vista como um combate, aquilo que cumpre o destino e a existência é o corpo, mais, a união do corpo com o espírito, no âmbito de uma determinada especialização (do saber, das modalidades desportivas como o MMA). Essa união reaviva a luta antiga das cavernas, das pradarias, da estepe, a cavalo ou a pé, quando o homem caçava mamutes e leões, enquanto hoje em dia há reservas para tudo, para o comportamento e o discurso, para os índios americanos, seja do norte sejam do sul, para o lince ibérico, para as abelhas e as formigas...

10.

Assim, o filósofo vive e sobrevive frustrado, imerso nas suas questões e na sua frustração, mas talvez mais feliz do que o futebolista do Manchester City, que nunca deu a volta, que sempre fez aquilo, que não conheceu grandes doenças nem desafios

mentais ou sentimentais. O corpo do poeta e do autor é um corpo orgânico, não mecânico, assim como há, como dizia Durkheim, sociedade de solidariedade orgânica e solidariedade mecânica, sendo umas mais complexas e as outras mais simples, mais funcionais, enquanto as outras são mais competitivas e talvez até menos ostentatórias. Porque o poeta vive exilado, ele precisa da melancolia, da tristeza, para produzir os seus versos, ele vive da sebe do fado, de um destino mais ou menos traçado que lhe dá o sentido de finalidade, de certeza, de que precisa, porque todos, um dia, vamos morrer. A morte coletiva antecipa-se na sua mente, é a sociedade que morre, para ele, enquanto ele morre para a sociedade, não sem um sentido de regeneração salvífica, de ressurreição, como Cristo anunciou...

11.

O homem do senso comum anda, portanto, entretido e imerso no seu mundo no seu universo que é a língua e conhece pouca complexidade teórica, melhor, não relaciona a complexidade teórica com a técnica, o conhecimento do mundo, a não ser algumas exceções com certos artistas. Para ele, a vida é a vida de todos os dias, o passar dos dias, sem se preocupando com grandes conceitos e condições filosóficas, como a morte, o suicídio e outros itens que se ensinam nas escolas. Enquanto isso, o filósofo faz de tudo interrogação as suas interrogações são tanto radicais quanto a sua situação económica piora, ou seja, quando tem dinheiro, normalmente não o sabe gerir. Eis a condição de um e de outro, pois um e outro existem e nunca deixarão de existir, enquanto houver, no âmbito societal, uma separação clara entre técnica e ideologia. Mas, em tudo isto, os meios de massas têm o seu quinhão de responsabilidade, porque forma, digamos, de uma maneira pouco académica, privilegiam o resultado e não o processo, pois hoje em dia o sujeito não se oferece gratuitamente a esforços intelectuais. Muitos chegam ao fim da vida arrependidos de não terem feito certas coisas, mas não lhes ocorre, em tantos anos, o prazer de pensar, enquanto a pulsão de fazer, de ter, de amearhar, lhes persiste na personalidade e nos dias. Talvez obedeam a velhos ditâmes da razão costumeira, da hereditariedade ou da cultura e é isso também o objecto da antropologia social.

12.

Sim, o homem de hoje é o homem prático, descomplexado, económico, verdadeira fera do palco da vida, porque essencialmente o cinema norte-americano propulsionou isso e há ainda quem diga que o império americano está em declínio, nós achamos que o império pode estar em declínio, mas a sua cultura continua a expandir-se, apesar da China, do Japão e do poder militar do provocador da atual guerra da Ucrânia que, curiosamente, não tem nome...podia até ser, para darmos um exemplo à socapa, *O Murro de Berlim...*

13.

Vivemos na sociedade da participação, entre os direitos humanos defendidos pela esquerda e pela Igreja e a acumulação de riqueza no norte, que deu origem a Hollywood, não tanto um princípio moral ou uma norma mais ou menos estática desenvolvida por um grupo de autores, porque, enfim, os actores não fazem filmes gratuitamente, têm a sua dose de esforço artístico e, de certo modo, o seu papel social, numa sociedade onde o social não é organizado da mesma forma do que, por exemplo, na Europa ou em África.

14.

O homem está, portanto, preso, não dentro de uma cadeia, mas dentro de um apartamento, preso nos seus pensamentos, bloqueado porque não consegue avançar para o pensamento seguinte e por vezes passa algum tempo até que consiga sair de casa ou ir mais longe. Daí que o homem preso, não por um delito qualquer, mas porque é um vencedor e tem receio de ser famoso, é o *homo economicus*, muito depois de ter sido o *homo sacer...*

15.

Portanto, fazer reflexão no momento, em cima do joelho, pode revelar-se bastante frustrante, fonte de grande desalento, pelo impacto de que a certeza ou, por outro lado, a dúvida, se instala na mente do autor. Porque se faz história não acerca do momento presente, do instante actual, mas depois do momento.

16.

Daí que a moeda actual seja o desejo, moeda de dupla face, que tem dois lados e eis que se desenrolam também assim as relações, tem duas fases, a festa (enquanto dura o namoro e os primeiros anos do casamento) e a desilusão e o esforço por manter a fachada social. Mas há amores que duram para sempre, mesmo os monogâmicos, enquanto outros dois ou três dias, enquanto outros, finalmente, nem chegam a ver a luz do dia e mantêm-se nas recônditas reentrâncias do ser errante e peregrino, próximo ou afastado de Deus. Por isso, o amor perene é o amor a Deus, o amor de Deus, o amor vertical, e quando a minha amada está à minha frente e o seu olhar foge para cima, como diz a canção da banda GNR...

17.

Então, porquê uma tradição italiana nos EUA? O país não estava pejado de ingleses, brancos, e africanos, quando se diz que a colonização britânica não teve escravos e foi mais violenta do que a portuguesa e, por exemplo a espanhola? Hollywood documenta tudo isso em vários filmes, veja-se *A Cor Púrpura*, *Amistad*, *Out of Africa* e tudo o mais.

18.

Por vezes, na realidade, a vontade embate em determinados princípios ético-estéticos, ficando por ali, no desvio do Ser, ou, se esta for perfurada como um coador de cozinha, pode atravessá-la e ir mais além, são estes os regimes de ser, entre lucro e prejuízo, numa economia onde o homem de certo modo abrandou na sua vontade de ser andróide, ciborgue e voltou à sua humanidade, humildade, ainda que desvairado pela tecnologia que propuliona o desejo de **estar onde não se está**, como diz a canção.

19.

Há, portanto, como na moda feminina, um espírito descritivo da realidade, optativo, seleccionando o que é e não é bom, o que é cara e o que é coroa, o que é

positivo e o que é negativo, sendo que a moeda é o melhor de dois mundos e, de certo modo, a moeda, mesmo sob a forma de nota, papel (trabalhado, prensado, como num remate à baliza, ou seja, é a hóstia da economia...entre religião, obviamente, e mundo real, do crime, da violência a vários níveis, do abuso, no final, da falta de ética.

20.

Na verdade, o que motivou tudo isto não foi tanto o estado de separação entre secularismo, laicismo, e religião, Igreja, mas um movimento interno na mente do homem que o conduz a agir de determinada maneira, não se sabe bem como nem porquê, mas cujos os resultados são vistos, só para citar um exemplo, na TV, com um sentido apocalíptico que o antropólogo partilha e até, em certo sentido, propulsiona, favorece, defende, porque a maioria da antropologia é marxista, seja, não promove a ideia de Deus tal como Spinoza ou Emmanuel Mounier o fez...

21.

E hoje, além da economia, do comunitarismo, da cidadania e do PIB interno pessoa, a NASA ensaia o primeiro teste de defesa interplanetária, o que pode ser sinal de que o homem precisa de se defender e aquilo que foi construindo ao longo dos anos. Pode também querer dizer que uns vão fugir e talvez vivam para sempre, sob a égide o elixir da eterna juventude, por isso eu prefiro morrer, como as plantas e os bichos, mesmo que não haja continuidade, como as estelas, que brilham no firmamento e logo logo se apagam e desaparecem, em vão, de *fade in*, desaparecendo sob a escuridão na explosão de si mesmas. Como o estreme que acaba por fazer nascer novas semente, a terra vai andando no seu caminho, localizada em si mesma, envolta num desejo terno de vida eterna, na proliferação das imagens saturadas e repetitivas, sob lógicas diversas, sob os passos de alguém na areia do deserto...

22.

Assim sendo, o homem que progride identifica-se a si mesmo não tanto na economia de esforço, como os jogadores Insúa e Suárez, mas na gestão da criação, do suor, como numa quinta, portanto, na gestão daquilo que tem e do que não tem, sendo que há como certa uma economia da ausência, ou seja, uma especulação a partir do nada que

vale pelo esforço e que, quando injectada com algum montante, pode desenvolver grandemente, ou seja, eu tenho o meu grupo e participo dele, dou para que dê, dou para receber ou, envolto num regime de gratuidade cristã, ofereço a minha irmã sem esperar nada em troca (as bulas e indulgência), dou para pertencer (ao grupo, à associação, veja-se as quotas de associado), portanto, o jogo do grupo tem que vem com um certo sentido de substituição, de mãe invisível que está ora patente ora escondida...

23.

O homem actual não pode estar parado, tem de andar sempre a girar, como diz a canção de Alyson Moyet (*Move Out*) ou dos Jungle (*Keep Moovir*). É o tempo dos grandes festivais e da manifestação de um novo romantismo, o das canções pimba que denunciam uma selvagem orgia de corpos que se roçam uns aos outros, enquanto certa música defende a identidade pessoa e a sua independência circunstancial (não fatal) face ao grupo de pertença, ao grupo de momentânea associação. E, curiosamente, talvez pela recente morte do DJ Avicii, as raves deixaram de estar presentes na TV, a não ser por um canal exclusivo da TV por Cabo, enquanto os conventos e a vida religiosa (das ordens), conhecem um novo alento um novo refluxo de vida como as ondas de um mar revoltoso...

24.

O meu gatinho Farp, nestes dias felizes de produtivos, vai de quando em vez à mesa do Atelier Rose e com a patinha deita os lápis de cor que aí estão para o chão. Talvez me esteja indicando “não faças isso”, seja, não desenhes (mais), não insistas, tenta outra coisa. É uma verificação, enquanto adiou para talvez nunca mais a possibilidade de ser professor de Filosofia, pois o que faço com a cabeça, com a minha mente, não é senão outra filosofia, uma alternativa à eterna necessidade de citar certos e determinados autores (sempre os autores...), é talvez uma indicação para fazer outra coisa, evitar *merdas*, digamos assim, para ser direto, e ir direto ao assunto, oscilar e viver sob a égide da moeda, da gratuidade e do lucro, já é tempo de fazer lucro, de ter proveito, pois por vezes não sabemos (e não é bloqueio), o que escrevemos e porque escrevemos...

25.

Portanto, relaciono os registo biográfico, geográfico na geologia e genealogia da moral, para identificar camadas do real, como se ele fosse constituído também, como as escamas de um peixe, pela possibilidade de dedilhar politicamente a hipótese de sonhar com outros lugares estando aqui, de salta da antropologia para a filosofia e permanecendo nessa instância do saber até que um dia vá habitar a habitação de uma nossa casa, de um novo Ser de cimento associado a mim...

Salvifici Dolores: Que religião é esta que glorifica o sofrimento?

Argumento

A religião, melhor, a Igreja Católica, ou cristã, em sentido lato, confere ao sofrimento, físico, e psíquico, uma valor que não se encontra fora dela, em outros registos sociais. Mais, a religião faz do sofrimento algo com sentido, ou seja, fora do âmbito daquilo que a tradição pagã chamou, através dos tempos, de masoquismo ou sadismo. A dor, realmente, salva o corpo para outro lugar que ainda existe noutro mundo, antes do Juízo Final que o e-levará para sempre ao Céu. Este é o nosso argumento.

Desenvolvimento

1.

A razão peregrina anda de um lado para o Outro, o sujeito não sabe bem o quer, mas umas vezes insiste outras desiste, não de todo, porque tem confiança numa força exterior a si, para a qual caminha e sobre a qual faz sentido pensar, meditar, rezar, agir. O sofrimento tem sentido e só percebemos isso quando ele se foi embora, está fora de nós, no universo de outra pessoa, ora pairando no ar, hora caindo no chão de terra como gota de sangue.

2.

Então, como entender o fenómeno do sofrimento humano fora da teologia cristã? Que correntes percebem este fenómeno, quer sob o ponto de vista da psicologia quer da espiritualidade, porque há uma espiritualidade sem Deus, ligada à natureza (das coisas e das pessoas) e ao cultivo do Eu no sentido radial da sua influência recíproca com o meio, o meio ambiente e o meio social.

3.

Se por vezes o sofrimento é inelutável e atroz, talvez seja porque não confiamos em Deus, essa entidade que nos faz sentir menos o corpo e para a qual projetamos a nossa agonia e estertor, a nossa bílis. E porque não o fazemos quando estamos irados, em vez de chatear o vizinho, em vez de procurar um bode expiatório? Porque somos fracos e mesquinhos, simplesmente humanos que fazem o papel de Deus, esse Deus que é todo o mundo, todas as pessoas, mónadas, e mais alguma coisa, que resulta de estarem juntas, mesmo que algumas não acreditem. Que seria do mundo se todos acreditassem e com igual grau de intensidade? Seja, talvez, qualquer coisa de bom ou qualquer coisa de mau, pois Ícaro tanto se aproximou do sol que acabou por se queixar, portanto mais vale estarmos entretido no afã do nosso dia a dia e visitar a ideia de Deus de quando em vez, para não inflamar-mos demasiado os ânimos e nos deixarmos ir no meio termo, sem grande confusões e excitações porque, aliás, toda a festa tem a sua ressaca e a qualquer droga ou rave segue-se a ressaca, procurando o homem a todo o momento estar em casa, estar equilibrado, compensado, feliz no que tem que fazer.

4

Cristo sofre, os mártires e outros santos sofreram. É porque, então, há um certo sentido no sofrimento, pelo menos para os cristãos. E para os outros, aqueles que não acreditam na sua mensagem? Aqueles que preferem morrer a sofrer? Tudo depende também dos avanços médicos, da evolução da medicina, então, Deus caminha lado a lado aos cientistas na descoberta de uma vida melhor, é a conclusão que podemos tirar deste teorema, desta equação.

5.

Podemos, então comparar o sofrimento ao desejo? É tido que quem tem menos prazer tem menos sofrimento, quem tem mais prazer, acaba por sofrer mais, porque busca a excitação e se vai tentando equilibrar entre excessos e defeitos na experimentação e prova do mundo.

6.

Poderemos, nesta ordem de ideias, comparar as cores aos matizes dos sentimentos e das emoções que a psicologia estuda? Aparentemente sim, o preto e o branco são emoções extremas e nem sempre sofremos integralmente, por inteiro, com a alma e o espírito, há uma mistura por vezes entre dor e prazer como quando, por exemplo, choramos a rir...

7.

Nós mesmos experimentámos um sofrimento extremo, da ordem do psiquiátrico, por meio de diversos fármacos e sentimos dores que não sabíamos existir, só para condicionar o nosso discurso e comportamento, só para voltar à normalidade, portanto, quando o sofrimento é desumano, inhumano, deixa o homem de acreditar em Deus, pois vive na constante nostalgia de uma felicidade perene...

8.

Numa partida de futebol, a tática nem sempre é a mesma, defesa baixa, linhas abertas ou fechadas, sair a jogar, são algumas das mais comuns expressões. Por vezes, a equipa que ganha precisa de recuar no terreno, queimar tempo por meio de falta, “saber sofrer”, como se diz. Por isso, poderá a ciência moderna acabar com o sofrimento? Ele não está intimamente ligado ao prazer, o anal, o psíquico, não ouvimos já alguém cujo riso para choro, que varia de um lado para o outro, como os bebés, quando não sabemos se está a chorar se está a rir, como dissemos anteriormente. Portanto, tentar elidir o sofrimento seria elidir o ser-se humano, sendo que devemos ser masoquistas? Como se mede a dor? E o prazer? Pelo movimento e ausência dele?

9.

A dor, o sofrimento, podem não ter uma origem no sujeito, depende também do Outro, ou seja, pode ser o resultado da quebra de uma relação com alguém, um amigo que se vai, um pai que está prestes a partir, ou seja, é difícil agarrarmo-nos à vida quando sentimos que até a nossa partida está próxima. Mas... não é para isso que serve a antropologia, a filosofia, a religião? São áreas que tratam dos sentimentos, mais ou menos profundos e não lhe podemos pedir que defendam à força o Kamasutra, nós é que, por vezes, não conseguimos fazer “as ligações” (M. Tavares).

10.

Sim, até na sexualidade, como nas relações humanas, a dor se confunde com o prazer, quando sexo em excesso também faz mal e desequilibra, mas nós não, temos pressa, entramos numa vida de excessos e não sabemos para, porque todos se querem mostrar, que estão vivos e que estão fazendo alguma coisa, nem que seja sofrer à brava...

11.

A grandeza do Homem reside não na sua suposta divindade, mas na sua grande e humilde humanidade, ele, apesar de sofrer absurdamente, em termos psíquicos sobretudo, mas também em termos físicos, continua a acreditar num Deus que fala através das suas coisas e cuja língua e linguagem temos de aprender a ouvir. Por isso, tratemos Deus também não como um Pai distante e absoluto, mas como um Irmão, como Cristo foi, saibamos falar com ele intimamente quando o nosso corpo repousa sobre a cama, à espera de sítio mental e sentimental para dormir, olhando um pouco para o passado, revendo o nosso dia, rezando talvez um pouco, perdendo àqueles que nos ofendem, claro que custa, custa bastante, ser humilde e outras coisas, cristãs e budistas, mas se não custasse não valeria a pena, daí o sentido, todo o sentido, da *coisa* do sofrimento cristão humano...

12.

Adiantámos então algumas ideias basilares da nossa argumentação sob o pano de fundo o conceito de que o sofrimento “faz parte”, é cristão, depende da nossa fé se o suportamos ou não, mas depende de nós também, se temos ou não adesão ao sobrenatural que há em nós, transmitido pela via do sangue desde tempos imemoriais, mas que também se distribui, como um *vírus*, num vão de escada da escola, num parque infantil, de pais para filhos, numa corrida, entre quem por nós passa, no

metro, entre quem se senta ou fica em pé, no simples exercício de uma caminhada no bosque mais próximo. Independentemente do lugar, deus manifesta-se, portanto, quando menos se espera, quando o procuramos obsessivamente Ele esquiva-se e só aparece quando estamos absolutamente desesperado e mesmo assim pode não aparecer, mas está lá, como nós estamos, cá.

13.

Em outro tempo, quando andava nas obras com o meu pai, custava bastante a levantar, a preparar o espírito para a carga de trabalhos nas mais de dez horas que estávamos na obra, mas sabia bem a cervejinha à hora intermédia, sabia bem o regresso na parte de trás da Mitsubishi e sabia bem o ordenado ao fim do mês, e depois o estudo até corria melhor e acabávamos exaustos na cama depois de ver alguma TV à noite...

14.

Por vezes esforças-te demais, continuas trabalhando, bolando alguma coisa, como diz o brasileiro, insistes e continuas, como que fazendo minagem ou garimpagem em busca de um metal precioso, como os alquimistas, para te dar alegria, ou então fazes o que os alquimistas faziam, estudas a vida (e a morte), para encontra um quinto elemento, o Santo Graal, o código da vida, falando de etologia, de substâncias que estão na terra e são transformadas, falando de halo e haologia, uma ciência que descobriste e que pretende unir o halo ao holograma, ou seja, dar uma boa imagem do que é ser-se homem, ser-se espírito, espiritual, ser honesto para ti mesmo e para com Deus, para com os homens, mesmo que alguns se aproveitem disso, quero dizer, da tua ingenuidade que, no entanto, tudo resolve porque é feliz e se estamos felizes, logo com saúde, nenhuma crítica nem nenhum adversário nos poderão vergar...

15.

Portanto, se o sofrimento é invisível, ou seja, não se pode vencer uma poção de sofrimento na farmácia, os seus efeitos são visíveis, ou seja, por exemplo, a depressão não se vê mas ela instala-se sorrateiramente no nosso espírito, como um vírus, um veneno, que ameaça matar-nos lentamente. A maior parte das psicoses e neuroses

envolve outro tipo de sofrimento, mais crónico e como que nos tira do mundo e nos joga para uma dimensão (do EU, da relação com os outros) que pode acabar por nos isolar do mundo em instâncias próprias onde o sujeito se devolve à sua trama psicológica. O grande tabu, pois, dos nossos tempos, não é tanto o cancro ou outras patologias, mas a doença mental. Ninguém quer ser tomado como louco e mesmo o TOC se desenha, dia após dia, nessa luta, pois é qualquer coisa, uma forma de pensar ou de fazer, que invade o espírito e o toca ou, por outro lado, como as doenças físicas, um objecto estranho que se alude ao corpo e o degenera. Daí o sofrimento. Mas...ah! E o sofrimento do coração? Faz-nos sentir vivos, até quando deixamos de ouvir as nossas músicas prediletas...

Quando somos jovens, tudo é mais intenso, até os exo, quando amadurecemos vamos pensando noutras coisas, em outras prioridades e vamos apreciando a vida, os dias, o caminho, à medida que caminhamos, não se sabe bem para onde, mas há ideia comum, muito ocidental, de que o caminho é em linha recta e tem um fim...Hellás! Para outras formas de acreditar, o caminho é às voltas e não tem fim, não se esgota no desaparecimento físico, sim, mesmo entre nós há quem a credite nisso, nessa descontinuidade entre a vida e a morte, entre o fim e o princípio, o Alfa e o Oméga, o Bem e o Mal...

16.

Assim, temos os registos temporais mais diversos, desde a hora ao dia, desde o momento à década, ao século, instâncias com que marcamos o tempo, para que ele nos favoreça ora com chuva ora com sol, a bem da cultura das coisas que se comem, a bem de nós mesmos ante a mesquinhez que vamos sendo e pela falta de enxerga de certas coisas que sempre tiveram ao nosso alcance e que só agora, ainda que ainda estando sós, descobrimos e cultivamos, como um bonsai, um animal doméstico, um novo amor que esperamos acontece, mesmos sem sexo, sem contacto, sem contiguidade corporal.

17.

O mais incrível é que Deus não procura as ligações óbvias, podemos estar num bosque a céu aberto e não detectar a sua presença. Podemos até estar dentro de uma Igreja e não o Sentir, mesmo que o sacário ateste a Sua presença no templo, podemos, por outro lado, estar dentro de uma caixa, que é a nossa casa, uma caixa de cimento, e Ele fazer-se sentir, não imediatamente, mas resultado de um trabalho e,

quando estamos perto de soçobrar, Ele está connosco, e está mesmo que partamos, de um momento para o Outro, porque, podia, como se diz, sem bem pior, e ainda que o seja, Ele está lá, se não dentro de nós, cerca, bem perto, ao redor ou apenas vendo as nossas acções e vigiando os nossos pensamentos, telepaticamente, ao longe...

18.

Uma vez, Lily chorou à minha frente. O pai tinha-a posto fora de casa e eu fiz-me namorado dela. Estava descomposta, rendida à sua trágica condição. Por vezes, todos estamos assim, apetece-nos desistir, deitar a toalha ao chão. Olhamos em redor, como a capota do toureiro, para baixo, circularmente e depois para cima, sem levantar a cabeça. O movimento, além de nós, existe, faz-se proporcionar, proporcionado, torna-se testemunha. Nada mais somos do que gatos ou cães ou até crianças, só que com uma grande dose de loucura e malignidade. Sejam testemunhas da nossa própria vida e tudo vai correr melhor. Reflectamos, olhemos para nós, olhemos por nós enquanto é tempo e façamos algo de Bom, antes de mais para connosco próprios, sejamos testemunhas do nosso pensamento do nosso agir. Porque, um dia, poderá ser tarde demais...

O gatinho está comigo, olha para mim fixamente. Pode não parecer, mas ele, na sua animalidade, pode compreender Deus melhor do que eu, Ele pode estar com ele, dentro dele e eu não estar a apanhar um cavaco, não estar, na minha soberba, a perceber patavina do que se passa. E a música recorta o ar em volta e tudo continua, ora como antes, ora como depois, conforme ou não com o que vai acontecendo...

Multitudine Virtutis Dilectio:

De como a virtude se desfaz com as massas

Argumento

Há sentimentos que nunca recuperaremos, que carregamos sem dele nos apercebermos e que condicionam a nossa acção. Outros sentimentos são predominantes. Pretendo defender a ideia de que a sabedoria e a virtude são qualquer coisa do âmbito do individual e que na selva o homem se desvia de um caminho que lhe poderá estar traçado à nascença...

Desenvolvimento

1.

Na nossa asserção de que a multidão subverte o desígnio individual, não pretendemos dizer que o homem deva ficar só, que a sua vontade é traída pelo jogo social. Pretendemos dizer que o homem é um ser social, mas que perde a sua vontade individual quando arrastado pelo magma da população em desordem, ou seja, há o sujeito que sem mistura com o grupo, que vai atrás de todos os outros e há a ovelha negra, aquele que pensa por si mesmo e cujo desígnio é pautar a sua atitude e comportamento por meios próprios, *au-delà* do que pensa o grupo. De resto, é este todo o princípio de qualquer sociologia e antropologia, até de qualquer política mais ou menos metafísica.

2.

Então, o que deve fazer o sujeito, ser a ovelha negra ou misturar-se no rebanho? Se fores filósofo, decerto que ficar a maior parte do tempo sozinho, se fores outra coisa sem pensamento autónomo, decerto que andas no meio da rebanhada. EU próprio, no meu percurso de vida, andei no rebanho da Igreja e não me senti mal, ainda cultivo uma certa religiosidade que me faz sentir parte de, pertencer. Mas tenho vida própria, luz própria. Em tempos, aderiu ao partido Bloco de Esquerda, tendo sido candidato numa das listas, nessa altura, este partido era tudo menos poder e rebanhada, antes pelo contrário, estava cheio de gente que pensava autonomamente, que tinha uma ideia própria e autonomia de pensamento sobre o que deveria ser a sociedade...

3.

Neste preciso momento, sinto-me só, mas não me apetece sair para ir até à cidade, uma cidade em que tenho mais conhecidos, gente de circunstância, do que amigos verdadeiros. Aliás, também na aldeia não os tenho. Então, porque fiquei sem amigos? Não sei explicar, talvez esteja há demasiado tempo nos mesmos lugares, ligados pela via férrea, talvez seja demasiado conhecido por certas coisas e esquecido por outras, ostracizado. Mas continuo a lutar, como estou fazendo com este escrito.

4.

Aliás, o risco de ficar sozinho aumenta à medida que pensamos pela nossa própria cabeça. E a solidão aumente, instala-se e depois nos corrói por dentro, como um cancro, até um dia....quem sabe?...

5.

Diz o ministro da Economia que nos esquecemos do motor da economia, o turismo. Ainda bem, digo eu, o país precisa de tomar outra direção porque o turismo não é sinal de país desenvolvido, como a indústria e o comércio. Ainda assim, Portugal tem turismo, mas por outro lado, a sua agricultura também é fraca, enquanto o artesanato é abundante.

6.

Estamos, então, como defendia na minha tese, entre o Estar e o Ser, entre o Andar e o Parecer, quando procuramos também a todo o momento o Pertencer, ou seja, fazer relação, ralação, mas queremos ficar originalmente só porque há uma tentação obsessiva de vencer sozinho, até para que o grupo (ou a corrente filosófica), nos adopte. Isto acontece, de certo modo generalizado entre os animais, diz-nos a teologia: o sujeito faz tudo e mais alguma coisa para ser aceite e, a meu ver, é isto que acontece com o escrito, esse processo, essa tentativa, ele escreve para ser reconhecido pelo grupo. Mas que grupo? Não tem já família? O grupo de amigos, um grupo profissional, uma associação? Ou a sociedade no seu todo? É isto ser-se famoso, figura pública, estrela?

7.

Portanto, um dos princípios por mim descobertos da vida social tem que ver com o desânimo após o êxito, como se fôssemos mais amigos dos outros na tragédia, e isto é decerto verdade, enquanto alguns andam de celebração em celebração, à procura de satisfação contínua ou explorando uma certa obscenidade que nada tem de puro, de prazer em prazer, de mulher em mulher, sem fim, sem freio. Mas, mais uma vez, quem sou eu para condenar isso?...

8.

Então, a tragédia abate-se sobre o filósofo, que tem por cariz ser um ser solitário, envolto desde a manhã até à noite nos seus pensamentos especulativos e por vezes até obscuros. Mas toda a gente tem isso, só que não o desenvolve porque quer mostrar (a todo o momento) que pertence à sociedade, que tem o totem, que é capaz. É esta diferença entre reflexão e demonstração, entre teoria e prova, que julgo ser um mal que se deve reparar, porque gera uma cultura do oito ou oitenta, ou seja, o filósofo fecha-se sobre si mesmo, parecendo autista, enquanto o homem do senso-comum é ele mesmo um representante de um espaço público aberto, onde por vezes não há limites ao pudor e aos bons costumes. Mas, não pode ser o filósofo ou o cientista social, licenciado? Pode, na verdade, ele tem mais vontade de o ser, de ver o mundo às avessas, quando os outros estão envoltos na própria substância de magma em que a sociedade vai evoluindo, umas vezes aos repêlões e esticões, outras lentamente, progressivamente e de acordo com uma série séria de ideias...

9.

Na verdade, o conceito de todo deixou de fazer sentido desde que se descobriu que o universo é aberto, infinito e não fechado, através não só da matemática, como da astronomia, ou seja, teoricamente somos infinitos, mesmo como raça humana, porque somos nós mesmos que conduzimos a nossa inteligência, ainda que por vezes com a indispensável falta de discernimento...

10.

A sociedade deixou de ser vista como um todo fechado, enclausurado sobre si mesmo, pelo menos para os cientistas sociais, porque aumentou o conhecimento, o

que não quer dizer que não existam sociedades fechadas, onde porém deve haver sem dúvida algum tipo de fuga que, pelo menos, as faz comparar com outras, sendo que a mais avançada é aquela que tem maior abertura de costumes, por meio da proliferação da indústria cinematográfica, por exemplo, detendo também o poderio económico, para não falar já do militar. A ânsia de conquista, como podemos ver na actual guerra, pode tornar-se mundial, a Rússia não está disposta a ceder e quer anexar parte da Ucrânia, a China torna-se seu aliado e os EUA como que ficam sós, pois a Europa está entorpecida há bastantes décadas.

11.

É, portanto, entre a raiz filosófica das coisas e o boato político que nos movemos, enquanto o nosso Presidente visita a Califórnia. Devemos dar também importância aos êxitos desportivos na mobilização de alguma vontade de mudar, de transformar Portugal num país moderno, onde seja ainda mais agradável de viver, os jovens precisam disso, desse incentivo, dessa vontade, desse trabalho e mesmo precisam também os emigrantes, que volta no verão e que, alguns deles, voltam de vez, para ficar.

Diz-se das vitórias do Benfica, que dão ânimo a muita gente e é bem verdade, cada jogador joga por si mas também pelo grupo e este é um exemplo de uma contradição no nosso pressuposto, o homem de ve poder misturar-se com a turba, nem que seja por motivos desportivos e, logo, motivacionais para o seu estado de espírito.

12.

Depois, a noção de *poço*, que surge à mente do filósofo quando este se encontra em regime depressivo, mesmo depois da vitória do texto, do êxito autoral, porque também ele mais e mais. Portanto, ele cai no poço que ele próprio construiu, ou seja, das terras que cavou, que destruiu, que extraiu do solo, para, lá no fundo, ser acompanhado de lama e moscas, como os sapos e as cobras, bem como alguns peixes, de houver nível de água...

13.

Esta noção de **poço** que pouco que ver com a de vão mas, noutro sentido, é-lhe familiar, pois também o vão é um espaço de vazio (por preencher, encher, de pessoa ou de água). Portanto, é preciso saber ver como se sai desse poço, por meio de uma corda lançada lá de cima, a partir da superfície, por alguém que possa ouvir o nosso

grito desesperado por ajuda, ou temos de tentar por nossos próprios meios uma escalada em direcção ao exterior...

14.

Ocorre-me o livro de David Gilbert, *Paciência de Ser*. Mas ser o quê? Futebolista? Claro que não, ser eu mesmo, como diria Sócrates? Ser alguém diante de Deus? Não sabia bem, naquela altura, o que ser, preferia estar enquanto o meu ser se desenvolvia e encontrava-me ainda no fundo do poço, sentado, sem comida nem refúgio, desejando estar em casa, na cama, com o meu gatinho Silvestre dos desenhos animados...

15.

Há que acreditar que é possível, que podem acontecer êxitos coletivos entre nós, em Portugal, não só porque a maioria das pessoas merece, pois são bastantes aqueles que andam em depressão, em tratamento psiquiátrico, merecendo por isso grandes alegrias. E pode começar, desde já, com o aumento do salário mínimo, que se vem a juntar a este “extra” que o governo deu aos pensionistas e desempregados e pode culminar com o Benfica campeão e a vitória final de Portugal, no Mundial de Futebol. É possível, por isso, pode muito bem acontecer...

16.

Todo o cientista social não é nem pode ser indiferente a este sofrimento colectivo, se é colectivo pode também ser individual, se calhou aos outros, pode muito bem calhar-te a ti, não conhecemos ainda, grande parte das *Sistema de Regras Sociais* (Tom Burns & Helena Flam). Por isso,, até porque a vida acaba de um dia para o outro, basta fazeres-te à estrada da vida, sê Bom, sê solidário, sê Cristo!...

17.

Noutro sentido, noutra forma e noutro contexto, iremos elogiar e descrever as vantagens de se estar vivo, do virtual, do progresso, da mecanização da vida coletiva que liberta o homem para o lazer e o empenho em estudar (livros, ideias) e fazer aquilo que mais gosta: cultivar o espírito, com ou sem Deus, sendo que Ele virá,

mesmo não sendo convidado e sem necessidade de agradecer, um dia mais à frente, numa circunstância aflitiva como esta, para nós, em termos sociais e individuais...

18.

A calçada portuguesa. Os cocós dos cães. Que tem isso que ver com a globalização? Tudo, ela joga-se mesmo no bairro mais ínfimo de Bagdad e porque não Lisboa, cidade aberta à inovação e à criatividade. Em França, nos anos sessenta, nos *bidonvilles*, era a mesma coisa. Eis, então, um trabalho prático para os políticos, mais mercado de trabalho, a higiene da sociedade (sem ser higienização), para que todos possam conviver em paz e mais confortavelmente num contexto cosmopolita do fado...

19.

Por isso, há aquilo que chamo de cosmologia de um jogo, ou seja, é na actividade desportiva que o homem não só revive uma sã convivência milenar, como se projeta enquanto espécie que se adaptou e vingou num planeta quase esgotado, quase saturado de sua exploração, que precisa urgentemente de carinho e benfeitoria. Também a Igreja precisa de atenção, pois no seu caminho muitos obstáculos teve à propagação da fé, desde a Inquisição à Perseguição das Ordens religiosas e a própria história de Cristo é tudo menos consensual, pelo contrário, é trágica e horrífica, mete medo, como é que um tipo judeu se deixa crucificar em nome de uma mensagem filosófica que perdura através de séculos e mais séculos. Sim, para nós estarmos bem confortáveis a ver um jogo de futebol de Portugal com a Espanha, ao fim da tarde, oscilando entre tomar ou não tomar banho para ir à Missa, é porque há qualquer de bastante forte nela, na tradição que não nos atraiçoa, no Deus que lá está, sempre presente, seja no ar que respiramos, seja no sacrário, por meio da hóstia...

20.

Ainda assim, para que vivamos em paz neste reino à beira-mar plantado, quase na paz dos anjos, porque há a CM TV e todos os crimes de violência, de rua e doméstica, que se vão praticando, foi preciso a acção dos militares. E o que é feito daqueles que andaram em África defendendo o nosso país? Porque estão amarrados em cama em hospitais psiquiátricos, cegos de loucura, à espera de Deus, à espera dos Homens?...

21.

Não pretendo comover, com estas palavras, ou pretendo, mas as pessoas certas, para que tomem sensibilidade do estudo da sociedade sob a forma da sociologia e sua bastante utilidade pública, governativa até. Um país avançado é um país que dá importância às ciências sociais, mas que não esquece a fé, a fé de uma Igreja que lhe pertence e faz parte da sua identidade, assim é a vida social, o uso do costume, a contumaz conclusão de que estamos aqui todos para o mesmo, para sermos felizes e nos realizarmos enquanto seres humanos, podem parecer piegas estas palavras, mas eu prefiro assim, pois faz-me sentir bem, feliz, integrado, parte de, em vez de uma ovelha negra que berra, berra e nunca tem razão e que no fundo o que quer, desde o seu íntimo, é ser Rei, liderar, dar Luz às pessoas e já agora alimento também, espiritual e concreto...

22.

“Ele é doido!” – dizem as pessoas, não sei se por bom sentido ou com má intenção e não perco a referência desta, que me orienta na vida social.

Respondo: “Sim, sou doido por uma mulher que ainda não apareceu! , Porque não consigo ser outra coisa senão hetero”...

Eis a minha posição, apesar das voltas de Paris...

Mas será doido todo aquele que é maluco? Ou seja, isso é um cumprimento, um elogio, ou uma ofensa? Não sei bem. Não quero saber. Não têm o poder para me marginalizar, o governo não o conseguiu fazer, quanto mais um simples indivíduo isoladamente, às turras apanhando vieiras...

23.

Portanto, o êxito tem que ver com um certo grau de assumpção de erros e fracassos mas também de vitórias, chegar-se à frente, não tendo medo de existir, de desistir, sem que a não-existência também pode ser uma forma de vida na cloaca das rãs num charco, sendo também fértil, porque o sucesso contínuo e até inesperado conduz a grandes maleitas e cansa o espírito, impede de ser feliz e dá a ideia de que a sociedade não existe, ela existe sim, e tem leis bem precisas, a sociedade portuguesa, a sociedade beirão, transmontana, algarvia, a sociedade francesa, mais refinada e chique, mais pensante e menos movente, ou seja, instalada e instilada num determinado lugar da memória daquele que fez o salto em vez de ir para África viver sob o âmbito de escravos na sanzala...

24.

Na verdade, o que faz um antropólogo durante mais de seis anos numa mesma localidade? É um antropólogo global ou local? Se calhar já é mais filósofo, entretido e entretecido nas reflexões filosofias do seu cantinho de poeta. Dizem que se reformou. No entanto, continua a trabalhar, em ideias, em projectos, em Diálogo, como Platão. Na verdade, o antropólogo, mesmo em perda, é um pára-raios social, depois, não aguenta mais e vai em procura de reconhecimento, de satisfação intelectual e refugia-se na filosofia, que nem todos personificam, porque afinal, o seu âmbito teórico é o de uma sociedade a vários níveis, o local (duplamente, se lhe juntarmos Riachos), o regional (o centro, a Grande Lisboa), o nacional (pela TV e pela rua), o internacional, nas suas idas frequentes ao aeroporto e à Baixa, para se misturar com os turistas, que tanto adora, e captar uma certa dose de ideias...

O antropólogo não precisa de andar sem fugido da realidade, ele aprecia um bom fado assim como aprecia um bom vinho, uma boa mulher, se podemos dizer. Quando não tem eles pequenos vícios, a sua esperança começa a perder-se, começa a abandoná-lo. Por isso se refugia nos livros, na música sacra, na música dos anos 80 que lhe faz lembrar os tempo sna aldeia, entre amigos que eram e são tudo menos circunstanciais, são figadais, do útero, das vísceras, porque para muitos lisboetas, ele não será o francês ou o espanhol, mas o tipo que vai e vem de comboio todos os quinze dias, como fazia Paulo Valverde, no comboio regional, umas vezes com headphones outras lendo e folheando o Tal & Qual ou simplesmente tomando notas nas secas do entroncamento, onde liga à mãe para lhe guardar o almoço...

25. A realidade não vai fugir, ela está aqui, o sucesso, como diria Lily, acontecerá, mais tarde ou mais cedo, porque tens trabalhado para isso, tens dado espaços, passos, sentidos, tens tentado rematar, arrematar, arremessar e se a Igreja não julga, quem és tu para julgar?...

26.

Porque, em certa medida, se a lei, que é cumprida, que se fará com a filosofia? Muitos não percebem a liberdade que ela proporciona, respeitando ao mesmo tempo a lei. É quando sentimos a liberdade do Outro que sentimos, por contágio, a liberdade em nós mesmo, porque queremos sempre ser como o Outro, pelas leis do contágio social, difusionismo e devocionismo, pela mera imitação dos trejeitos do macaco homem que por ora tenta conviver com os outros na selva urbana...

Sob o Signo de Fausto:

como vender a alma ao

Diabo não chega

Argumento

O génio literário é pagão? Terá o que chamamos de génio de vender a alma ao Diabo para se perceber como é dotado, ou seja, apto a resolver os mais intrincados enigmas e segredos da existência humana? A Santidade não será uma forma de genialidade? Uma forma, mais de heroicidade, ante o acontecimento, à revelia da opinião do mundo?

Desenvolvimento

1.

Citemos, antes, uma noção adiantada por Marc Augé, *Le Génie du Paganisme*, ou seja, o génio do paganismo, não tanto nos termos da colocação em ação da figura do génio literário, esse individual, ou seja, tudo isto se liga à noção de mão invisível na economia e de Deus, na religião, ou seja, a ideia de que faça o que fizer, o homem tem sempre a ajuda de “Alguém” que, digamos, trabalha, concorre, para uma certa ordem do mundo.

2.

O génio destaca-se da opinião do mundo, da voragem discursiva do quotidiano, e isola-se porque sabe que qualquer coisa, qualquer comentário, lhe pode ser fatal, cortar a via respiratória da inspiração de um momento para o outro. Por outro lado, há o génio buliçoso, intriguista, que apropria da voz do mundo para lhe dar um cunho pessoal, manipulando-a a seu bel prazer...

3.

O instinto leva-te a um determinado lugar, mas quando és dotado de capacidade reflexiva, podes ir a outro lugar, mais, podes estar num lugar estando realmente noutra. Eis o que nos distingue dos animais, eis o que distingue o homem vão normal de todos os dias, que apenas procura amealhar para comer, do artista, do grande artista que quer por aqui deixar a sua marca. O artista tem uma maneira fina e requintada de existir no mundo, enquanto o homem do senso-comum grita e vocifera não sabe bem porquê, porque, antes de mais não tem consciência própria, reflexiva, sobre os seus atos, age instintivamente, como o animal. E eis que o génio é um inadaptado, e descobre mais além, por mor da sua obra, que não vale a pena ser tanto assim, exigir de si mesmo muita coisa, muita ideia, por isso se modera, o que lhe custa bastante, pois está habituado a frequentar os limites psicológicos da inspiração.

4.

A voz interior, feita de muitas vozes, substitui a voz exterior até à sufocação quando ele desliga a TV ou simplesmente lhe tira o som, porque está intoxicado das vozes do mundo, da histriónica fatura de factos sociais, quando ele quer outros, que o projectem além de si mesmo e que ele, no ar, possa agarrar, como se fosse uma experiência religiosa. Mas mesmo essa é tributária da imanência, da contingência.

5.

Depois, percebes que são ínfimas as pessoas que chegaram ao 12º ano, terceiro ciclo, entre as pessoas com quem vives, em termos de proximidade física. Isso explica porque não encontrar filosofia ou antropologia nos seus currícula e daí a falta de atenção com que te têm no dia a dia. É lógico e fácil perceber isto. A maior parte delas entrou numa secundária e desistiu pouco meses depois, não passaram pelo oitavo ano, onde tudo é mais difícil...

6.

Assim, muitos são os que admiraram a antropologia e a filosofia, a sociologia, mas por outro lado não se apercebem do caminho social que o cientista social e o filósofo têm de empreender para chegar a certas conclusões, a certos princípios? Deverá entregar-se a Deus? Vender a alma ao Diabo?

7.

Há um divórcio entre a filosofia e a sociedade, entre a realidade e a religião, ambas são na maior parte dos casos motivo de troca, uma “fraqueza recorrente”, que se despreza mas às vezes se volta quando tudo o resto falha.

8.

A isto perpassa a solidão e daí não se pode tirar grande coisa, o génio como que deixou-se apagar, a lâmpada da inspiração acabou por deixar de iluminar os seus dias inspiradores, a sua fraseologia, o seu pensamento. Aquilo que outrora era brilhante e quase ofuscante, o seu génio, acabou por perder o brilho, fenecer. Então, ele anda em volta, procurando reatar a chama, e viver dela, dessa inspiração que torna a vida interessante.

9.

O espectador de TV não se apercebe, deixa andar, nem se dá conta de como os mais diversos canais acabam por gozar com a sua pessoa. Aquele que leva a vida a sério é tido como tolo, maluco, desintegrado. Só porque não faz parte da rebanhada geral, só porque pensa por si próprio. Mas não é esse quem um dia vencerá? Não sei bem como nem o quê, mas vencerá.

10.

Portanto, aquilo que chamamos de génio tem em si uma certa dose de loucura, ou seja, desajustamento social, transcendência, sendo que esta, a maior parte das vezes, é integradora. De certa forma, o génio, seja da literatura seja das ciências exatas, acaba por não fazer parte da sociedade, do senso-comum popular da população. Só que nem um nem outro duram muito tempo, seja, uma vida, porque o sentido de extasiamento do génio em produção é, de certa maneira, equivalente ao extasiamento de pertencer a uma certa ordem social, ter carro, filhos, um bom emprego, perspectivas e qualidade de vida.

11.

Então, ensaiando uma caracterização etiológica do génio, podemos dizer que ele é sempre um desintegrado, a maior parte das vezes um excluído, a não ser que seja contratado para um show televisivo onde a ciência serve de pretexto para rir, de “moquerie”, ele é, para usar a imagem de Eco, um “apocalíptico integrado”. Portanto, o olho social está nele, tudo o que faz é tentar viver uma vida normal, quando a normalidade já nem sequer existe, a sociedade, mesmo na perspectiva integradora, é uma cacofonia da selva urbana, ou seja, enquanto uns calam a voz em nome de uma certa concepção de sociedade, de soci-cidade, outros fazem tudo o que lhe apetece, ou seja, desrespeitando regras básicas da convivência em grupos.

12.

Depois, o silêncio dos cientistas sociais, porque se ouve mais a Deus do que a um homem esclarecido, porque certas pessoas não acreditam que o mundo pode ficar melhor e, de certa maneira, isso está nas mãos dos cientistas sociais, entre outros. Por isso eles não aparecem na TV, pelo menos nos últimos tempos, na nacional e raramente aparecem, mesmo em tempos de conflito. A que se deve esse apagamento, essa ausência? Talvez porque a mensagem dos cientistas sociais, como a do filósofo, não é agradável, consentânea, exige esforço levá-la à prática e, antes de mais, como nos anos 40 americanos, o público quer distração, entretenimento, ilusão...

13.

Mas, por mais estranho que possa parecer, a criação exige um determinado ambiente, uma atmosfera, o homem enquanto criar, seja no atelier de um artista, seja nos *graffittis* de VHILS, em Lisboa, ou na Guerra da Ucrânia, precisa não tanto de uma atmosfera, digamos, romântica, mas mais de um certo número de variáveis que se vão concretizando na mente e, por isso, a criação é também, neste sentido, um facto social.

14.

Portanto, em certa medida, o criador, inventor, faz as vezes de Deus a propósito da Sua criação e descansa quando tem de descansar, mas enquanto alguns preferem politizar a sua criação, ou seja, inseri-la nos termos da mudança e intercâmbio sociais, outros preocupam-se apenas em trabalhar, pintar, escrever, fazer cinema, porque o que lhe dá mais gozo não é a consequência desse facto social, mas o seu processo. O

autor é, por isso, um médium de forças naturais e ao mesmo tempo sobrenaturais, o seu corpo, a sua mente, são instrumento de uma determinada missão, pagã, no caso da escrita, sacral, no acaso da arte sacra.

15.

Portanto, a questão inicial permanece em aberto: é a criação artística do domínio do profano, do pagão? Ou é como que o resultado do Sopro de Yavé? Digamos que, a nosso ver, o autor, dependendo do teor da peça, é como o *Cândido* de Voltaire, o *Mustang*, que vai apanhando porrada de um lado e do outro e que sobrevive até ao fim tendo como testemunho do seu caminho a sua obra. Porque a vida social é cheia de humores variados, reentrâncias sociais, não é somente tragédia nem somente euforia. E, como é, então? O autor precisa de provar alguma coisa? Não pode apenas rebater os autores que o precederam e está feito? Um artigo científico é, de alguma forma, uma obra de arte? O que é que, em verdade, caracteriza a arte? O que é que ela tem que os outros registos da realidade não têm? Antes de mais, ela procura elevar-se acima do senso-comum, do popular, mas muitos escritos reflectem isso mesmo, o conhecimento do senso-comum levado à exaustão. Por outra via, o artista ou autor procura dar uma visão sintética de uma cosmologia pessoal ou social, isso é certo. Se encontra eco no momento ou apenas no passar do tempo, isso já é outra questão...

16.

Que voz é essa a do autor, a quem não é feita justiça em vida, ou seja, os intercambiáveis caminhos da sal mente e da relação com o social, não contemplar ser admirado enquanto produz, porque, antes do mais, a criação advém da falta de amor, do sofrimento e da angústia, parte de um ponto que não se compreende, não compreende o comum dos mortais e chega a um ponto de existência e exuberância que a permiti destacar da grande parte dos objectos de uso, eis o livro, o quadro, a peça de multimédia...

17.

Quando atinge a dimensão da sua sociedade, ou seja, o espectro linguístico e semiológico da sua língua, ele acaba por desistir, por dar por finda a sua obra e procura novas linguagens que não saturem a sua mente. Eis, portanto, o caminho de itinerância do artista, enquanto tipo-ideal, ou seja, enquanto criador.

18.

Depois, a qualidade de vida. Nem todo o artista produz na abundância, eis a nossa tese, ele produz em necessidade e não é para se fazer de vítima, é porque quer, de algum modo, sair dessa situação, seja psíquica seja material. Obviamente, muitos deixariam de criar quando tivessem uma vida familiar estável, sem discussões nem quezílias, eivada de boa comida e amigos, bom vinho para rir e um pouco de cannabis. A questão põe-se também nos termos que a pôr Bergson, a propósito do *Riso*: a criação, também a humorística, é um deslocamento da realidade, a realidade social de todos os dias, psicanalítica, junguiana, por pouco ou mais tempo e é essa deslocação que puxa a sociedade, digamos, para a frente e para cima, dependendo ou não da elevação da coisa...

19.

Se vais na rua e pregas o sentido da vida, alguns poder-se-ão rir, por isso o artista quer de alguma forma, vingar os seus antepassados e descendentes fazendo uma obra sobre a qual será lembrado o seu génio e, logo, ele mesmo enquanto pessoa sagaz, inteligente, na captação do mundo exterior e na descoberta de si-mesmo. Esta questão do riso tem muito que se lhe diga e explorá-la-emos noutra instante, num outro dos nossos ensaios. Portanto, voltando ao tema que aqui nos traz, o autor procura a imortalidade através da obra de arte Grieg, *What Price Immortality?*), enquanto outro preferem ser esquecidos no Convento enquanto nunca são verdadeiramente esquecidos de Deus... Ser esquecido, ser lembrado, eis o dilema da sociedade actual, pós-moderna, pós-filosófica, entre a antropocena e as alterações climáticas. Sim, o autor escreve para ser lembrado, para ser importante para alguém, por referência a alguma coisa, alguma ideia, conceito ou uma simples maçã pode...

20.

Mas, a criação de arte, seja ela escrita ou escultórica, obedece a alguma metodologia? É certo que o artista tem uma rotina, que na maior parte das vezes, parece querer influir ou defluir o fluxo criativo do autor. Não há verdadeiramente

uma metodologia, senão estar ligado ao mundo, não desligar a ficha, não deixar cair a ficha, ou seja, ser resistente o suficiente ao ponto de fazer o que o comando ou o fuzileiro não fazem, uma *deviance* à autoridade e um certo desrespeito pelas regras no âmbito de uma visão brejeira da vida e da existência.

21.

Portanto, a própria obra de arte, parece viver dessa transgressão primordial face ao que é radical e sagrado, como se o gênio do artista fosse qualquer coisa de revolucionário e subversivo, aí se explicando a sua vida errante, de contato com a bebida, as drogas, como se o *homo officialis*, ou seja, o homem perfeito, perfeitamente social, fosse qualquer coisa difícil de conseguir, ainda assim todos querem ser bem parecidos e bem posicionados na escala social, com mais ou menos tensão, mais ou menos nervosismo.

22.

Portanto, o artista difere do autor ou é também um autor? Se tantos escritor analisam a sua obra, porque não analisar os seus dejectos enquanto matéria criativa, ou seja, o célebre caso da “Merda di artista”, de Piero Manzoni?, ou seja, porque não olhar para o seu lado humano, visceral, já que ele é tão célebre porque não seria célebre também a sua merda? Ao mesmo tempo, esta sua intervenção é vista como arte conceptual, na verdade faz lembrar que o estômago também pensa e o quão difícil é produzir uma obra de arte de estômago vazio... Portanto, o que se esconde, revela-se de outra forma, numa outra instância da vida social e dos media, sob roupagens distintas que poderão satisfazer o âmago de realização do artista.

23.

De resto, a obra de arte, o texto literário, imitam o amor e cada vez mais a relação sexual, o coito, seja ele reprodutivo ou recreativo. Essa é a fuga para o corpo que o homem enceta, a fuga para si mesmo e para o corpo do outro que inflecte e repete constantemente, num *ritornello* externo, perpétuo que pretende fazer com que essa reiteração reafirme constantemente a vida do sujeito, como nas tatuagens...

24.

Como o filósofo, enquanto uns admiram o autor, mais, o escritor, no seu papel social, outros odeiam-no porque ele pôs o dedo na ferida e arriscou a sua reputação, pôr a carne no assador, arriscou o seu prestígio social que podia ter enquanto assumisse outra profissão. Portanto, a sua vida, como a do antropólogo, faz parte da vida social, do boato, das flexões do idioma da inveja, porque toda a gente quer, afinal melhorar, só que nem todos têm o mesmo jeito para a verdadeira crítica. E que crítica é essa? A de arte? A de literatura? A de ciência não pode ser, pois um texto científico não é arte. Mas tem uma certa arte. A crítica faz parte, mas nem todo o artista gosta dela, seja porque tem consciência do que fez, da sua representatividade no campo da arte, seja porque não a tenha, portanto a ideia de aceitar a crítica para melhorar a sua arte é válida? Faz sentido no mundo actual? Porque a crítica não cessa de aparecer, quando o sujeito procura também aparecer enquanto sujeito de arte...

25.

Por outro lado, onde está a fronteira entre arte, ciência e técnica? A arte não exige uma técnica, não é uma técnica? Por isso, vivemos não na época dos robôs, porque eles já não são novidade, nem dos memes, porque outras coisas virão, outras formas de encher de sentido conteúdos virtuais, mas vivemos na era da técnica, o tamanho importa mas a técnica importa mais, importa que quanto menos, maior, mais significativo, mais impactante, mais tecnológico...

26.

A técnica, pois, então, no futebol, na culinária, que advém da mecânica, das obras de construção, públicas ou privadas, do assentamento do tijolo e do enchimento da placa. O homem é o presente e muitas vezes o jornalismo não percebe, não sabe captar a essência do homem, do actor social, do sujeito condicionado a condições várias, porque o homem é momento, para muitos, enquanto que para outros é história, interessante história, e para outros mais é essência, contemplação.

27.

Na verdade, o que faz o artista enquanto cria? Sim, o que há num homem, um calceteiro, que bate a pedra? Não haverá algo de poético em tudo isso? Não é o tempo o

motor de toda esta poesia do mundo que se nos escapa se não a procurarmos? Por vez ele escapa-se-nos mesmo que a procuremos, e aí já temos poesia em nós, já somos poesia, através dos conflitos interpessoais que envolvem, na maior parte dos casos, a luta pelo status, a luta pela admiração das mulheres, quando alguns as tentam controlar só para dizerem que são casados, exogâmicos, homens empreendedores, quando nem sequer “merda de artista” fazem...

28.

Absorto na sua inspiração, tenso, quase a quebrar mental e fisicamente, o artista está a acabar o seu último quadro. Não pintará mais, vai dedicar-se à botânica e à etologia, mas por enquanto tem de se concentrar, acabar esta “Última Obra”, esse será o seu título, será essa a forma de prestar uma derradeira homenagem ao mundo que o viu passar, como se fosse o fantasma de Giordano Bruno...

29.

A ciência seria então, num mundo perfeito, meramente explicativa, demonstrativa, profilática? E a arte um devaneio, exalação dos momentos que merecem ser recordados, como na fotografia...

30.

A arte, câmara ou olho, é trabalho, como o trabalho filosófico, como as obras públicas, é desenvolvimento, crescimento, riqueza, até. Porém, no nosso país é motivo de troça, talvez porque seja demasiado patente e menos estratégica... Talvez porque, afinal, não haja bons artistas e a arte, mesmo a literária, se tenha banalizado a rodos e entrado na esfera do social, doméstico, virtual, onde é troçada e vilipendiada como nunca o foi...

Lisboa, Outubro de 2022

“Social don’t matter” : Uma nova perspectiva para a antropologia social

Argumento

O social é o vínculo essencial das ciências humanas em termos argumentativos, como da antropologia social. Mas, o que é social? Ele importa assim tanto nos dias de hoje? Porque, ao analisarmos tantas relações, acaba a ciência por se saturar e nada dizer. Como encarar de novo o social, as redes sociais, que se deveriam de chamar antes, redes virtuais?

Desenvolvimento

1.

O homem é um ser eminentemente social, já dizia Aristóteles. Mas...mas hoje há outras variáveis, muitas até. Por esse motivo, devemos agregá-las ao item “social” ou dispensar este na nossa análise, ou seja, uma perspectiva integradora ou apenas sistêmica, na análise dos dados sociais, do homem social?

2.

“O social não interessa”. Esta é uma conclusão a que chego após anos de investigação, há pessoas que não se preocupam com a sua imagem, outra sim, outrossim procuram viver a sua vida, individual, em função da sua imagem social. Portanto, a antropologia social tem de se ajustar. Redimensionar o objecto e, talvez, largar mão do que a caracteriza, porque, antes de mais, quando ela analisa o homem enquanto ser social, sociável, mais variáveis aparecem no sentido contrário, ou seja, o homem é tudo menos social. Mas não é essa a nossa perspectiva. Achamos que o social, na verdade, existe, digamos, é a grelha de análise desta ciência e concorre para que ela tenha prestígio e pertinência.

3.

Vejamus a seguinte situação, o seguinte problema: é possível fazer uma antropologia de Hollywood? Na tela, os actores desempenham certos papéis sociais, adstritos ou não a uma tradição, pouco atreitos ao que a antropologia social diz e pensa. Digamos de outra maneira, se a antropologia (como a sociologia) vive de laços, da sua identificação e sabe que o homem constrói laços, esta forma de entendimento das relações sociais mudou desde Marcel Maus, com o seu fenómeno social total e Malinowski, com a sua original noção de trabalho de campo enquanto metodologia.

4.

Portanto, o cientista social progride no seu trabalho, descobrindo que o social não interessa, que o mundo das relações se desmoronou, mas ele não consegue esquecer do que o aguenta, ou seja, a tendência que o homem tem, real ou virtualmente, de fazer laços, mesmo apenas com o corpo, porque em certo sentido a alma sempre resolve o problema, dos laços excessivos e da falta deles, seja a minha seja a sua.

5.

Como então ler o mundo, seja subjectivamente, através da sua experiência enquanto corpo, corpo que controla e representa a mente no espaço social, e objectivamente, enquanto cientista social. Na realidade, o debate arcaico de se a antropologia é uma arte se uma ciência, mantém-se. Se admitirmos que o antropólogo é um artista, logo, a antropologia é uma arte e nada tem de científico, apesar e sobretudo pelo trabalho de campo, ou seja, porque analisa o homem, não pode ter a pretensão de ser uma ciência exata, mesmo do humano e de suas relações.

6.

E se a antropologia é uma arte, devemos todos, nós, antropólogos, ser artistas? Na minha opinião, à arte o que é da arte, se a antropologia fosse considerada uma arte, perderia toda a sua credibilidade, mesmo com respeito às artes, que tenho. Portanto, eu vou mais no sentido do *Cândido* de Voltaire, o cientista social não é artista, ele procura leis mesmo onde não as há, ou seja, procura sistematizar leis das relações sociais de vária ordem nos mais variados contextos.

7.

O trabalho do antropólogo vale por isso, não precisa de ciências auxiliares, pode andar anos em trabalho de campo na mesma comunidade e nunca obter reconhecimento, nem ter o carinho de um outro ser consigo, seja homem seja mulher. Por isso precisa de acreditar, em si a até nos outros que o insultam, duvidando da utilidade do seu trabalho, como se costuma fazer ao filósofo. Pode até ter deixado de contatar com os seus colegas, a su academia, mas não deixa de ser o que é, um antropólogo, aquele que procura *linhas* na realidade dos homens, ligações, links, utilidade. Portanto, a realidade não é óbvia e ele procura ir muito além do óbvio sem poder parecer estúpido ou mesquinho, erro em que grande parte da arte incorre. Mas o trabalho do antropólogo, por outro lado, também é arte, uma arte, uma forma de arte, porque envolve imprevisto e desprendimento da realidade, para depois voltar².

8.

Reparas, depois, que a maior parte das pessoas tende, procurar seu o que não é. Será isto uma questão antropofilosófica por excelência, ou seja, eu guardo o meu eu para mim e na esfera pública procuro ser quem não sou, por estratégia, por jogo, mas quando me apercebo da finitude, da ideia de que posso não estar aqui ou em nenhum lugar logo amanhã, eu adopto outra estratégia, ser sincero, ser feliz, simpático, empático. Mas essa estratégia não resulta e eu volto à vida enquanto jogo, estratégia, desígnio eminentemente profano, quando mais não seja para não mais ser ferido. E então ando errante até um dia, até começar a mudar, a amadurecer, além dos papéis sociais e da sentença que me é ditada ao nascer, viver, viver muito e bem.

9.

Além do mais, descobres riqueza na mensagem da religião para ti, que ela, para uns é definidora da cultura, enquanto para outros é apenas um traço da cultura, seja como for, precisas de refúgio, de te sentires bem e que mal há em estar na zona de conforto quando não fizeste mal algum a ninguém?

10.

² Uma pomba voa do lugar de onde estou. Entre os habitantes de Moscta, continuo sozinho, sem grandes amigos, ainda analisando o homem, o homem que sou e o que outros são. Neste dia acordei particularmente cansado, depois da entrega da tese em Filosofia, escrevi 14 livros de 180 páginas e uns quanto artigos científicos, digo, científicos, este é o trigésimo sexto. É natural que esteja cansado.

Seirmos, por outro lado, a divisão, separação, entre antropologia contemplativa e antropologia activa, tudo nos parecerá mais claro. A primeira aproxima-se do homem e faz a união entre filosofia e antropologia. Mas também a aquela pode usufruir do trabalho de campo etnográfico para construir a sua teoria, como indiquei na minha tese. À antropologia interessam as práticas e os discursos. À filosofia também. Portanto, temos uma nova antropologia e uma nova filosofia, uma usando da reflexão filosófica para se fortalecer teoricamente, outra observando alguns dados a fim de se tornar mais científica.

11.

Recentemente, uma antropóloga americana disse-me que já não se nomeava “o Homem” na literatura antropológica, mas o género humano, talvez por influência daquilo que a antropologia defende actualmente, os LGBT, as minorias, os direitos humanos, os direitos das mulheres. Fiquei pensando e percebi que na filosofia ainda se usava a expressão. Será porque a filosofia é patriarcal, tem a ver com a dominância/abstrativa do masculino face ao feminino? É, então, uma união de contrários aquilo que ensaio, enquanto que uma se foca nos direitos dos mais pequenos e mais pobres, daqueles que não têm voz, a outra é a voz dos poderosos, de certa maneira, um luxo a que pouco têm direito...

12.

Mas...será mesmo assim?

Filosofia é a argumentação sem argumento, ou seja, o método sem metodologia, no assentimento de certas verdades eternas, aí se aproxima mais da Teologia. Mas esta sempre conviveu com a antropologia, quanto mais não fosse através dos missionários, sobretudo no tempo das Descobertas. Enquanto a filosofia é do Estar, a Antropologia é do ir, do pertencer, da procura de uma nova pertença para o jovem antropólogo. A teologia, ao invés, é do olhar, pertencer a uma dimensão escatológica que tem de ser reforçada pela oração, pela liturgia, porque nos escapa no ritmo buliçoso do quotidiano...

13.

Quando não és tu próprio, aumenta a antipatia e a má-educação da tua parte, embora as pessoas prefiram que seja Outro, só para lhes fazeres as vontade, de tão caprichosas que são, bem, nem todas, algumas. Onde o amor é confundido com sexo, a má-criação e má-educação aumentam, porque as pessoas não procuram ilustração, mas circo e é desse circo que se ocupa a personagem do antropólogo, mais uma entre as dezenas de papéis sociais que podemos encontrar na sociedade moderna ou, então, nas sociedades tradicionais, que estão, elas mesmas, atravessando terríficas mudanças, não sei se para bem se para mal. E tudo isto faz com que a alegria seja escassa, as igrejas estejam vazias, tudo concorre para se degradar o ambiente social, como por exemplo no aspecto do lixo, a câmara tem de vir de vez em quando fazer uma desinfestação, tal é a quantidade de lixo e moscas que se acumula em certas artérias da vila.

14.

Portanto, a noção clássica de trabalho de campo em antropologia também se alterou. Hoje em dia, eu posso fazer campo pelo visionamento da televisão, pouco mais e chega o bastante que as emissoras debitam para retirar daí as mais diversas considerações filosóficas, antropológicas.

15.

Portanto, quando dizemos, como nos disseram, que o social não importa é porque o social deve ser outra coisa do que foi sendo na antropologia, nas ciências sociais, devemos poder convocar para o corpo da antropologia sociais outros saberes que não os clássicos, outras formas de abordagem do real e da condição humana, como por exemplo, a psicologia, a geografia humana, a filosofia. Por isso é que eu defendo uma ligação direta entre antropologia e filosofia, para que ambas se enriqueçam mutuamente e quando falo de antropologia, falo de antropologia social, logo de relações sociais.

16.

Portanto, quando dizemos que o social não existe é porque a realidade, a social e a outra, a restante, a totalidade, é um ficção na mente do antropólogo, um instrumento para pensar a realidade e, porventura, a alterar, enquanto o filósofo se fica pela reflexão, não admite dados etnográfico, envolto numa retórica por vezes para lamentar...

17.

Quem se importa? Enquanto os antropólogos (nem todos) se preocupam em analisar a natureza das coisas, das pessoas, e da relação entre eles, alguns quantos homenzinhos decidem o seu destino milionário em negócios sem princípios, os mais diversos, lenocínio, pederastia, tráfico de seres humanos e de droga. Nunca o mundo esteve tão aberto e nunca as pessoas foram tão sós. Mas eu descubro na filosofia uma forma de ser feliz, ainda que sem corpo, sobretudo sem corpo, na religião procuro um certo conforto para os sentidos atribulados e confusos. E em mim mesmo procuro paz com Deus, esse Deus que nunca me abandonou e que eu não culpo por nada do que me tem acontecido...

18.

Depois, a antropologia física, a social enquanto sucedâneo daquela, ou seja, pela complexificação das relações humanas, pela mudança do mundo, muitas das vezes **ab contrario**, foi necessário criar uma ciência, antes de mais nascida do colonialismo ocidental e assente na ideia de contexto cultural, cidade, bairro, vila, aldeia. Face a isto, o aumento da criminalidade e o concurso da psiquiatria para responder a problemas sociais cada vez mais evidentes, mas a antropologia vive das águas profundas, não do que está à superfície, enquanto a filosofia, vive de um espaço árido, inabitado, seco, onde se conclui que nem sempre o homem está só, perdão, o género humano, que por vezes há laços indestrutíveis, que vão e se prolongam muito além da morte, a nossa e a dos outros, porque esse magma das relações tudo leva à frente umas vezes, e outras se desdobra gentilmente no âmbito da imaginação, lembrando Bachelard.

19.

Assim sendo, talvez estejamos no terreno próprio do que hoje se chama de antropologia radical, ou seja, tudo na realidade se constitui como objecto, ou seja, o que está dentro do homem e de suas memórias e o que está fora, na realidade psíquica

e psíquica percebida pelos sentidos. Assim como há um segundo cérebro alojado nas paredes do estômago, há uma nova forma de perceber a interioridade face ao corpo e à percepção face à realidade, ou seja, o domínio da exterioridade face ao corpo. Porque o corpo é a bitola com que aferimos a nossa relação da realidade total e desta a realidade social.

20.

Sim, talvez o objecto da antropologia seja apenas o Tempo, como o é da filosofia (*Time and the Other*, Johannes Fabian), ou seja, ao relacionar-me com o outro eu faço accionar um determinado ponto da realidade cosmo-física, faço uma ignição no sentido recíproco de comunicação, não apenas do observador, mas do actor social em si.

21.

Tempo e relações sociais, eis portanto um novo ponto para uma nova antropologia, que saiba dialogar com a abertura que a filosofia tem, porque enquanto uma é não-occidental por natureza, outro é pró-occidental. Mas ambas admitem excepções porque são, digamos, “ciências abertas”. E é nesse sentido que queremos argumentar, dizer que a realidade do sujeito se estilhou mas por outra via, agregando elementos exterior, se constituiu doutra forma, ou seja, o sujeito de hoje, o actor social, possui muito mais escolhas que reiterem ou construam a sua realidade, muito mais do que há duas décadas atrás, a velocidade da libertação do real é, mais do que local, cosmogónica, novos mitos se constituem e não falta material de estudo para os antropólogos de hoje, como nos estudos de performance, por exemplo.

22.

Uma outra questão, que levantei num meu outro escrito é a questão da ética do antropólogo (*Será Possível ser Eticamente Imparcial?*), pois, mas o antropólogo não julga, ele deixa acontecer e faz o registo, para que, de uma maneira ou de outra, alguém se possa servir do seu testemunho, dos seus escritos, para memória futura ou

para intervir no imediato, como por exemplo os assistentes sociais, que cada vez mais vão conquistando terreno que a antropologia conquistou em décadas do século passado.

23.

Depois, as instituições. Muitos se atêm a instituições, antropólogos ou não e vivem sob a alçada delas e nem sei se é por influência de Pierre Bourdieu que as exploram, não fazendo nada de autónomo porque é mais arriscado correr por fora, sem ter o guarda-chuva da instituição... Cabe a este propósito lembrar o seminal livro de Mary Douglas, "Como Pensam as Instituições" e até "Eu, Pièrre Rivière..." de Michel Foucault, para além do seu "É Preciso defender a Sociedade". Tudo obras que equacionam a relação do sujeito com o mundo social, a forma como ele encadeia a sua acção por princípios que ora estão cheio de normalidade ora anormalmente fogem desses princípios.

24.

Portanto, eis a sociedade de auto consumo, o olho vítreo do sujeito que olha os outros olhos que para ele olham, eis a sociedade de autópsia mútua, como lembrava Nélia Dias num dos seus primeiros escritos enquanto docente do ISCTE de Lisboa e a musealização da vida social, ao abrigo da Polícia, do estado, da Igreja. Tudo é observável, até a trampa, porque sai do corpo, como saem as suas obras do seu espírito, boas ou más, nefastas ou caridosas, mas sempre contagiantes ao nível do que é a extensão da realidade do sujeito, objeto, no mundo que tem diante de si enquanto câmara que tudo filma, ora grava, ora apaga, ora leva para diante ora para trás, conservando o que é preciso para um certo sentido de missão, uma missão individual ante o que é sujeito a estar enquanto social...

25.

A sociedade e suas leis funcionam por substituição, de indivíduos, chamados de mónadas por Leibniz, que se encontram umas com outras e se embatem umas às outras, na demanda de saber quem irá perdurar mais, sendo que todas (todos) têm o

destino traçado, mais tarde ou mais cedo, que é desaparecer. Enquanto uns acham que esta estada nesta vida (assim concluímos pela reflexão) determina outra possível vida, outras acham que esta vida não se vai repetir, isto de forma alguma. Não fazemos juízo algum. Estamos aqui para registar fenomenologicamente o que se passa, o que vai acontecendo, com nós mesmos e com os outros... Por isso dizemos o que dizemos, produzimos os textos que produzimos... A bem da autoconsciência, a nossa e a de alguns mais, pois não queremos alterar a maneira de pensar de uma maioria que não se questiona porque via vivendo assim, na auto perpetuação de si mesmo e de um mestre, seja ele académico, científico ou religioso, por que poucos são aqueles que arriscam quando têm muito a perder...

26.

Porque o sujeito vive de memórias, inconsciente ou conscientemente, ou seja, o imaginário da antropologia é o imaginário do sujeito e vice-versa, não há volta a dar (Joël Candau, *Anthropologie de la Mémoire*), o sujeito produz teoria para a antropologia e ela só tem de o ouvir, porque é o sujeito que ele ouve, o seu discurso, percebe o seu comportamento, não é a sociedade como um todo, mas apenas o sujeito enquanto sintoma da sociedade.

27.

O actor social é o sujeito que treme, empático, porque vê a sua vida sendo observada (*Observers Observed*, Stocking), ele reconhece a alguém e lhe entrega a possibilidade da sua vida ser documentada, é assim nas história de vida, é assim em todo o lado, a antropologia está por todo o lado, ninguém ousa dizê-lo, mas todos o sabem, assim com a filosofia e as duas poderão funcionar em conjunto para a construção de uma nova teoria da sociedade, de uma sociedade mais plena, inclusiva, dinâmica e pura...

28.

Portanto, os veios e cabelos que assentam sobre o edifício teórico de ambas as disciplinas poderão fazer suspender o item social, mas ele voltará, sempre que é preciso, para que se defender um modo de vida, uma forma de estar e o actor social em todas as suas dimensões de exterioridade...

You can think, but you can't think: de como te impedem de chegares à verdade sobre ti-mesmo

Argumento

Uma expressão diz tudo sobre a psicologia. Um médico que consultei em tempos fez-me o teste de Roschard. Diante as imagens, eu comecei a fantasiar, a ver figuras animais nos diversos rabiscos, mais ou menos incoerentes. Vim mais tarde a saber que tinha uma personalidade mitómana, fabulosa. Podia ter negado e dito “são apenas gatafunhos”, livrava-me da psicologia e da acusação de não estar bem psicologicamente...

Desenvolvimento

1.

A realidade é uma fraude, quanto mais honesto tu és, mais fraco de sentes sob o peso da verdade, com ou sem religião. Uma coisa é fazer as coisas do quotidiano, mecanicamente, sem pensar, outra é pensar em tudo e mais alguma coisa e ficar paralisado ante o mundo. Porém, é grande o peso que carrega o antropólogo, entre a devoção religiosa e as coisas do Mundo. Só as coisas de Deus o poderão salvar, ou seja, tornar-se ele mesmo missionário incumbido de uma missão propriamente dita.

2.

Uma das nossas teorias, adiantadas em anteriores escritos nossos defende que o homem se torna bom quando se vê confrontado com a morte. Mas isso pode não parecer representativo da população nem sequer do cinema de Hollywood tão pouco, há pessoas que se tornam ainda piores quando confrontadas com a morte e a finitude. Mas há aqueles que se tornam bons, melhores e é nessa bitola que devemos concentrar a nossa atenção.

3.

Como deve a vida ser vivida? Vale a pena viver? Será o objectivo do homem a felicidade, sendo que por vezes é coisa mais tonta do que o riso, quando a maioria das pessoas não reflete? Algumas pessoas entregam-se nas mãos de Deus, sofrem, fazem sacrifícios e tornam-se pouco ou, por outro lado, demasiado atentas às coisas do mundo. Vale a pena atentar a isto, porque se passamos muito tempo embrenhados em notícias, perdemos o foco, deixamos de viver uma vida que deve ser vivida e nem é preciso que seja vívida.

2.

Sim, é uma luta fazer sentido, requer esforço, cedências, por vezes humilhações daquele que menos esperávamos. Depois, os velhotes, quem trata deles quando o filhos, no seu afã de realização, estão longe no coração e da geografia?

3.

Sim, perguntam-nos, que autoridade moral tem o autor? Este autor? A mesma autoridade que qualquer ser humano, talvez a autoridade de estar sendo esquecido, ignoto nas margens da sociedade, tolerado, até, quando na realidade ninguém mais o pode ferir...

4.

Depois, as críticas que te ferem o ego, porque não só há pessoas que não gostam de ti mas também porque certas pessoas não vêm o que há de bom em ti. Mas habituas-te, ou arranjas um reflector, em vez de entrar no jogo do Outros, que dizem que não tens conserto, porque não tens carro, um bom emprego, uma boa mulher. Entre o senso-comum e a filosofia especulativa lá avanças tu, procurando esquecer certos resquícios do mundo que não cedem face à sua tentativa de interpretação. São as pequenas percepções (José Gil, *A Imagem Nua e as Pequenas Percepções*), “pormenores sem a mínima importância”, diz a canção.

5.

O ritual, portanto, gera uma fissura entre o sujeito e o mundo, um mundo desmultiplicado onde o sujeito se enreda, o sujeito contemporâneo, logo agora que

tem tanta oferta de felicidade, instantânea e perene. Mas, mesmo assim, não se sente feliz, não sabendo nem desconfiando que a falta é que o fazia feliz outrora. Com pouco esforço, temos direito a uma visão barata do mundo, à concepção muito norte-europeia de que tudo é fácil na nossa vida, ou seja, apenas com esforço alguma coisa se consegue, ou seja, o mundo está patente ao nosso olhar, à nossa análise, basta caminharmos na direção certa e nisto, neste concepção, muita culpa há também de uma certa psicologia ou até de uma certa religião, que se apresentam como uma panaceia para os problemas humanos com seus modelos teóricos sobre bem estar, qualidade de vida e personalidade. Mas não é também a antropologia que vai ajuda, Deus me livre...

6.

O que permanece, então, na mente subjectiva e no inconsciente colectivo? O mito americano do herói, o mito grego do homem Olímpico, o mito romano do gladiador (veja-se o filme do mesmo nome, onde o herói é denominado de O Hispano), o mito do descobridor português e espanhol nas Américas...Os brasileiros têm ainda saudade disso e será talvez por isso que voltam sempre a Portugal, à terra das suas raízes.

7.

Num contexto de estado-nação, quais são, então os limites à liberdade de expressão? Ou não há limites? Será o Outro? E se o outro me hostiliza, o que faço? Calo-me e saio a rosnar com o rabo entalado nas pernas? Na verdade, também o protesto se tornou, não só legítimo, mas regulador da vida social, neste contexto português. Mas, na verdade, a haver, quais os limites da liberdade de expressão? E haverá, interrogo-me, diferentes limites, segundo os vários tipos de actor social? São tudo questões que vou pensando, mas acredito que enquanto noutros países não há limites à criação, incentivando uma certa forma “aberta” de ver a vida e o papel do artista, como nos EUA, no Canadá e em certa medida no Brasil, enquanto noutros o artista tem de dar conta a toda a ocasião do que diz e faz, do que produz como obra artística...

8.

Por vezes, o analista dá-se conta que há uma cultura da lassidão, ou seja, quanto mais se faz, pior é, enquanto uns se preocupam, outros nem tão pouco estão aí, como se costuma dizer. Portanto, tudo depende da educação e da forma como cada ser vê o mundo, alguns estão cheios de conflitos, outros estão nas nuvens, sendo que as ditaduras aumentam esta possibilidade de ser socialmente. Não é ao acaso que os índices de felicidade apontam para o norte da Europa, enquanto a América vai do 8 ao 80, bem como Portugal...

9.

Portanto, a sociedade vive sob o signo da polaridade, é uma sociedade binária, onde se reitera pelos mass media a ideia de opostos que se atraem e não são admitidas outras cores, outros matizes. Deveríamos juntar à proposta de Margaret Mead das sociedades apolíneas e dionisíacas, uma outra ideia, suscitada pelas nossas mais recentes investigações, ou seja, as sociedades narcísicas. Na verdade, nunca como hoje se faz tanto culto do Eu, mesmo que o Outro desfaleça diante de si. Mesmo uma certa prática religiosa pare oca e sem sentido, ou seja, é para inglês ver, como diz o povo, status e prestígio social. Nunca como hoje houve tanta opinião, tanto comentador, a propósito de tudo e todos, enquanto os antropólogos não são chamados à TV a propósito de coisa nenhuma, nisso se aproximam dos frades e monges dos conventos...

10.

Diante de Egos narcísicos, como se comportará o grupo. Eis certas revoltas sociais e populares, o pequeno crime aumentou, o grande também, a sociedade é cada vez mais violenta e a falta de senso de certos jornalistas ou memo a exploração quase pornográfica de certos casos, pessoas, sentidos, sentimentos e situações, lá se faz sentir quase diariamente. É um desalento a pobreza conceptual de certos programas, de certos jornalistas que se eternizam nos seus cargos, só porque o país é pequeno e ninguém faz nada". Daí os totalitarismos como resposta, o Chega, e o desenvolvimento de uma imensa e longa discussão sobre racismo, sobre o que se deve ou não fazer, construir o aeroporto aqui ou ali, enquanto uns não querem sequer ouvir nada a esse respeito outros dizem que já devia ter feito nos anos60 do século passado...

11.

Por mais estranho do que possa parecer, prevalece o cálculo do que a boa vontade e a generosidade, nunca como antes o sujeito esteve diante de tantas pressões sobre si, nunca as sociedades estiveram tão pressionadas a serem boas, mediante a igual repartição da riqueza, onde a lei funciona como panaceia de um arbitrário e caótico sentir. Realizou-se o que a antropologia e de resto Fernando Pessoa profetizara na sua expressão “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”, ou seja quase todos se julgam antropólogos sem o saberem, porque fazem do familiar estranho e do estranho familiar, como em “Alien” e a contaminação alienígena da protagonista, Sigourney Weaver.

12.

A doutrina do macho hegemónico processa-se por repetição, reiteração da sua masculinidade, mediante a figura do chefe, do patrão, mesmo que não tenha feito sequer o 9ºano, que é onde todos costumam claudicar. Por isso, o antropólogo está desalentado e o seu saber é exclusivo, não sensacionalista, por isso não aparece, pois a direcção de programas está cheia de pedido, também eles reiterativos, de programas mais populares, mais divertidos, séries, mais e mais, *ad nauseam*, deixando quase invisíveis os LGBT e tornando a mesma TV como palco da afirmação de uma certa masculinidade dominante, que geralmente está no imaginário sentimental de quase todas as mulheres iletradas.

13.

Ele vive esse instante, a fímbria do instante, porque sabe que pode tudo acabar de um momento para o outro. E, nessa selva de sentidos e símbolos, ensaia sobreviver, continuar alguma coisa que tinha começado antes, voltar a ter interesse pelo mundo, recomeçar, quando outros estão já a acabar, correr, fumar menos, estar menos sedentário, mesmo que não haja dinheiro para o passe por uns dias.

14.

Enquanto que para uns o que importa é o saber letrado, no contexto da sociedade ocidental, para outros é o saber popular, aquele que manuseia e que se confunde com a técnica, uma técnica do mundo. Enquanto o filósofo vê essa distinção, o antropólogo não tanto, estado do lado da gente iletrada, portanto, do lado de um não-saber, pois que o iletrado é percebido como alguém ligado ao poder ou às finanças. No fundo é a questão heideggeriana do “à mão”, sob as suas mais variadas disposições metafísicas em “Ser e Tempo”.

15.

Por isso mesmo, a interdisciplinaridade realiza-se apenas por espetáculo, por exclusivo, por prestígio ou dinheiro, poucos se interessam pelas ideias enquanto ideias, o seu interesse é, antes de mais político, ou seja, tem que ver com certas situações de interesse face ao saber, que ora convêm ora não convêm e, desde que se está dentro da academia pode-se dizer o que se queira sobre o mundo, pois se tem a autoridade de pertencer a uma instituição que ninguém censura, mesmo que haja mesquinha competição interna, vai-se dizendo mal do mundo e da sociedade, vai-se subindo, estando à vontade, dentro da caixa, no caminho entre a casa e a faculdade, porque se pertence a uma tribo e nada mais importa que viver sob essa concha, esse guarda-chuva. Daí que pouco importe o mundo “lá fora”, pois quem se quer afastar deles e de suas críticas amargas, vai para o convento e assume a voz de autoridade de uma outra instituição, a Igreja...

16.

Portanto, o que dizer da liberdade de expressão? Deve ter limites? Ou se deve configurar como uma *liberdade livre*? Assim como na liberdade, na saúde, quando eu descubro que não há cura para a minha doença é quando eu começo realmente a fazer alguma coisa...Pois reconheço-me insignificante neste universo, enquanto outros, por mais que gritem, não deixarão de o ser, insignificantes no sentido cósmico, cómico...

17.

Pois, o veneno é a cura, o antídoto sai do mesmo animal que mordeu, no caso uma cobra. Portanto, não há muito por onde fugir, entre uma sociabilidade mínima e outra global, que resvala para a ciência política e o Direito. Entre ter razão e não ter, o filósofo pretende torner o obstáculo em vez de o derrubar, porque reconhece a sua existência epistemológica ante o todo que é o cenário das relações humanas, com avanços e recuos, traições e fidelidades, sendo que umas e outras têm também que vez com a moralidade da coisa, logo, a religião que, se não tem propostas sobre a sexualidade como a psicologia tem, puxa para cima a procura de sentido da existência coletiva e do âmbito conceptual, mormente através de uma explicação, mais ou menos cabal e sistematizada sobre a finitude, a morte, o suicídio.

18.

Portanto, o bom filósofo não se contextualiza nem contenta com básicas explicações sobre a vida além da morte. Será que a vida, a vida do sujeito actor social, se prolonga por outros meios? O corpo reincarna noutra espírito ou simplesmente ressuscita, como o de Cristo? O que é certo é que muitos leigos negam Deus como negam a vida, por isso fazem tanta porcaria. Os católicos? Apenas cochicham um pouco de mais. Mas, ao menos, possuem uma explicação além da *dureée* (Bergson), ou seja, uma explicação escato-lógica sobre o futuro e destino do homem. Por isso, ele deve ser bom, ter boa conduta, ainda que goste demasiado de sexo, sendo que isso lhe ocupa grande parte do seu dia, para não falar da noite. Pensamentos, só pensamentos...

19.

São este, em resumo, os mistérios da vida, as oscilações deambulatórias de Cândido ou Narciso, pelo seu interior visceral, pela superfície da sua pele e dos sentimentos, dos pensamentos...que cor têm os pensamentos? E cheiram a alguma coisa? Como se pode definir fisicamente um pensamento, um conceito, um conjunto de ideias?

20.

“Melhor é Impossível”, dizia o filme, o autor têm de provar o Bem pelo mal, tem de sofrer no seu corpo e na sua psique o karma de ter palavras para escrever, descrever, a realidade, os sujeitos, o mundo, o cosmos, os planetas e a solidão no meio e através

deles. Portanto, se isto é uma patologia, o que dizer das outras? Pensamentos obsessivos, repetitivos, reiterativos, que precisam de se repetir a si mesmos para pedirem licença e irem embora da mente. E, afinal, a forma do pensamento não é apenas, a forma da mente, os montões de neurónios, o tecido cerebral? Aquele que pensa radica, mesmo filosofando, o seu pensamento em algo de material, concreto, imanente? É o problema mente-corpo, sim, porque que pensa, a nossa ver, é o corpo, o espírito parte de si mas não olha para dentro, mas para fora, como uma câmara de filmar...

21.

Quanto menos parece, só Deus, o Cristo crucificado, pode salvar o antropólogo, envolto numa miríade emaranhada de papéis sobre as culturas, só Ele lhe pode dar um pouco de oxigénio, nem que seja após mais um cigarro. O Deus que ele sempre negou, ora porque fosse ateu, ora porque era burguês e gostava de curiosidades exóticas presentes noutras culturas, ora fazia as coisas da antropologia apenas por desporto, porque se dava ao luxo de o fazer, de duvidar d'Ele e Ele, que é mais do que a voz da consciência, a voz (do sangue) do eu, mesmo ele não sabendo, estava ali à sua espera, à sua escuta, mesmo nas horas de maior agonia e quando dois pares de passos caminhavam lado a lado na areia da praia, perguntou-se porque a certo dado momento, só havia um par de passos, era quando Ele o pegou ao colo...

22.

Por isso, a felicidade, como a verdade, não é algo facilmente discernível, tanto pode estar presente numa cena sexual como num arrebatamento religioso e místico. Para outros, a felicidade é apenas ter dinheiro, nada mais e a alma vende-se, assim, ao Diabo. Para o escritor, é ter uma prole de leitores que aumentem a sua vaidade e vacuidade teórica. Muitos há que acabam por só conhecer a fama depois de terem ido desta vida embora, mesmo sem baterem com a porta com estrondo. O grande medo dos tempos actuais é na verdade, a meu ver, a solidão e o que fazer com ela. Sempre foi. A pessoa que nunca a sentia, mesmo em criança, apercebe-se mais cedo ou mais tarde, que perdeu qualquer coisa, ou seja, ser feliz é estar em estado de in-felicidade, ou seja, dentro da felicidade, dentro da caixa, porque quando estamos em felicidade é por antonomásia a um estado de vacuidade da alma anterior...

23.

Talvez na doença consigas ter uma ideia clara do mundo e suas constâncias. Talvez quando estejas feliz, o que dura pouco, percebas também o movimento do mundo (Jackson Browne). Talvez precises até de fazer mais trabalho de campo e bem longe, para que compreendas algumas coisas, reentrâncias sartreanas, coisas do mundo, breves iluminações, pois o sol do dia te cega para a rotina que reiteras porque essa é a única forma de seres feliz, repetindo, repetindo, sempre a mesma canção, sempre a mesma canção, como um Bolero de Ravel...

24.

E o tempo flui, já não o procuras explicar, sabes que chegue dele. Procuras viver uma certa qualidade de vida e ainda ler o mundo, enquanto filósofo, enquanto antropólogo, se isto serve para alguém, para que alguém se sinta, no mínimo, mais feliz, reconfortado da sua dor, das suas lágrimas e penas, de algum modo, a razão última das coisas está nisso mesmo, saber que se está só e saber que não se está, quando, na realidade, como disse antes, nunca se está realmente só...

Sábios e Pragmáticos: De como uma certa filosofia está estragada

Tese

Será possível combinar uma vida de milionário com a de um sábio ou artista? Ou seja, a necessidade aguça o engenho e vale mais um *carpe diem* do que fazer poesia? A nosso ver, é possível ter o melhor de dois mundos, como iremos demonstrar neste ensaio.

Desenvolvimento

1.

O sofrimento, *pathos*, do artista, é fútil e desnecessário? Tem cabimento na sociedade de hoje, uma sociedade (ocidental) da busca do prazer, *au-delà* de qualquer princípio ético, do estupro e da violência nas ruas? Quando nada faz sentido, por quem fazer sentido e fazer sentido para quê? Esta é a tarefa da filosofia, que vai ajuizando, ao invés da antropologia, que vai comparando sem julgar.

Costuma dizer-se que “o bom é inimigo do ótimo”, logo, não temos uma cultura de liberdade e superação, basta que façamos o estritamente necessário para obter um lugar ao sol, à sombra da bananeira. Um dos autores que conseguiu conciliar uma vida de escrita com a *dolce vita* foi Hemingway, mas não suportava mais e matou-se. Entre outros. Temos, então, de fazer uma escolha clara entre os dois registros? Quanto mais não seja para não andarmos aos ziguezagues? Como deve a vida, a existência, ser vivida? Quando chegas ao zênite da fama, qualquer coisa de trágico pode acontecer, como aconteceu com alguns músicos, ou seja, parece que andas a desafiar as leis da sociedade e arriskas-te a ser riscado por ela...

2.

Faremos, então, uma crítica da filosofia? Também o senso comum, o reino do popular, pode funcionar pela reiteração do mesmo, pode-se propagar em todo o amplo sistema de relações sociais como uma praga, entre bem e mal, mas a maior parte das vezes é pelo Mal, pois as notícias más correm melhor do que as outras, as boas, e isto diz muito do estado anímico da população em geral, que vem para a rua

dizer mal do que lhe apetece e em casa são santinhos, ou o contrário, santinhos e senhores doutores na rua e violões por baterem na mulher em casa...

3.

A inveja do pénis é o motor, não só da feminilidade, mas da sociedade inteira, sobretudo dos adultos, pois os pequenos têm outro tipo de imaginário, a não ser que sejam abusados por padres. E, assim, a vida normal está fugindo, como se manter nos dois registos? Afinal, não há nada de muito interessante nisto nem na vida, que tanto pode ser extraordinária como trágica.

4.

Se me considerar antropólogo, tenho duas hipóteses, sair desta cidade, ou permanecer, mesmo enquanto antropólogo, levantar hipóteses e desenvolvê-las, sendo que este terreno pode ser para uma vida até ao momento em que me esquecer do que sou, em que esquecer, no mesmo lugar, tudo o que a antropologia me ensinou e virar-me não tanto para uma filosofia contemporânea mas para uma nova forma de a fazer, mais ao meu jeito.

5.

O modo como somos percebidos socialmente influi no nosso comportamento, na nossa conduta e no nosso discurso. Depois, apercebes-te de que há algo que não está a correr bem porque elas não querem saber de ti... E do que mais sentes falta não é do dia a dia, mas quando te levantas e sentes que não há ninguém a teu lado. Depois, começa a *fazer theories pop up...*

6.

Recebes, então, críticas de todo o lado, vozes de um lado e do outro, quando estás em casa, na rua, nos centros comerciais, como se tivesses ocupado o lugar de outros a quem chamavam de pastelão, emplastro, figura pública popular. Ou seja, quando manifestas os teus sentimentos, na cidade, arriscas-te a ser mal sucedido e corre a fama de que não és capaz em algumas áreas porque te expuseste demasiado. Isso, na cidade, como na aldeia, pode ser uma grande armadilha. Faça estas reflexões também

enquanto actor social que o antropólogo não deixa nunca se ser também, entre outras coisas.

7.

Então, o que define a vida, a existência circunstante? É a verdade? A ilusão? Não gostamos nós de ser enganados por falsos mecanismos da verdade, enquanto a receita do sucesso de Hollywood demonstra isso mesmo? Porque vai de encontro ao que a opinião pública pensa e gera-se um ciclo vicioso do qual é difícil sair. Por outro lado, ser diferente exige uma boa dose de coragem e loucura...por isso mesmo, dizem que estamos loucos, à luz da lógica capitalista junguiana do prazer e sua eterna reprodução ao âmbito do planeta.

8.

Nem sempre queres dar uma resposta ao mundo, por vezes odeias toda a gente e só te apetece desaparecer e o mundo de hoje está cheio de gente desaparecida, que se refugia num ideário, num espaço físico longe daquele que o vir ao mundo. E andas perdido na mente, porque puseste muita coisa em causa, quando muitos têm as certezas e agarram-se a elas porque às tantas é disso que é o mundo feito, da reiteração das essências e existências (Lévinas, *De l'existence à l'existant*).

9.

Portanto, o sujeito vai-se adaptando ao longo da linha do tempo, como uma camaleão, pois não pode ser sempre super-homem, daí a univocidade da proposta nietzscheana, o homem não é sempre, ao longo da existência, uma certa personagem, embora sinta que, por coerência ao corpo social, deva ser sempre uma e outra coisa.

10.

Torna-se então peregrino do errante, pois não é uma cassette gasta, porque ao fazer filosofia se viu despojado de muitos princípios, da soberba e da vida religiosa, iluminado por alguns autores, privado até dos mais simples dos prazeres, que é ter uma mulher, porque uma certa filosofia estragada lhe fez perceber que a vida não tem sendo nem sentido, tal como leite estragado fora do frigorífico.

11.

Sabias ao que vinhas, um certo saber não licenciado é o que predomina no teu bairro, na tua nação, na realidade todo e qualquer humano foge de alguma coisa, de alguma ideia ou pensamento, de si mesmo. É como corso fugindo do leão ou da espingarda do caçador num bosque do Canadá...

12.

Depois, sentes um cansaço da vida social, embrenhado que estás nas suas respectivas relações, não sabes se ainda estás fazendo filosofia ou já uma forma derivada de sociológica, por via de Simmel. Mas persistes, abres uma cerveja, a última do dia e acendes um cigarro, andas de um lado para o outro da casa, sabendo que não poderás, mesmo nesse Sábado, ir ao Lux para te divertires, ou à Fábrica da Pólvora. E deixas estar, deixas-te estar, inquieto mesmo depois de teres dormido uma sesta e perceberes, mais uma vez que, mais do que uma vez, estás só. Mas...nunca realmente se está só, tens os teus pensamentos e se estiveste bem há pouco tempo, poderás voltar a estar daqui a pouco (tempo).

13.

Por mais que te esforces, um cheiro, um simples cheiro, pode deitar tudo a perder, a tua vontade de não morrer nunca faz-te descuidado e na verdade não vives para as aparências, mas para uma forma de vida que tem pouco de digno, perto dos turistas, misturados com eles dali a pouco, até te pareceres um deles para certos locais, pois o teu cabelo grisalho vai além do louro...

14.

“Assim voam as pombas da crueldade”, como disse recentemente Vítor Oliveira Jorge, andamos todos mais ou menos alienados e outros ensimesmados, traídos uns

pela confiança no mundo do social, o investimento numa vida pública e outros pela desconfiança, pois há uma imagem a gerir e, de certo modo, isso é, para essas pessoas, mais importante do que a Igreja, a religião.

15.

Portanto, quando não tens mais talento para seres inteligente, usas outro tipo de estratégia, a da força e vais insistindo, fazendo força, batendo à porta à espera que alguém dentro dessa casa ta abra.

16.

E o que dizem de Sócrates? Que se pôs a jeito, porque há sempre uma parte da população que conspira contra ti, os teus pensamentos, que obstaculiza a tua entrada em certos domínios mental e territoriais, que não se importa contigo nem dia o bom dia, ainda por cima ainda te mandam bocas como por exemplo “vai levar no c...”

17.

Na realidade, já Ortega y Gasset descrevia as turbas, as massas, como tendo uma forma própria, desordenada, ora com vista a um fim ora anarquicamente, deitando abaixo tudo o que se proporciona no seu caminho. Fazer uma análise de uma turba em movimento, como a dos adeptos ou manifestante LGBT, dos polícias, etc, pode parecer uma tarefa inglória. Os próprios polícias são bons filósofos, alguns, aqueles que não se drogam, pois são confrontados com as mais diversas das situações, agressivas ou passivas, nomeadamente de violência doméstica e dos acidentes na estrada.

18.

Nessa tarde, resolvi pela primeira vez, na hora desse dia, puxar a culatra atrás, ou seja, rever a minha própria concepção de sociedade e da articulação entre sujeito e ela mesma como algo mecânico. Deveria, supunha eu, haver algo de mais dinâmico, menos imanente nessa relação. Foi, portanto isso que fiz. Dei um tempo, meia hora, antes de começar, melhor, continuar, de outra forma, a escrever este artigo, que se destinava para um público vasto que eu nem sequer conhecia, não tinha a certeza de

alguns que só escrevem para um público restrito e especializado. Estaria dando um tiro no escuro?

19.

Depois, percebi. O homem está em constante luta com a sociedade, quer pela fama, quer pelo desejo de status, todos querem subir na escala do social, mais eis lá chegados, poucos sabem lidar com o poder e tornam-se autênticas crianças de chucha na boa, como o actual Putin. “Um lutador”, diriam os russos. Um ditador, dizem os ocidentais.

E como se processa essa luta? Por avanços e recuos, mas o sujeito não desiste, quer ser aceite, quer demonstrar que é capaz e isto, esta perspectiva e ótica, tem uma papel importante na distribuição e redistribuição das mulheres que mesmo com os direitos adquiridos, permanecem imbuídas da velha lógica da dona de casa, do marido para toda a vida, essencialmente, como já disse anteriormente, porque a Igreja não sabe lidar com sentimentos de ordem sexual, que considera pecaminosos e fúteis.

20.

Entre futebol e Igreja levas os teus dias. Acreditas no poder redentor de uma coisa e de outra e as reminiscências da tua juventude no convento estão envoltas num trapo de porcaria pousado no teu cérebro e impedem-te de ver, de vislumbrar, o que houve de bom, aquilo que aconteceu, o que estava para acontecer se não tivesse acontecido alguma coisa daquilo que aconteceu. O filósofo do jornal O Tempo, no caminho para a Faculdade. As sandálias molhadas. O desejo que irrompia pelo teu corpo de adolescente, quando nem uma namorada havias tido. Terás tido muitas dali a pouco, é só um instante, era só um instante até estares fora dali, de um sonho que não teve continuidade. Mas ainda hoje sonhas. Com isso ou outras coisas. Fazem-te estar vivo e consciente do que aconteceu, numa certa fenomenologia do devir, diante de ti enquanto câmara de filmar e de julgar, e os outros.

21.

Haverá sempre isso, essa dualidade entre sujeito e sociedade, por intermédio do trabalho e da família, dos amigos e da casa, dos animais domésticos que, não nos apercebemos, hão-de ser os nossos herdeiros quando nos matarmos uns aos outros.

22.

De entre várias críticas, aquela que, com mais ratice, maior estrago causou em mim e logo vinda dos padres da religião que professo: “Interessa-se por tudo mas não se compromete com nada”. Na verdade, antes de mais, há várias formas de comprometimento e, na escala social, só vamos até onde nos deixarem ir, a não ser que insistamos e continuemos a insistir até ao óbvio, até ao enjoo. Depois, talvez julgo se esse mesmo o papel da antropologia, interessar-se por tudo e não se comprometer com nada, embora isso aconteça quando se faz trabalho de campo. Essas críticas chovem de todo o lado e trespassam o meu ser que nem setas. Não posso ficar indiferente, começo a ter pouca inspiração para continuar qualquer coisa de social... Terá Nietzsche sofrido mais do que eu? E Giordano Bruno?

23.

Na verdade, certos homens, no seu afã de vitória, não se apercebem de certas coisas, certos pormenores, como este de que “desistir nem sempre é perder, é estabelecer outras prioridades” ... Mas não, há uma sede de conquista, nem todos lêem livros, nem todos fazem *rappel* ou *tuning*, nem todos querem fazer corrida todos os dias ou provas de estrada, nem todos, mas há crítica e sempre haverá, porque ela envolve a moral, um juízo de valor face ao outro, uma não-aceitação do Outro, ou seja, quando a crítica é destrutiva.

24.

Sim, a sociedade de hoje vive sob o evento, a performance, uma fenomenologia do acontecer e não se preocupa com outras hipóteses, com o não-acontecer, a não ser que se trate de uma crime de polícia... Enquanto uns analisam a cena do crime, outros já estão noutra dimensão da sua psicose coletiva.

25.

Estes dois últimos anos pareceram uma eternidade. Passaram devagar, talvez devido ao sofrimento que travámos. Primeiro foi o COVID-19, depois a falta de trabalho, de namorada, de dinheiro, de carro. Mas mesmo assim continuámos a fazer a viagem essencial, entre Riachos e Lisboa e fomos produzindo, mais, muito mais do que esperado, construindo novas teorias sociais, psicológicas, filosóficas. A este respeito não tiro nenhuma conclusão, seja de que ordem for, porque ainda estou sentido os seus efeitos, ainda não estou suficientemente lúcido para tirar conclusões a este respeito.

26.

Sou um fascinado pela actividade física em geral e pelo registo do militar em particular, porque vai no sentido da perfeição física e intelectual do ser humano, do cumprir uma missão, da relação do individual, o sujeito soldado e o grupo, em favor da sociedade onde muitos são preguiçosos. Portanto, haja quem desafie os seus sentidos e o seu corpo e seja reconhecido por isso. Mas...faz sentido proteger o território nacional? Nunca como agora fez tanto sentido. Ameaças? Droga, tráfico de mulheres, é só dizer...

É neste sentido que vejo uma filosofia demasiado relaxada, estragada. Enquanto alguns passam fome pelas ideias até nos seus respeitáveis 52 anos, outros comem banquetes de verborreias que nunca mais acabam. Mas é sabido que o poder não é para sempre... A rádio de hoje promove isso, esse relaxamento dos casais que precisam de ter filhinhos para se realizarem socialmente, num mar de carinho e conforto, enquanto lá longe, em toda a África, se passa fome. Não passam fome, porque há o Banco Alimentar, mas batem nas mulheres porque esse padrão se transmitiu de geração em geração até hoje.

27.

Em certo sentido, a liberdade tem um preço, tens de abdicar de qualquer coisa de que gostes, para chegar lá. E lá chegando, tens de lutar por ela todos os dias, para manter o teu modo de vida. É assim com o soldado, deveria ser assim com o intelectual, em vez de andar no Bairro Alto a exhibir um armário de autores numa vida de excessos. E, em democracia, até onde vai a nossa tolerância a respeito dos mais diversos modelos de vida? Devemos fechar as vistas a tudo e mais alguma coisa, num

ambiente de terror e criminalidade? Os autores clássicos sociológicos toleraram a remanescência de crimes nas sociedades, os do norte da Europa baniram a criminalidade e nós, que fazemos? Andamos de metro e ainda por cima somos simpáticos com os turistas, como se fossem seres superiores que vêm gozar do nosso sol, da nossa comida e das nossas mulheres, num ambiente de laxismo que mete nervos ao mais sensível, patriota e instruído...

28.

Depois, o acaso e a necessidade. “Curiosity kill the cat”, dizem como adágio cinéfilo. Na verdade, precisamos dessa aferição constante do mundo, face ao mundo e a filosofia, certa filosofia estragada, não contempla essa modalidade do saber, ou seja, o existe somente o sujeito e a reminiscência. A antropologia faz essa aferição.

-“Olha este aqui”, dizia a menina do *shopping*. Quem sabe, faz o seu trabalho e não se pavoneia, porque o afã de chegar a ser o melhor na sua modalidade é superior à vontade de responder a todas as críticas, que têm, diga-se, sempre uma explicação. Então, e a sociedade no seu todo tem explicação? Uma explicação sociológica terá de certo, mas filosofia? Sim, também terá e já trouxemos umas luzes para aumentar o foco sobre esta questão, a questão da identidade nacional, na nação, da raça, seja como for.

29.

Por isso o amor, que afaga e dilui a negatividade que nos querem pôr em cima, quer pela ferida direta quer pelo esquecimento, mesmo diante de um contexto etnográfico tão pequeno e recente como este que é a cidade de Lisboa. Muitas invejas desperta o nosso trabalho e não temos tido consolação nem palmadinhas nas costas, continuamos o nosso trabalho mesmo até com dias de fome e mau dormir. Mas continuamos.

30.

Na verdade, qualquer antropólogo, por mais perfeito que seja, tem sempre um óbice. Eu não vou sozinho à luta, tenho comigo o meu irmão, que é meu modelo de conduta e pensamento, mesmo na vida social, e a minha irmã, a minha mãe e o meu pai. A eles dedico ensaio, escrito sem chuva e sem sol numa tarde em que continuam os russos e destruir a Ucrânia.

Entre o obsceno e o ridículo: o romântico enquanto solução de felicidade

PROPOSTA

Haverá, no extremo, alguma relação entre obsceno e místico? É esta a nossa hipótese, que pretendemos explorar através de uma pequena metodologia que atravessa o quotidiano de um antropólogo que gosta de ligar as coisas, mesmo as mais abstrusas, embora por vezes seja perigoso, pois podia ficar-se pelo estruturalismo, sistematismo e truísmo que a realidade lhe oferece. O romântico é solução de felicidade e existência.

DESENVOLVIMENTO

1.

Poderíamos, desde já, atribuir um certo carácter objectivo ao obsceno, aquilo que está para além da cena, debaixo da cena, em termos etimológicos. Na verdade, como diz a canção, são “coisas do mundo/que se devem ver ao longe”, pois prejudica o romantismo de certo modo maquinal que tem que ver com o casamento, o contrato social que diferentes indivíduos praticam entre si para se enlaçarem na teia do social. Mas o obsceno, não evitemos a palavra, a fim de descortinar a verdade sobre esta relação, tem qualquer coisa de perverso, de contemplação, de imaginação, de brejeirice, no sentido popular, tradicional português, que delicia e satisfaz a alma e, em certo sentido, mantém o interesse numa vida que está sendo vivida. O obsceno não exige compromisso mas compromete o homem enquanto ser social, pois nem tanto ao mar nem tanto à terra.

2.

Então, o que leva o sujeito, mesmo enquanto antropologista, a perceber o sentido que há na relação entre obsceno e misticismo? Não deveria estar viajando, para conhecer culturas, fazer trabalho de campo numa aldeia de Burma ou Indochina? Na verdade, a ligação que há entre um e outros registos (do real), é o corpo, o corpo em exagero de um lado e o corpo em suspensão do corpo, quase desaparecendo, mas que

garante ainda uma certa imanência, para que não saia ele deste muito, em termos de experiência mística. Porque, um e outro fazem ligações, o primeiro com os copos (dos irmãos) que estão ao redor), os outros com a divindade e até também com os irmãos...

3.

Não será também ele um reflexo fantasmagórico da realidade, a social e a imaginária, de todo o corpo social em sentido lato e do sujeito em sentido restrito? Ou seja, não será aquele pó que se deita para debaixo do tapete? Ele está lá, nós sabemos e esquecemos, mas quando fazemos uma limpeza à casa (à alma), lá voltamos nós, para conferir que a coisa (a casa), não fica assim tão suja... Portanto, o que vemos em obscuro é a malícia a funcionar, a natureza humana das coisas, do humano, demasiado humano, que Nietzsche entreviu, mesmo que a brejeirice seja um prazer pobre, podre, que ninguém defende mas ao qual todos recorrem, com mais ou menos exercícios espirituais...

4.

Onfray, Bataille, Baudrillard, Marcuse, entre outros, autores que temos seguido neste último ano de estudo da filosofia, em certo sentido, definindo obscuro, ele é uma dupla realidade, um duplo da realidade, se quisermos, locus onde o homem se entende e se arrepende, porque talvez seja melhor o misticismo da coisa, mas depois há sempre o corpo e o corpo tem suas tensões, meditações, manias e perversões. É ilustrativo disso tudo o facto que a Igreja não ter noção da sexualidade dos humanos, seus crentes, a quem deveria ilustrar, fugindo este crisol de sentido desgarrado, corporal, seminal e pleno de pequenas percepções, para o campo da psicologia, da psicanálise, que protege a masturbação e o desvio sexual. Mas, esta recusa e escondimento por parte da Igreja tem que ver precisamente com esse desvio e, além disso, com o mito do homem-máquina, o homem engenheiro construtor de pontes ou simplesmente da técnica das coisas, levado e levado pelo sentimento de propagar a fé cristã ao lado do capitalismo e da livre iniciativa individual...

5.

Eis-nos chegados a outro tema ainda mais importante e que formulamos pela seguinte questão: pode o sujeito sobreviver à conturbada confusão de vozes e floresta de símbolos do mundo de hoje. O Que terá de fazer para tal acontecer? Armar-se em

ditador, sob o signo do macho dominante, que as mulheres sempre terão na sua cabeça, ou adaptar-se, camuflar-se, disfarçar-se? Os psicólogos não respondem a isto porque não admitem grandes descobertas da antropologia que, noutro sentido, também ignora a religião, pois é grande para dela, de teor marxista...

6.

Mas o obsceno não é somente o sexual, o pornográfico, por mais que tenhamos esse conceito colado ao nosso imaginário. É aquilo que causa dor, mesmo em jovem, ou até criança, é o desespero, a angústia e a crueldade dos seres humanos uns para com os outros, é a guerra, o estupro, a violência do homem para com a sua mulher numa mentalidade onde o pai é promovido a senhor de uma escrava que é sua mulher, resultado de um contrato social que se quebra a todo o momento, porque anda com esta ou aquela mais. Por isso, os solteiros e celibatários são vistos como extravagâncias ou artistas de circo como um espetáculo no quotidiano, o desenvolvimento dessa maldade e impudícia no interior de si mesmo só para o gabarem de homem bem sucedido socialmente, porque casou, tem carro, bens, imóveis, enfim, é um senhor. Quando, na realidade é um tolo e bem pode ser um escroque de um aproveitador comilão.

7.

Ensaiei uma abordagem da noção de pecado, em tempos de estudante, presente na Divina Comédia, lá se mostram todas as misérias daquele tempo da Idade Média, de que foram produto os Descobrimentos. Daí ao misticismo vai um passo, o misticismo da viagem, da voragem da fé, da dilatação, no fundo, do cristianismo e do Império Romano. Nasceram os primeiros antropólogos, como o Pe. Redinha e, em certo sentido, António Vieira, Las Casas, Anchieta.

8.

Diria até que leva uma vida inteira a ser-se cristão, como a ser-se filósofo, enquanto de certa maneira se nasce antropólogo e sociólogo, pela curiosidade eivada de sentido de lógica de um mundo que tanto pode ser cruel quanto doce e amigos. Já lá dizia Francisco de Assis, *Irmão Cão*, *Irmã Árvore*. Não radica o ecologismo em tudo isto, no franciscanismo? Não radica a nossa visão do mundo na Igreja, no misticismo, de certa maneira a segurança e liberdade de que gozamos? Então porquê essa visão laica da

Igreja como se fosse algo limitado, delimitado no tempo, quando ela se estende, com sua acção, além do Tempo, mesmo no espaço da Terra?

9.

Sim, talvez o segredo esteja na domesticação do corpo, como diria Goody, na “domesticação do pensamento selvagem”, do árido ser que há em nos, misturado com lágrimas e o Corpo do Cristo que se entregou naquele tempo para nos dar testemunho d'Ele mesmo e até de nós no tempo actual. Enquanto a Igreja sacraliza o corpo, dizendo que este é um Templo, que tem mais que ver com a vida divina, transcendental, da experiência humana, outros profanam-no e outras ainda o vão conhecendo, a pouco e pouco, à medida que se esvai no Tempo, se desvanece na memória...

10.

Será então, a Igreja ingénua, ou quer apenas “salvar a pele”? Não é isso o que consta dos santos e mártires, eles não queria salvar a pele, em certa medida o seu mundo não era este, o do momento no *Sabadão*, programa de entretenimento da SIC, o seu corpo era corpo de transvase, andava de um lado e para o outro baloiçando-se no Tempo, procurando adaptar-se a um espaço agreste, porque já à nascença conhecia bastante incómodo em ser santo...

11.

Um ponto importante no rol dos santos cristãos é o desprendimento da carne e dos bens materiais. Todos eles têm virtudes heróicas, pelo que disseram, pelo que fizeram, negando a carne talvez porque ela marca a sua presença neste mundo, mas Deus fez-se carne e devemos, por isso, jogar o homem na vala comum da obscenidade? Nem tanto nem tão pouco, há muitos santos leigos que têm filhos e uma vida sexual activa, saudável. É o corpo (do espírito) que se manifesta...

12.

Ainda há no inconsciente coletivo a ideia feita de que quem vai para padre é porque não sabe nem quer fazer mais nada. A influência da Igreja no mundo de hoje mostra o contrário, o ascetismo e o misticismo bem pode salvar vidas, digamos assim, ser uma solução de sentido num mundo confuso e conturbado, cheio de guerras, desentendimentos e egoísmos os mais diversos. Se está ultrapassada, ou seja, que seja retrógrada, como dizia o Bispo de Leiria recentemente, pouco importa. Tem soluções e talvez as mais cabais para os mistérios do Homem, o mistério do Homem...

13.

A Igreja é o olhar de Deus sobre os homens. Mesmo em termos nietzscheanos, o super homem podia perfeitamente ser Jesus Cristo (“Assim fala Zaratustra”)...

Mas...seria Jesus um louco, um psicótico, que curava os outros e ainda se deixou crucificar? Seria Ele, ou terá sido, o primeiro cientista social, capaz de formular uma teoria da salvação através de Si mesmo, do seu exemplo de conduta e pela sua palavra? Muitos crêem que si, e descredibilizam a Igreja por ter defeitos, porque Cristo não teve defeitos. Ou será que teve?...

Temos que ver o mito, à luz da antropologia, o mito que se fez carne e regressou aos céus, ao mito eterno através de mitemas diversos.

14.

Há cinema e cinema. E os filmes pornográficos são os mais vistos, outrora estavam nas prateleiras do videoclube, em VHS, hoje estão sob a forma de Videoclube na TV por cabo e na internet, espalhados um pouco por todo o mundo. É a loucura total. Global. Agora, o homem pode realizar todas as suas fantasias, mesmo empobrecendo de espírito. Então, há o mito que o sexo, em excesso, degrada. E o mito que o ascetismo nos desloca, descola, do mundo. Como conciliar estes dois registos? Será o corpo um templo?

15.

Então, há alguma relação com o obsceno, o pecaminoso e o ascetismo, a aparente “falta de corpo”? O homem ocidental é ensinado a ter uma só mulher, mas isso, por estranho que possa parecer, essa condição, acaba por gerar mais relacionamento além dos casos, que é, digamos, tanto para inglês ver, como verbo de encher...Nada de novo...

16.

O sujeito que vive na aldeia, mesmo tendo vindo de um contexto citadino, cosmopolita, tem de sair da terra, pois não aguenta a tensão da adolescência, não sabe o que fazer e vira-se para a vida religiosa, sublimando o problema. Ingênuo como nunca foi, jura viver uma vida religiosa, longe da herança e da vida buliçosa da aldeia, onde há críticas, onde sofre de uma doença parecida com o autismo. Está por lá, longe de cãs, mas volta um dia e só lhe dificultam a vida, pois como lhe dissera a mãe, “não devias ter nascido”. Não é grave, não leva a peito e continua a lutar, sobretudo por teorias como esta, da libido e da sublimação, da perdição e do encantamento...

17.

Depois, o mundo das mulheres, cheio de pequenas e mesquinhas espartices e ratices, a forma como controlam o homem, casado ou não e na verdade, pergunto-me, quando não tenho uma coisa (pelo sentimento de posse), posso dizer bem dela? Só direi bem quando a possuir, quando ela fizer parte da minha intimidade no dia a dia. Ou não será assim? Até lá, vou continuar a procura, enquanto outros gostam de se comprometer com a fealdade, como pressa de cumprir qualquer coisa, porque não aguenta a reflexão, a meditação, a espera e o cálculo...

18.

Como defendi na minha tese de doutoramento, tudo se resume ao corpo, ele é simultaneamente fonte de imanência e de transcendência, ou seja, tomáramos nós levar este corpo e as experiências deste mundo para o além, seria sinal de que continuaríamos vivos e actuais. Mas...não foi isso que Cristo fez e nos prometeu? Decerto que foi, não há que enganar. Então e os outros profetas? Qual o fascínio de não se ser deste mundo? Tem a ver com alienígenas? Com bebés profeta e gravidez

medicamente assistida? Que dizer sobre a eutanásia, neste âmbito? Portanto, ensaiemos um retorno ao corpo enquanto sentido, se ele não se está já a processar, neste contexto etnográfico que é para mim a cidade de Lisboa e com o pressentimento que se processa um pouco por todo o mundo desde há alguns anos para cá.

19.

Qual é, então, a forma, a fórmula do Mal? Se fosse um objecto, qual seria? Porque tem o autor de se interessar pelo obsceno quando isso já passou de modo? Será? Hoje, nem todos são religioso, mas aquele que o são, são-no mais fervorosos. O obsceno é o Mal e a Verdade? E o misticismo, o ascetismo, em função da sua inadequação à realidade, será o Bem? É isto que nos perguntamos.

20.

Vivemos numa sociedade binária, estruturada ainda assim entre Bem e Mal, onde os seus matizes são escondidos para debaixo do tapete para que ela fosse, visivelmente, funcionar, no âmbito da luz clara do dia. Mas a noite é cada vez mais escura, a noite do pecado, da falta e da ausência de reparação, as relações entre as pessoas degradam-se e aquilo que constitui o homem é cada vez mais complexo, sendo que de um lado aumenta a complexidade da constituição do Eu em certo sentido, e do outra aumentam as pessoas simples, básicas, primárias. São elas que contagiam e desiludem os ascetas e os místicos, bem como os intelectuais que procuram explicar o sentido da vida, porque aqui estamos, o que fazemos neste planeta.

21.

Assim, há em certas práticas sexuais a exploração do desvio, do imperfeito, pelo nojo, quando o ascetismo é a perfeição e simplicidade do pensamento. Um tem corpo a mais, outro deseja desprender-se dele, não sabendo que é o corpo que pensa e que, uma vez alojada nesse embrulho, nessa embalagem, o espírito bamboleia de um lado para o outro ora entrando ora saindo dele, manifestando-se das mais diversas formas segundo a parapsicologia, o sincretismo, o espiritismo, etc, abundam as teorias mistas sobre a alma e o destino do homem, bem como a assumpção de uma forma não binária de encarar o homem, na história e no tempo da sua realização espiritual.

22.

A alam faz, então, esforço para sair de si, esforço para se integrar o corpo e o culturismo, o jogging, o ginásio, é índice de tudo isso, tudo se resume ao corpo, o corpo que embate com outro corpo na MMA, se enrola e enrosca com o outro em diversos sentido e com várias opções, sendo uma panaceia para o desalento civilizacional, enquanto o ascetismo para uns parece parvoíce e tontice, para outros é a única via para uma vida são, afinal para um corpo são, porque o que mais importa é o espírito e não a carne, sendo que um se relaciona com o outro e um comanda o outro na manifestação do seu interesse ante as coisas do mundo.

23.

Assim, chegamos a outro ponto: é a vontade do Outro e não a minha que impera e eu, para não ficar só, porque não aguento e é de certo modo anátoma de toda a sociedade, faço o que o Outro quer, ou seja, aí radica todo o sentido da alienação dos tempos de hoje, quer seja em termos da relação a dois, que no conjunto da sociedade, na vida de todos os dias, sendo que o que importa é a minha representação social, quando a representação social é subsumida por alguns como sendo Deus...

24.

O comportamento sexual e social equivalem-se na forma como se desempenham no espaço, descartam-se de um momento para o outro para que o sujeito se possa servir mais ou menos convenientemente desses itens, alienar-se, no fundo, oferecer a sua vontade de viver ao Outro, que quando a tem nas mãos entra em pânico e é só ambulâncias a correr para trás e diante, num processo de substituição da vida perfeitamente desconjuntado. Neste sentido, não deveria ser a felicidade o sentimento de empatia para com o outro, como mostrou Francisco e Clara de Assis? Enquanto uns estão no registo da população, outros são jogados para fora e haverá mais malícia nisso do que o obsceno, ou seja, por outra via, há certos comportamento que são obscenos, para se acotovelarem e aparecer diante das câmaras, ser falado, ser conhecido, enquanto outros nem disso querem saber.

25.

E que papel tem o dinheiro em tudo isto? Enquanto uns ganham obscenidades e têm fortunas pornográficas, outros têm pouco ou nada, Portugal é um país desigual, do outro e do oitenta e seria pior se não tivesse aparecido a burguesia no século XVIII. E, mesmo a sexualidade, não tem grande mistério, a não ser que seja ela mesma ascética, as mulheres são como bonecas nas mãos de homens que apenas querem satisfazer os seus sentidos mais baixos, a sua animalidade, basta que ela não desenvolva muito as frases e diga sim ou não, não há lugar direito para um talvez, para um pensamento próprio, porque enquanto alguns fogem à rebanhada outros gostam de ir na chusma de vozes e odores dessa mesmo registo, é assim, onde há trampa normalmente há muito dinheiro...

26.

Porque quando és rico não te apercebes, nem sequer pensas ou escreves, vais gozando enquanto podes, sem grande alarido ou confusão e quando te vês sem recursos começa a estrebuchar e a gritas, a abanar as pernas de impaciência, tal é o silício da coisa. Porque, para muitos, não fazer nada, não agira, é uma forma de vida, deixam-se estar no café todo o dia, dizendo mal de tudo e mais alguma coisa, destruir é mais fácil do que construir, seja, casas sejam edifícios teóricos filosóficos...

27.

O analista, portanto, enquanto escritor, também tem medo da morte, medo de a dose de obsceno ser exagerada e a de ascetismo ser insuficiente porque, como toda a gente, procura o equilíbrio, pois todos sofrem, entre o asceta e o perverso sexual, e talvez o teórico seja o que mais sofre, mentalmente, a falta de sistematismo de certos discursos ou comportamentos, quando vê a porcaria das ruas, vê gente da cidade ser mais porca do que gente da aldeia, embora com menos recursos e vê, logo que sai da porta de casa, um tipo a cuspir para o chão e a jogar um papel fora, para o passeio, tudo comportamento que revela que os portugueses, na sua maioria, estão deprimidos, cheios de manias ou doenças psíquicas, quando poucos, enclausurados nas suas ordens profissionais, sistematizam isso, esse Mal que se instalou e instilou na sociedade portuguesa.

28.

Portanto, já não chega ser sincero para sobreviver, se for esse o termo, a questão, tens de ser ardiloso, perceber psicologicamente certas coisas, quando muitos apenas se ficam na sua idiosincrasia, seja porque querem ser os maiores de qualquer coisa, seja porque estão apenas bêbados ou drogados, querem aparecer, chegar-se à frente, outros não, escondem-se nos conventos e fazem juras a um Deus que dizem que vêem todos os dias mas que eu ainda não encontrei...

29.

Por vezes, percebes certas coisas mais na solidão do que noutra estado de espírito. Estás contigo mesmo, talvez Deus esteja contigo, preocupado contigo, tu que tens falta de respostas, recebe uma palavra, só mais uma para juntar às balelas que tens ouvido e que de certo modo te conduziram a essa condição. “Não compres livros” -diz a minha mãe quando lhe digo que vou receber, acabo por entrar numa outra forma narrativa, enquanto ainda estou só, nesta casa não entra ninguém senão eu á quase um ano...Que devo pensar? Ou não pensar, deixar escorrer o tempo, estar e permanecer quieto no meu canto?

30.

Sim, a vida nestes termos de Lisboa é onde andou Fernando Pessoa, um Desassossego, com a canção do jovem que andou nas obras em França. Entre o Salto e o Cacimbo anda o português, sorvendo o tempo, encostando-se aqui e ali, sistematizando umas vezes e outras ficando-se pela explicação simples. Acreditar, precisamos de acreditar em qualquer coisa e é sempre mais válido acreditar pela fé no Deus do que pelo ardor do Diabo, voltamos ao binómio de sempre, o Bem e o Mal, o obsceno e o puro, ingénuo, como quando fomos crianças e vimos pela primeira vez mulheres nuas na revista Gina, fumando cigarros sem filtro Paris ou Provisórios e definitivos e quando havia filtro, fumávamos o Ritz...

31

Sim, porque para nós não era obsceno, era a descoberta da vida adulta, que se foi fazendo, entre dificuldades e algumas vitórias, “umas vezes forte e outras fraco”, como diz a canção do Pedro Abrunhosa.

32.

Portanto, também a filosofia te pode salvar. Eu sou salvo todos os dias por ela, mas pela religião também. Que importa que me ofendam e criticam, coisas que nunca mais acabam, desde chulo a tarado, a pedófilo e gay, nunca mais acaba, vais saber. Mas persisto e tenho um reflector de crítica, um invento meu, que é Cristo, afinal, ele me ajuda sempre a sentir-me melhor, acima de toda a injustiça e de todo o Mal, afinal. Por vezes é preciso dizer tolices para teres amigos, adaptares-te, não pensares tanto por ti mesmo e apenas pela tua cabeça, porque tens de te adaptar, olha os bichinhos, como eles fazem, evoluem à lei da força, como os ucranianos que depois da crise que grassou o seu país nos anos dois mil ainda têm uma guerra...

33.

Não percas o sentido da realidade, seja ela social seja íntima e se perderes, procura rápido reencontrá-lo. A vida tem altos e baixos, picos e vãos de existência. Não é linear, não é binária, tem muitos matizes, como tu tens nas curvas e reviegas do teu skate, da tua bola, do teu jogo de xadrez, se for caso disso...

A Meta que Foge: uma re-interpretação do voluntarismo

Argumento

O sexo, a sedução, é um *não querer-querendo*, por relação ao mundo, quando és frontal e dizes o que desejas, em contexto cosmopolita, urbano, acabas por deitar tudo a perder. Daí o voluntarismo e a ausência dele, na confluência das várias culturas em contexto citadino. É preciso criar um precedente, uma forma de agir, uma imagem, um lugar ao sol.

Desenvolvimento

1.

Isto porque alguns, a maioria, está mais preocupado com a impressão de que pode causar, do que realmente em si e isso tudo depende da deformidade dos media, ou seja, o que és para um pode não ser para outro, sendo que os media são laicos, obscenos, políticos e ocupam o lugar que Deus ocuparia noutros tempos. Por isso, o sujeito se cansa do voluntarismo e já que tudo isto é um circo, vamos então fazer circo. Em Lisboa.

2.

Assim, o homem está sempre procurando a meta no seu afã e arfar de realidade, mas esta vai sempre avançando, à medida que ele mesmo avança e é nessa fatalidade que vive a vida. Até um dia...

3.

Voluntarismo está ligado a solidariedade e certamente a uma herança cristã, diria até judaico-cristã. Porque uma atitude laica está ligada à implantação e legitimação das ciências sociais, que vêem a religião como mais um traço da cultura, ao lado de outros, a economia, a política. Está essa atitude, uma herança recente, desde o século XIX para cá ligada ao planeamento, a uma visão científica da cultura. Mas isto está a mudar, por parte da Igreja há também essa ideia de planeamento e explicação do homem como ser social e isso em nada retira à sua face sobrenatural, mística.

4.

Portanto, como deve a vida ser vivida? Por hedonismo ou por puro ascetismo, nas nuvens ou em terra? Mesmo o filósofo agarra-se à imanência quando se sente aflito, o mundo é a sua câs e ele não quer morrer, por mais agruras que experimente na sua existência, ao contrário de outros, que se fartam bem depressa.

5.

Deve-se ficar à espera, na espera dos dias e gerir o capital ou correr para a vitória desalmadamente, com ganas e fervor? A questão é tão velha quanto a humanidade, ou seja, enquanto uns são preguiçosos outros fazem demais e gozam de menos...

6.

Portanto, o homem oscila entre a honestidade e a desonestidade, entre o Bem e o Mal, numa visão maniqueísta implantada desde há séculos na sua mente e que condiciona o seu discurso e o seu comportamento. E essa concepção binária estende-se à sexualidade, está arraigada no mais íntimo do ser, enquanto há machos alfa generosos, voluntariosos, esse atributo parece pertencer aos “diferentes”, àqueles que mais sofrem na pele a discriminação...

7.

Seguimos de perto três livros: *Elogio da Sede*, de Tolentino de Mendonça, *A Era das Revoluções*, de Eric Hobsbawm e *Ciência e Filosofia*, de R. Collingwood. O que é que estas obras têm em comum entre si? Teologia, História e Filosofia. O que nos conduzia até aqui? A marginalidade e a injustiça, a discriminação e o ostracismo. Mesmo assim, continuamos, os portugueses nunca gostaram de franceses nem de espanhóis, por nisso nada há que admirar, tudo estava planeado à partida.

8.

Na verdade, aquele que ofende o outro tem baixa auto-estima. Porque se precisa de apoiar no Outro para se afirmar.

9. “Sou etnóloga de mim-mesma” -dizia o prémio Nobel de Literatura deste ano.

10.

Na verdade, o que é a verdade? É a fama, o êxito, sucesso, o desfloramento do social, o êxito individual? E a solidariedade, como fica? Fica apenas para as circunstâncias iguais? Não pode ser um princípio orientador da acção? Tudo parece sem sentido neste mundo, mas tu és especialista em procurar sentido, em fazer remontadas, por isso persistes, vais adiante, muito mais além do que iria um ponta ou indo ao seu encontro mais além, à esquerda, à direita, tanto faz...

11.

O mundo, o teu mundo, deu um salto ao longe do pouco mais um ano. Tua apercebeste-te disso, porque estiveste atento, observaste, tiraste conclusões, falaste com as pessoas. Está no mesmo lugar e, no entanto, como mudou o mundo, entre a TV e a rua, apenas numa cidade? Como seria em Nova Iorque? Em Pequim ou Dili?

12.

A vida, filosoficamente falando, é essencialmente movimento, uns dizem devir, outros lêem Bergson, o que não quer dizer que não haja vida na contemplação, às tantas mais concentrado no espaço, mais nervosa e fervilhante... Entre um e outra vai o movimentos nos dias do jovem que trabalha por conta de outrem, porque é sempre complicado alguém fundar uma empresa quando se é jovem, por isso adquire alguma experiência e junta-se a um mestre, a quem sabe mais das coisas do mundo, para ganhar dinheiro, porque afinal, tudo se resume a isso, à subsistência neste mundo agreste e complicado. Mas nem tanto, a receita é simples, é preciso é cabeça par ganhar dinheiro e a maioria tem ou não tem, por outro lado, adquire e outros como eu acabam por viver com pouco, ainda que felizes, desejando fazer muita coisa e apenas meditando naquilo que fizeram, de bom e mau, tendo também em conta os matizes intermédios entre branco e negro.

13.

Então, como interpretar a vida? Ela é surpresa, novidade a todo o momento, quando julgávamos entender a vida social, segundo modelos ora herdados ora apreendidos e apreendidos, tudo se desfaz e reconstrói de um momento para o outro, como no filme Rocky II...

14.

O que se nota em certos fenómenos sociais é que, ao mesmo tempo pode haver uma antropomorfização fenomenológica dos seres enquanto entidades supremamente activas, actuantes e uma animalização mais ou menos subliminar, ou seja, se nos concentrarmos no homem percebemos que tanto se adapta ao meio ambiente quanto o domina...E isto é recorrente em contextos citadinos, sendo que em sociedades simples, tradicionais, também acontece inclusive muitos humanos tomarem o espírito do animal com quem convivem, seja turbulento seja doce e "amável". Gaston Bachelard tem uma aproximação fabulosa a esta questão na sua "Psicanálise do Fogo".

15.

Então, pensando ainda em filosofia e antropologia, será que estas ciências protegem os maus e não os bons, já que estão do lado das minorias, primariamente a primeira? Não, para além da questão do livre arbítrio, há o direito, a lei, a religião, estas ciências não podem ser uns fura minas do conhecimento, por vezes adiantando teorias totalmente desfasadas da realidade. E lembro-me também da filosofia e da geografia humana. São ciência *nomotéticas* (em vez de *nomotéticas*), actuam para além de qualquer verificação de culpabilidade ou juízo...

Mas, então, a quem servem as ciências sociais e a filosofia? Servem à literatura das coisas, ao enlevo diante do momento, entre problema equacionado de certa forma e solução equacionada de outra forma...

16.

Porque o Bem alimenta o Bem e a certo ponto (do Bem) somos egoístas, eis a natureza humana, mas antes disso do que estar sempre a insistir no Mal como se ele fosse produtivo, válido, legítimo...

17.

Por isso te digo, com veemência, não guardes a antropologia para ti e também não guardes a filosofia para ti, como se fosse um alimento intelectual que te torna num ser estranho (que se entranha) anónimo, cruel, ainda que sejas doce para com aos cães que sujam as ruas, ainda que sejas simpático, porque afinal tens bom coração, porque se não tivesses talvez não tivesses investido na religião em jovem, quando poucos o fizeram, mas tu só querias ter uma educação intelectual e tiveste-a, portanto, estás também além da América, para onde já devias ter ido, dado o volume e a qualidade do que escreves, inclusive do ponto de vista não somente literário, mas filosófico, ias ter com a Susan Sontag e a Laurie Anderson para trocar umas ideias na New School for Social Research.

18.

O voluntarismo, então, será uma espécie de religião, onde eu dou não para que dês, como sugerir o anti-utilitarismo de Marcel Mauss (Vide *Revue du Mauss*, na internet, uma pérola que explica muitas lógicas da sociedade actual, a primitiva e a moderna, em termos da troca simbólica e efectiva de bens entre indivíduos de grupos diferentes e do mesmo grupo), mas dou para que não dê a mim mas a outro... Estranha sentinela esta do capitalismo moderno face ao tradicionalismo das sociedades de solidariedade mecânica, mais atreitas a acreditar em Deus, quando em NYC só se acredita n'Ele depois de uma grande período de stress, assim dizem os filmes que recebo na minha "cable TV"...

19.

A ética da normatividade...por isso as ciências *nomoéticas*, não apenas subdisciplinas, mas grandes ciências, como a filosofia e a antropologia, mas também a geografia humana e a sociologia que põem o dedo na ferida quanto ao que é preciso fazer acerca do homem, além do Direito, além da Economia e das Finanças, porque o homem não é um número, é um Ser e isto não assume nenhuma atitude mais ou menos transcendental, é qualquer coisa do âmbito do que temos dito neste ensaio e em outros anteriores...

20.

A via existencial não deixa de ser coisa especulativa, quando estás só, não deixas de pensar em mil e uma coisa e na morte, também, na tua como na dos outros e sabes, que mais cedo ou mais tarde, esse registo que és tu irá acabar, por isso optas por ser bom de coração, como sempre foste, ou seja, continuar a ser bom, mais e mais, cada vez mais, mas apercebes-te que os outros não te acompanham e que a maioria são ratos de esgoto... Que fazes, nessa situação? Tornas-te num deles? Não, manténs a tua conduto porque, ao menos, os jovens te vêem como exemplo e isso vale muito mais do que o exemplo de certos pais...

21.

É que a arte, verdadeiramente, não existe, é apenas um simulacro da mente objectivado no real, se quisermos, na realidade social que vai ser vista por todos os outros como obra de arte da autoria deste ou daquele e artista. O que existe é a crença em Deus, o ímpeto do voluntarismo para anunciar ao outro que Cristo é vivo e faz bem à saúde do mundo, ou seja, o ímpeto colonizador era também um ímpeto religioso, teogónico, como diria Paulo Borges...

22.

Mas... o que é afinal o Bem? Fazer o que os outros esperam de nós? Ser íntegro em nome daqueles que amamos? E o Mal? O que é o Mal? Matar e roubar é mal, sempre me ensinaram e há muita coisa de mal a ser feita se te entregares ao trabalho de o fazer, sendo que o mais difícil é fazer o bem e continuamente, ao longo de uma vida, de setenta, oitenta anos...

23.

Nesse registo continuas, analisando as coisas do mundo, enquanto as coisas do céu te esperar intermitentemente para se manifestarem à tua mente, porque afinal que terá razão, António Damásio ou Tolentino de Mendonça? Sim, a neuropsiquiatria ou a poesia de Deus? Já disse tudo, prefiro a poesia, se vier de Deus tudo bem, entendo-me bem com isso, porque, afinal, não tenho nenhuma vendetta em dia e apenas quero não sobreviver, mas viver, no pleno e teológico sentido da palavra...

24.

Depois, pensas na tua obra não como cálculo mas como oferta de generosidade em relação ao mundo, um mundo que te deu pouco, sempre tiveste de subir a pulso ao longo da vida para ter uma boa formação intelectual e maior parte das vezes sem afecto algum de ninguém, sempre exigiram demais de ti e pouco te deram, mesmo em Lisboa. Por isso continuas à espera, ainda lutando, ainda fazendo alguma filosofia e antropologia, sem subsídio ou bolsa alguma, a tuas custas, às custas dos teus irmãos, diga-se em abono da verdade, a verdade existencial de ti mesmo, diria Virgílio Ferreira e porque estás em campo aberto continuas, isto é ser-se honesto, até ao fim, mesmo que só num apartamento apenas com a companhia do Silvestre, melhor, Farp...

25.

Enquanto muitos filósofos elaboram teoria e nunca se desviaram da filosofia, eu cá vou andando, tentando acreditar que a ciência social é também uma forma de filosofia, que a filosofia é também uma forma de antropologia, ou seja, temos basicamente várias opções no nosso destino existencial, isto a meu ver: ou sou etnólogo de nós mesmos, como foi a autora francesa, ou sou etnólogos tradicionais, seja dos outros, e essa é sempre a música através da qual tem de oscilar a nossa existencial, ou Eu ou o Outro...

26.

Na verdade, um e outra dá trabalho, a filosofia como a antropologia, não se extraem apotegmas do cérebro de uma momento para o outro, é preciso o crivo da experiência, os data, os dados, a experiência, e isso é mesmo antropologia, ouvia a opinião dos outros, a voz do mundo, mesmo que seja um eco direccionado ao infinito, tu tiras sempre alguma conclusão a partir da tua relativa pequenez enquanto observador-participante...

27.

Assim, escolhe uma vida sem vícios, sem tabaco nem álcool, mesmo que te achem chato, o mais importante é estar vivo, é o contrário de estar morto, diz o povo e tu adorar estar deste lado, mesmo chateando na reviença algumas almas que te foram entregues à consignação. São assim as relações sociais, custa dar, como diz o cantor David Fonseca, mas é dando que se recebe, *do ut des*, e lembra-te da dádiva, sê generoso, ao menos ficas em paz contigo mesmo, voluntarioso, pois então...

28.

Depois, tens de aprender um pouco de economia, ou seja, aprenderem a governar a casa como se fosse mordomo dela própria, ou seja, instilar no teu espírito uma ideia de eficiência e, além disso, de eficácia, para que não fiques a olhar para trás todos o todo e, afinal, ficar para trás no tempo. Portanto, são várias as variáveis que tens de controlar, desde o ecumenismo á economia...

29.

Eis, portanto, o instinto de sobrevivência a toda a prova depois de ver filmes americanos, enquanto o Ahmed da loja ao fundo da rua vai vendo Bollywood, pois todos precisamos de algum romantismo nas nossas vidas, nem que seja o romantismo das viagens, do deixar tudo para trás e ir para fora e daqui de onde estás, podes ir a muito lugar e com certeza que não te vão receber mal em todos os lado, lembra-te, a viagem é longa, como diz a canção, mas já dizia Voltaire, vai até ao fim, nem que leves alguma pancada pelo caminho, pois afinal podias ter ido para a Legião estrangeira...

30.

Luta, luta sempre por atravessar essa névoa de leite que está diante da tua frente, dos teus olhos, como se fosse um grande obstáculo, lavar ou secar, afinal sai leite em pó para dar aos meninos da escola. Resiste, dá resposta, aguenta, No Pain, No Pain!

31.

Pensa assim, remotamente, por muitas dificuldades passaste, mas agora estás livre, ainda por cima estás só, não sozinho, pois nunca ninguém está realmente só, diz a sociologia em particular e as ciências sociais em geral, podes fazer o que quiseres e nem precisas de muito dinheiro para te divertires, olha para a metafísica e a fenomenologia do vento, da chuva que te bate na cara e no pescoço, que te enerva de tão fria que é, porque não trouxeste o guarda-chuva da aldeia... Nem tudo é uma sessão de psicanálise, as coisas são simples, por isso aprecia as coisas simples, um bom prato de alheira ou mesmo um bitoque ou até um bom hambúrguer no MacDonalds acompanhado de uma pequena cerveja, que é o que estou a beber a esta hora...

32.

Escolheste a escrita e, no meio de tanta sorte, frustração e desilusão, até tens sorte, digamos, a tua arte aperfeiçoa-se com o tempo, por isso vai, persiste, esquece, nomeadamente a casa e deixa o gatito cuidar dela por umas horas e entre nesse metro que te leva até ao Cais do Sodré e vai até Cascais, pode ser que encontrar por lá alguém para conversas, e como diz a canção de Bobo Dylan, “não és velho, assenta, encontra uma miúda, podes casar se quiseres, olha para mim, sou velho mas sou feliz”...

33.

Por isso, não desistas de ser professor de Filosofia, é isso que quero dizer, come em ti o pulso do tempo, do momento quanto da estrutura, vai adiante, mesmo que andes aos ziguezagues, progride sempre um bocadinho, mesmo que estejas distraído e se errares mais além, não te cubra o pecado de vergonha e vai um pouco à missa, ou simplesmente à Igreja para te reconciliares com Ele, aquele que te deu vida pois é da tua cepa, portanto há qualquer coisa de sanguíneo nisto tudo, de identidade, de coração e firmeza, pois é, é a necessidade de ser um justo ao lado de outros, para de certa maneira os aguentar também um poucos do lado da justiça...

34.

E, apesar de tudo, tens uma patologia psiquiátrica, além de todos estes pensamentos que tens tido no âmbito das ciências sociais e da filosofia, até da psicologia, darias um bom psicólogo, quanto darias um bom sociólogo, mas não és, és antropólogo praticamente de nascença e filósofo por adopção às várias universidades de Lisboa, a que alguns chamam de faculdades, onde existe o ensino de Filosofia e, afinal de contas, a Católica ensina ciências sociais pela tua *démarche* de ter vindo da teologia para a antropologia social, muitos se aproveitam disso para terem conveniência e brilho académico...mas isso são contas de outro rosários, qualquer dia ainda vais ajustar contas com quem se aproveitou do dinheiro do teu pai enquanto lá estiveste e violentou o teu corpo enquanto lá (não) estiveste...

35.

Tudo desemboca na psiquiatria, quem quer saber da religião, só as almas simples, ingénuas, que estão começando a sua ligação com o mundo...será mesmo assim? Nunca vi tão bom livro como *A Essência do Cristianismo*, de Ludwig Fuerbach, podia ter sido escrito hoje e hoje está mesmo actual, actualíssimo. Poucos se lembram disto. Ou não querem mesmo lembrar-se porque não lhe convém. Enquanto isso, Anselmo Borges fica na gaveta, ultrapassado por um tipo que estudou antropologia social e não creio que o Tolentino seja melhor escritor do que ele, que nem sequer é padre...

36.

De resto, de tanto saber, não sabes como andar. Destrinçaste um mundo, entre Eliade e Lévi-Bruhul, entre Beckett e Henry-Lévi, que também gostava da obra *Os Cús de Judas*, do Lobo Antunes, que vai doar todos os seus livros à biblioteca de Benfica, a nova. É assim a vida, enquanto alguns autores sortudos dão aulas, outros viajam a expensas de uma editora para encher o olhar dos seus leitores de província que nem se atrevem a aproximar-se de Lisboa porque temem o Novo Mundo...

Vivemos numa sociedade que está atrasa em tudo menos no turismo e no vinho. A doença mental é tabu, tanto vês gente triste, imensamente deprimida, quezilenta, quanto alegre, eufórica, como se tivesse duma rave de mais de três noites e três dias seguidos. Não costumo cuspir no prato em que como, mas há certas coisa que não tolero ver. A injustiça face ao esforço e ao talento. Porque são sempre os mesmos. Depois, a sexualidade. Todo o tipo quer arranjar uma honesta para dar as suas cavacadas por fora. E dizem que é o espírito de Lisboa. *The Lisbon State of Mind*, como alguém gravou numa camisola branca e andou anunciando Lisboa fora e adentro... E é nestas tristes circunstâncias que acabamos este ensaio...

